UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP
CURSO DE JORNALISMO

FRANCINE DA SILVA RODRIGUES

MEMORIAL DO LIVRO-REPORTAGEM
VILA TIBÉRIO: DA HERANÇA DE UMA TERRA ÀS MEMÓRIAS DE UMA PAIXÃO

RIBEIRÃO PRETO
DEZEMBRO/2018

FRANCINE DA SILVA RODRIGUES

MEMORIAL DO LIVRO-REPORTAGEM
VILA TIBÉRIO: DA HERANÇA DE UMA TERRA ÀS MEMÓRIAS DE UMA PAIXÃO

Memorial do Produto Midiático apresentado à Universidade de Ribeirão Preto – UNAERP, como requisito final do Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de Jornalista.

Orientador: Prof. Me. Geraldo José Santiago.

RIBEIRÃO PRETO – SP

DEZEMBRO 2018

Ficha catalográfica preparada pelo Centro de
Processamento Técnico da Biblioteca Central da UNAERP

- Universidade de Ribeirão Preto -

Rodrigues, Francine da Silva, 1988 -
R696m Memorial do livro-reportagem Vila Tibério: Da herança de uma terra às memórias de uma paixão / Francine da Silva Rodrigues. – Ribeirão Preto, 2018.
172 f.

Orientador: Prof. Me. Geraldo José Santiago.

Monografia (graduação) - Universidade de Ribeirão Preto, UNAERP, Jornalismo e eventos. Ribeirão Preto, 2018.

1. Vila Tibério. 2. Livro-Reportagem. 3. Bairro Antigo. 4. Tibério Augusto I. Título.

CDD: 070

FOLHA DE APROVAÇÃO

RODRIGUES, Francine da Silva

Memorial do livro-reportagem: Vila Tibério: Da herança de uma terra às memórias de uma paixão

O presente trabalho foi examinado, nesta data, pela Banca Examinadora composta dos seguintes membros:

_____

Prof. Me. Geraldo José Santiago (orientador)

_____

Examinador 1

_____

Examinador 2

NOTA:_____ Ribeirão Preto _____/_____/2018.

Dedico este trabalho a **mim** mesma, que consegui cumprir esta tarefa de transpor todo o aprendizado recebido, de meus mestres, durante estes quatro anos.

A minha **mãe** que sempre acreditou em mim.

Ao meu marido, **Natan Ferraro**, que me ajudou e que esteve o tempo todo ao meu lado.

Aos meus **entrevistados**, pois sem eles nada disso teria sido possível.

E a grande amiga **Irene Coimbra**, que sempre me incentivou a escrever um livro, que hoje está sendo finalizado.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a **Deus**, por ter me conduzido a todo momento para a realização deste grandioso trabalho, por nunca me desamparar nos momentos de cansaço e por me conceder saúde e paciência para alcançar meu objetivo final.

Ao meu esposo, **Natan Ferraro**, que me ajudou diariamente, me incentivando e sendo compreensivo nos meus momentos de ausência e sempre acreditando no meu potencial.

A minha **mãe**, que acompanhou todo processo de construção deste trabalho, desde os primeiros contatos com os entrevistados até a finalização e produção final do livro.

A minha sogra **Maria Antonia**, que fez toda a revisão do livro.

Aos meus **entrevistados**, afinal, este trabalho só foi possível, graças a cada um de vocês, que se dispuseram a me ajudar relatando as mais lindas histórias vividas em um lugar único, a nossa querida Vila Tibério.

As minhas amigas **Vitória Junqueira** e **Sarah Pelloso**, que não me deixaram desanimar, apesar de toda correria.

Ao meu orientador, **Profº. Me. Geraldo José Santiago**, que a todo momento me incentivou na produção deste trabalho me orientando a qual caminho seguir e mostrando que eu poderia ir cada vez mais longe.

A **Profª. Flávia Martelli**, que me ajudou na elaboração de todo memorial com toda paciência do mundo.

Ao **Profº. João Flávio de Almeida**, que me orientou a como formatar o livro da melhor forma possível.

A **Irene Coimbra**, grande escritora e poetisa de Ribeirão Preto, que também me ajudou com a revisão do meu livro e por ser uma das grandes incentivadoras para a finalização e lançamento deste livro-reportagem.

A todos vocês, **GRATIDÃO!!!**

“Um povo sem passado é um povo sem história… Um povo sem história é um povo sem raízes. Não cresce e não produz frutos. ” (RUBEM CIONE).

RESUMO

O presente trabalho, reuniu pesquisa e produto midiático, teve como objetivo principal a produção de um livro-reportagem. Intitulado “Vila Tibério - Da herança de uma terra às memórias de uma paixão”, o livro objetivou resgatar histórias da Vila Tibério, um dos bairros mais antigos da cidade de Ribeirão Preto. Através de pesquisas em arquivos públicos e arquivo pessoal dos moradores do bairro, com a abordagem qualitativa da história oral, registrou a criação do bairro, a classe operária, o comércio, o time do Botafogo Futebol Clube, entre outros aspectos marcantes do bairro. Um segundo objetivo, com este Projeto, em sua função social, foi compartilhar com os ribeirão-pretanos, principalmente as crianças, personagens e momentos históricos da Vila Tibério, sob o olhar de quem vive ou já residiu no bairro.

Palavras - chaves: Vila Tibério; Ribeirão Preto; Livro-Reportagem; Bairro Antigo; Tibério Augusto.

ABSTRACT

The present work, which has gathered research and media content, had as its main objective the production of a book-report entitled “Vila Tibério – From the heritage of a land to the memories of a passion”. The book intended to rescue stories of Vila Tibério, one of the most ancient neighborhoods in the city of Ribeirão Preto. Through researches in public and personal files of the neighborhood inhabitants, with a qualitative approach of spoken history, registered the creation of the vicinity, the working class, the commerce, the Soccer Team Botafogo, among ohter remarkable aspects of the neighborhood. A second objective, within this Project, in its social role, was to share with Ribeirão Preto citizens, especially the children, characters and historical moments of Vila Tiberio, under the eyes of those who have lived or resided in the neighborhood.

Keywords: Vila Tibério; Ribeirão Preto; Book Report; Old Neighborhood; Tibério Augusto.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....10
CAPÍTULO I – O LIVRO-REPORTAGEM.....12
1.1 O QUE É LIVRO-REPORTAGEM.....12
CAPÍTULO II – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....18
2.1 O COMEÇO DE UMA CIDADE - RIBEIRÃO PRETO.....18
2.2 O INÍCIO DA HISTÓRIA - VILA TIBÉRIO.....21
CAPÍTULO III – PROCESSOS DE PRODUÇÃO.....25
3.1 POR QUE A VILA TIBÉRIO?.....25
3.2 PÚBLICO ALVO.....26
3.3 PROJETO GRÁFICO.....26
3.4 FOTOS.....28
3.5 ENTREVISTADOS.....30
3.6 DIFICULDADES.....37
3.7 COMENTÁRIOS.....38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....40
REFERÊNCIAS 41
ANEXOS.....43
APÊNDICES.....62

INTRODUÇÃO

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), até o ano de 2010, o bairro Vila Tibério, na cidade de Ribeirão Preto, era formado por uma população de mais de 18 mil pessoas (18.715), e 15,5% dessas pessoas tinham idade acima de 65 anos, isso significa uma média de três mil pessoas idosas para uma média de 13 mil pessoas mais jovens, entre 15 e 64 anos.

Levando em consideração que grande parte das histórias do bairro está arquivada na memória dos idosos, e/ou mais velhos, com a mortalidade dos mesmos, essas histórias vêm se perdendo e pouco se sabe sobre grandes fatos que poderiam ser compartilhados com todos moradores, em especial crianças e jovens.

De acordo com o artigo “A invenção da memória nos arquivos públicos” de José Maria Jardim (1995), “para Lowenthal (1989), memória, história e relíquias constituem metáforas mútuas, ‘rotas cruzadas em direção ao passado’ fontes de conhecimento” (LOWENTHAL,1989, apud JARDIM, 1995. p.2).

Ter um documento oficial, montado e organizado através de depoimentos pessoais e verídicos é uma forma de se arquivar muito da história do bairro. Nesse momento, a importância de um livro-reportagem faz toda a diferença. Através dele ficará registrado vários relatos históricos do bairro que posteriormente poderão ser utilizados de forma didática nas escolas locais e também para o conhecimento de toda a população do bairro e de Ribeirão Preto.

A proposta do livro-reportagem, intitulado “Vila Tibério - Da herança de uma terra às memórias de uma paixão”, é exatamente porque não há muitos registros sobre a história do bairro, criado há 138 anos, a não ser o que é divulgado pelo Jornal da Vila, produzido pelo jornalista Fernando Braga, através das histórias que os antigos moradores contam.

Sendo assim, o livro-reportagem conseguiria captar histórias dos moradores mais antigos e em uma compilação registrar esses relatos por mais tempo? Resgatando essas histórias, as crianças e até mesmo os mais jovens teriam acesso a fatos marcantes do local em que vivem ou já viveram?

Visando resolver essas questões, esta pesquisa, a priori, contextualizou sobre livro-reportagem, seguido da aplicação de suas técnicas na prática, ou seja, o processo de apuração e levantamento de dados, com a formatação do resultado,

através das narrativas sobre a criação e os primeiros moradores do bairro Vila Tibério, desde o momento que Tibério Augusto herdou as terras do sogro até a morte do fundador e também quem eram as primeiras pessoas que residiam no local. Registrou e analisou aspectos da vivencia operária; histórias de antigos estudantes das escolas públicas do bairro; história da Paróquia Santuário Nossa Senhora do Rosário, da Praça Coração de Maria, dos antigos cinemas, a ligação do Botafogo Futebol Clube e do Jornal da Vila, com o bairro. E documentou através de fotos, vários destes momentos relatados.

Esse projeto se justifica por ser um trabalho jornalístico em que irá arquivar parte da história do bairro em questão, visando que posteriormente esse livro-reportagem poderá ser utilizado de forma didática nas escolas da cidade e também, pelo simples fato, da autora deste projeto ser ex-moradora do bairro e ter um carinho muito grande pelo local, fazendo assim uma pequena homenagem ao bairro em que cresceu.

O desenvolvimento do livro-reportagem exigiu a aplicação de técnicas e ferramentas, que envolveu a pesquisa bibliográfica em arquivos públicos e pessoais, como o arquivo do Jornal da Vila e da história oral, levantamento de informações direto com fontes com a aplicação de entrevistas em profundidade e aberta, além de procedimentos inerentes ao processo de produção jornalística de uma grande reportagem, que parte da seleção do assuntos e personagens, seguiu pela pesquisa, documentação, entrevista e redação do texto, para posterior edição e publicação.

CAPÍTULO I - O LIVRO-REPORTAGEM

Diariamente, a população é bombardeada, pela maioria dos veículos de comunicação, por várias notícias ao tradicional estilo Hard News, onde as informações são transmitidas em tempo real e com objetividade. Com isso, o leitor não consegue se aprofundar na história que está sendo narrada, perdendo assim, certas particularidades de um fato que poderia ser abordado com muito mais intensidade e riqueza em detalhes, de um modo geral.

Neste momento que o livro-reportagem se faz importante, porque diferentemente de um jornal diário, em que o tempo e espaço são restritos, o livro não tem deadline e nem limite de conteúdo. Com ele, quanto mais informação se aplica em uma história, mais intrigante e interessante ela se torna. E o livro-reportagem ele é exatamente para isso, para intrigar e provocar o interesse, cada vez mais, do leitor que gosta e quer saber mais sobre histórias, que diariamente são tratadas de forma rasa, mas que por trás existem narrativas maravilhosas.

1.1 O que é livro-reportagem

Quem acompanha diariamente todas as notícias do Brasil e do mundo, geralmente quer estar bem informado de tudo que se passa ao seu redor. Para o jornalista e escritor Eduardo Belo (2006), quando uma pessoa se torna um assinante mensal de um jornal impresso ou quando até mesmo vai em uma banca para comprá-lo, fica claramente evidenciado que o leitor em questão está querendo saber algo a mais e não somente uma breve informação. De acordo com o escritor Edvaldo Pereira Lima (2009), o livro-reportagem vem para isso, para preencher lacunas que os periódicos acabam deixando em aberto, ele “estende a função informativa e orientativa do jornalismo impresso cotidiano uma vez que cobre vazios deixados pela imprensa, e amplia, para o leitor, a compreensão da realidade” (LIMA, 2009, p.61).

Para Belo (2006), com os avanços das tecnologias, o jornalismo impresso como as revistas e até mesmo os jornais, não sabem muito bem como sobreviver neste universo de notícias instantâneas que a internet permite atualmente. E uma

coisa que se perde por conta da tecnologia, é a clássica reportagem[1], esta que "é a ampliação do relato simples, raso, para uma dimensão contextual" (LIMA, 2009, p.18), e quando ela se torna algo de maior amplitude, a reportagem passa a ser uma grande-reportagem, onde o jornalista tem a possibilidade de ir a fundo nos fatos e em seus contextos, dando assim, certa liberdade aos escritores (LIMA, 2009), que acaba deixando de lado o tradicional formato americano da utilização do lead e pirâmide invertida (BELO, 2006). E é essa grande-reportagem que o livro-reportagem permite.

Uma das funções do livro-reportagem é dar liberdade ao jornalista de escrever, e de ir além de simples fatos. Seria então, um tipo diferente de jornalismo? Para Belo (2006), pode-se dizer que sim e não. A reportagem de livro tem claras diferenças aos textos que são escritos na imprensa diária, mas não deixa de ser apenas uma reportagem, "passível de empregar exatamente o mesmo padrão técnico e de conduta, como se fosse publicada em qualquer outro meio de informação" (BELO, 2006, p.41). O autor ainda afirma, que as características de um livro-reportagem "não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve como complemento a todos" (BELO, 2006, p.41). Belo (2006) conta, que não existe uma data de nascimento precisa, mas pode-se dizer que o livro-reportagem ganhou mais força na Europa no século XIX[2]. Para Lima (2009), "de todas as formas de expressão do jornalismo e da literatura, a modalidade que melhor utiliza o potencial do livro-reportagem é o jornalismo literário" (LIMA, 2009, p.351).

De acordo com Belo (2006), apesar da grande tradição literária vir da Europa, foi o americano John Reed, que envolto a um cenário de eclosão de crises, revoluções, revoltas e conflitos, deu início à produção de reportagens em livro. Sem esconder sua posição política, em 1914, ele escreveu o livro "México rebelde!" e em 1919, escreveu "Dez dias que abalaram o mundo". Mesmo sendo considerado como o precursor do jornalismo literário e pai do livro-reportagem isso não significa que ele tenha sido o primeiro. Isso porque, "não faltam relatos de não-ficção anteriores a eles. Pelo menos um deles no Brasil, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha" (BELO, 2006, p.22).

---

[1] A reportagem começa a fazer parte do jornalismo, a partir da década dos anos 20, juntamente com uma nova categoria de prática de informação jornalística: "a revista semanal de informação geral e o jornalismo interpretativo" (LIMA, 2009, p.18)

[2] A tradição literária do continente europeu, fez com que com o passar dos anos os jornalistas criassem o hábito "de fazer de cada narrativa um desafio de inteligência e compreensão do mundo, a partir de um ou mais pontos de vistas" (BELO, 2006, p.20 e 21).

O jornalismo que praticamente surgiu através da literatura, com o passar do tempo se distanciou dele. Porém em meados da década de 60 o jornalismo se viu mais próximo dele novamente, surgia então o gênero New Journalism (BELO, 2006).

> Não era propriamente uma novidade, apenas um rótulo - que até já havia sido usado antes, sem que o nome pegasse.[...] A tal técnica consistia em, simplesmente, narrar os fatos com recursos mais próximos da literatura do que a linguagem apressada, telegráfica e enxuta - não necessariamente no bom sentido do termo - do jornalismo. Enfim, era uma espécie de "voto de protesto" contra a ditadura do lead e da pirâmide invertida. Se o modelo e até o nome já haviam sido empregado antes, foi só a partir da metade do século que o new journalism alcançou notoriedade (BELO, 2006, p.24 e 25).

Se com o new journalism, os textos jornalísticos se aproximaram ainda mais da literatura, vale reforçar que de acordo com Belo (2006), foi no final do século XX, meados dos anos 80, que os jornalistas brasileiros tomaram gosto de verdade pela reportagem em livro, prova disso são os diversos nomes que trabalharam na área, como por exemplo Caco Barcellos com o livro Rota 66, Roldão Arruda que escreveu Dias de Ira, Sergio Saraiva com o livro O caso da Favela Naval: polícia contra o povo, entre outros.

De acordo com Belo (2006), a mais precisa definição do que é uma reportagem em livro, vem do outro autor que também está sendo contextualizado nesse projeto. No livro "O que é livro-reportagem" de Edvaldo Pereira Lima, ele o define da seguinte forma: Livro-reportagem é "avançar as fronteiras do jornalismo para além dos limites convencionais que ele próprio se impõe" (LIMA, 1993, apud BELO, 2006, p.41 e 42). Para Belo (2006), "o livro pede um nível de detalhamento, profundidade e contextualização que outros veículos não conseguem oferecer [...] a concepção de um livro-reportagem requer informação capaz de superar as barreiras do imediato e do superficial" (BELO, 2006, p.42). E para a produção de um livro-reportagem, algumas técnicas devem ser praticadas para que a história possa ser contada da melhor maneira possível, ela vai muito além de narrar histórias,

> a vocação do bom repórter é dimensionar os fatos que conta. [...] O livro-reportagem requer um levantamento de dados que permita conectar fatos e circunstâncias passados, mas também relacionar acontecimentos aparentemente sem relação direta com o tempo de que a obra trata. (BELO, 2006, p. 48).

E para isso, o jornalista precisa seguir alguns passos, para Belo (2009) a formação de um jornalista na área é indiferente, pois por melhor que a faculdade

seja, muita coisa só se aprende na prática do dia a dia, então “tenha ou não formação específica, só o exercício cotidiano transformará o aspirante em jornalista de verdade” (BELO, 2006, p.68 e 69), mas é sempre bom o jornalista investir na própria formação, seja em faculdades, em curiosidades, em cursos variados e tudo mais que considerar útil para seu crescimento profissional. O autor afirma ainda que, no livro-reportagem o texto continua sendo uma reportagem, mas com um ingrediente a mais, que é a intensidade (BELO, 2006).

Outro fator importante para que um jornalista trabalhe com reportagem em livro é ser extremamente ético. “Refletir sobre a importância e as consequências de cada informação que pretende publicar deveria ser o item primeiro do código de ética pessoal de cada jornalista. Questão de respeito” (BELO, 2006, p.75).

Antes de se iniciar um livro-reportagem, o jornalista precisa identificar e avaliar o assunto inicial da reportagem, para isso uma pesquisa para definir o enfoque e o planejamento ajuda muito no momento da construção da pauta, que para a construção de um livro-reportagem é de extrema importância. É nela que o plano de trabalho se constitui, de preferência ela deve trazer a ideia de como o tema será abordado e qual a sua angulação. Deixar uma prévia do tamanho provável da obra e como ele será dividida também ajuda muito o jornalista. Utilizando-a desta forma a pauta funcionará com uma espécie de argumento, com todos os passos que o escritor pretende passar até a concepção final do livro (BELO, 2006).

Não existe um bom texto, sem uma boa apuração, para Belo (2006), “escrever é apenas parte do trabalho. Tão importante - ou mais - que narrar os acontecimentos é apurá-los” (BELO, 2006, p.86). Não há texto que resista há uma apuração malfeita, principalmente em um livro-reportagem em que o trabalho acaba sendo dobrado. Jornalistas experientes e organizados, sabem que muitas reportagens se escrevem sozinhas, exatamente pelo fato de já terem sido muito bem apuradas. “Apurar é antes de tudo buscar a informação verdadeira e, de preferência contextualizada” (BELO, 2006, p.88). E como se fazer uma boa apuração? A pesquisa, geralmente é onde tudo começa.

> Não existe reportagem sem pesquisa, por menor que seja. Ela constitui a fase inicial da apuração. É dela que o jornalista vai tirar os fatos básicos e as ideias que vão nortear o trabalho, das entrevistas ao texto final. Pesquisar é tarefa trabalhosa (BELO, 2009, p.93).

E toda trabalheira no final é recompensadora, pois quanto mais se investigar um assunto mais credibilidade, repercussão e reconhecimento a reportagem terá. (BELO,2006).

Mesmo o livro-reportagem não tendo como foco principal arquivos e certos documentos públicos, se em algum momento o jornalista precisar requerer alguma dessas informações, muito provavelmente encontrará alguns empecilhos. No Brasil ainda há muita dificuldade de se ter acesso livre a essas informações. Mas isso não pode frear o jornalista em busca da verdade, ele deve persistir (BELO,2006).

> Ao treinar suas habilidades para identificar problemas na pesquisa, nos dados e nas estatísticas, o repórter acaba desenvolvendo, também, uma perspicácia que pode lhe ser muito útil no dia a dia da profissão. Vai ensiná-lo, por exemplo, a pensar rápido e desconfiar do que ouve e vê e a procurar respostas para questões nebulosas há durante a principal técnica de apuração de informação jornalística: a entrevista (BELO, 2006, p.100).

Como já exposto por Belo (2006), a entrevista é a principal técnica de apuração de um jornalista. Ao pé da letra, entrevista significa “um diálogo olho no olho, feito entre as vistas dos interlocutores” (BELO,2006, p.101), e nada melhor do que uma entrevista feita pessoalmente, pois nesse momento o repórter pode visualizar todas as ações e trejeitos de seu entrevistado, sem contar que esse contato mais próximo aumenta a confiança para com a fonte, diminuindo assim a possibilidade de se mentir ao entrevistador. Ter um pré conhecimento dos fatos e da própria fonte também são de extrema importância, mesmo que o jornalista seja criativo e inteligente, se ele não ter o conhecimento do assunto que será abordado, certamente não saberá o que perguntar e deixará de explorar aspectos interessantes e de aprofundar-se mais no tema (BELO, 2006).

Cada jornalista possui uma técnica para fazer entrevistas, elaborar um roteiro e às vezes até colocar algumas perguntas no papel ajudam bastante e é o mais recomendado por profissionais, mas o repórter não precisa se prender a esse roteiro ou a essas perguntas, pois a conversa pode mudar de foco (BELO, 2006).

> A boa entrevista é aquela que se transforma em um diálogo fluente, em que as perguntas pré-programadas vão levando a outras, que surgem na hora, na medida em que novas informações são reveladas e, ao final, não reste nenhum ponto sem esclarecimento (BELO,2006, p.105)

Em entrevista concedida à repórter Renata Cardarelli, publicada no site do Observatório da Imprensa, a jornalista Eliane Brum afirma que a apuração é a etapa mais importante para a construção de uma boa reportagem:

> O bom jornalismo é aquele que se faz apurando todos os detalhes, atravessando a rua e mudando de ângulo várias vezes, sempre aberto para o espanto. Aquele que se ouve um pássaro cantar vai descobrir que pássaro era aquele, se diz que fazia sol no dia em que aconteceu um crime é porque checou com três sites de meteorologia diferentes para ter certeza de não errar, além de ouvir várias pessoas apenas sobre este detalhe específico. É na precisão dos detalhes, na quantidade de nuances, na reprodução do ritmo e da fala e no respeito pelas palavras do outro que a reportagem se faz substantiva e comprova sua qualidade e relevância. Na reportagem, não há milagre, e o talento para escrever não salva ninguém da preguiça. O cara pode ser um prêmio Nobel da literatura que, se apurou mal, vai escrever um texto ruim. E, sim, o bom jornalismo se aplica a tudo o que é da vida. (BRUM, 2013, apud CARDARELLI, 2013, p.1).

Com toda apuração feita, é hora de escrever, para Belo (2006), “escrever uma reportagem não é enumerar fatos mecanicamente, mas sim dar vida a uma história real” (BELO, 2006, p.118). Em um livro-reportagem o texto ganha contornos amplos, e é aí que a parte literária se faz presente, fato que não seria possível acontecer em uma redação de um jornal diário. E esses contornos ficam mais fácil de serem escritos quando - como já foi dito neste projeto - o jornalista tem total domínio do da história. Há escritores como Truman Capote, John Reed, Ruy Barbosa, Fernando Morais entre outros, que devem a ideia de se como a escrever um texto após toda apuração concluída, já outros profissionais preferem já irem escrevendo seus textos enquanto fazem a apuração, usando esse “pré-texto” como um rascunho do texto final. Ter um roteiro de como os textos devem ser apresentados e também uma breve sequência de assuntos ajudam bastante o jornalista no momento de editar o livro, pois por mais perfeito que o texto esteja ele será editado várias vezes (BELO, 2006).

Para Lima (2009), no momento em que se estrutura uma narrativa é necessário dar um ritmo a ela, de modo que o leitor seja levado ritmicamente de forma crescente até o ponto alto em que a grande-reportagem possa ser encerrada, “de preferência no ponto exato em que fique o leitor enriquecido de estímulos e compreensão” (LIMA, 2009, p.166).

CAPÍTULO II – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

2.1 O começo de uma cidade - Ribeirão Preto

"Um povo sem passado é um povo sem história… Um povo sem história é um povo sem raízes. Não cresce e não produz frutos" (CIONE, 1997, p.863). Essa frase retirada do livro de Rubem Cione, "História de Ribeirão Preto", resume muito bem a importância de se manter viva a história de um povo. Escritores como o próprio Rubem Cione, José Antônio Lages, Osmani Emboada, Plínio Travassos dos Santos, Ricardo Barros, entre outros, já produziram livros e textos visando arquivar o passado e história de Ribeirão Preto. Muito se sabe sobre a cidade e pouco se conhece sobre os bairros, mas antes de chegar ao foco principal deste projeto que é o bairro de Vila Tibério, este subcapítulo irá contextualizar rapidamente sobre o início da cidade.

De acordo com Cione (1987), os primeiros habitantes das áreas, onde hoje se localiza a cidade de Ribeirão Preto[3], foram os índios Caiapós. Passado certo tempo, tropeiros saíram de Minas Gerais e começaram a formar uma pequena comunidade e passaram a se dedicar à pecuária. Em 16 de fevereiro de 1815, formou-se o então em terras de sesmaria, que foi concedida em carta pelo Conde Palma, que era o "então Governador e Capitão Geral da Capitania de São Paulo [...], ao Padre Manuel Pompeu de Arruda" (CIONE, 1987, p.46). Em 1820, as terras foram vendidas para o Capitão João Pedro Diniz Junqueira, quem promoveu a demarcação e divisão das terras. Posteriormente, a sesmaria, passou a ter vários "possuidores, constituindo-se em várias 'posses'" (CIONE, 1987, p.47). Entre os anos de 1834 e 1846 duas famílias tradicionais, os Dias Campos e os Reis, cravaram uma disputa judicial sobre as posses das terras, onde depois de pagar o valor simbólico de 4.000$000 (quatro contos de réis) aos Dias Campos, a família Reis ampliou seus domínios territoriais, que posteriormente foram divididas em fazendas denominadas em: Pontinha ou Ribeirão Preto abaixo, Laureano ou Braço direito do Ribeirão Preto (onde atualmente se encontra o bairro de Vila Tibério), Palmeiras, Retiro e Barra do Retiro (LAGES, 2016). Em meio a esta disputa, um dos herdeiros das terras das Palmeiras, José Matheus dos Reis, em dois de novembro

[3] De acordo com a última estimativa territorial do IBGE, em 2016, a cidade possuía uma área de 650,916 Km² e uma população estimada em 2017 de 682.302 pessoas.

de 1845, “fez a primeira tentativa de doação de uma gleba nas terras desta fazenda para a formação do patrimônio eclesiástico de São Sebastião” (LAGES, 2016, p.20 e 21), ele doou à igreja um pedaço de terra no valor de 40$000 para igreja, porém por falta de cautelas legais e pela exigência das autoridades eclesiásticas, de que o valor mínimo das terras para se erguer uma Capela teria que ser de cento e vinte mil réis. Até o ano de 1852, esse gesto foi repetido por vários moradores da fazenda, que foi em vão, mas independente da autorização da igreja, os habitantes das Palmeiras acabaram construindo sua própria capelinha (LAGES, 2016), e para demarcar este fato, fincaram uma cruz naquelas terras, onde até hoje, no Jardim das Palmeiras, existe um pequeno cruzeiro (CIONE, 1997).

Mesmo sem a construção de um patrimônio oficial, a população não desanimou e em 1853, Antonio José Teixeira Júnior, “na qualidade de maior proprietário da vizinha fazenda da Barra do Retiro” (CIONE, 1997, p.853), e visando que seus interesses não fossem prejudicados aderiu ao entusiasmo religioso, “requereu a divisão judicial de suas terras” (CIONE, 1997, p.853) para a destinação do Patrimônio de São Sebastião. Depois de três anos, em 16 de junho de 1856, o Juiz Antonio Rodrigues Mendes nomeou Manoel Fernandes do Nascimento, um dos sócios de Antonio, como a pessoa incumbida de zelar pelo Patrimônio do Santo (CIONE,1997), porém o povoado ainda não era totalmente independente da freguesia de São Simão.

> Numa área de ‘sessenta e quatro alqueires, três quartas e meia e três pratos’, no valor de ‘duzentos e sessenta e nove mil e oitocentos réis’, determinou a demarcação ‘entre os ribeirões Retiro e Preto’, o que ocorreu a 19 de junho de 1856. Nascia RIBEIRÃO PRETO (CIONE, 1997, p.853).

Manoel então, demarcou o largo da Capela, numa área de 400 por 100 metros, onde atualmente se encontra a Praça XV de Novembro e traçou as primeiras ruas do povoado (CIONE, 1997). A Capela, tão aguardada pelos moradores só foi construída no ano de 1863, onde hoje se encontra a fonte luminosa na Praça XV, centro da cidade.

Com os anos passando e a população crescendo, foi encaminhado às autoridades um pedido para a instalação de uma freguesia no arraial de São Sebastião, e em dois de julho de 1870 isso aconteceu através da Lei nº 51 pelo então presidente da província de São Paulo, onde a área da nova freguesia foi

desmembrada da de São Simão. Porém os moradores queriam mais, e em 1871 a freguesia foi elevada para vila, a vila de São Sebastião do Ribeirão Preto (LAGES, 2016). Se instalou como município no ano de 1874 (CIONE, 1997), quando houve a primeira eleição para os primeiros vereadores da vila (LAGES, 2016), mas de acordo com Cione (1987), só foi elevado à categoria de cidade em 1 de abril de 1889, pela Lei nº 88.

Durante 15 anos todas as reuniões da Câmara eram realizadas na casa de seus presidentes ou em imóveis alugados, e só no ano de 1889 que um prédio foi construído para abrigar a Câmara e a Cadeia do município. Uma das primeiras e mais interessantes deliberações da primeira Casa de Leis "foi sobre o arrumamento da vila, com a demarcação e nomeação de suas primeiras ruas, travessas e largos (=praças)" (LAGES, 2016, p.44) e os primeiros logradouros a ganharem nomenclatura foram as ruas que norteavam os córregos Ribeirão Preto e Retiro. (LAGES, 2016).

Até este momento quem tomava todas as decisões do poder executivo para a cidade era o presidente da câmara, não havia prefeito, em 13 de novembro de 1891,

> foi criada a Intendência ocupada pelo Intendente Municipal, que seria um dos vereadores, escolhidos entre seus pares. A Câmara passou a se chamar Conselho de Intendência e ela é que passou a determinar a extensão do mandato do executivo, mas geralmente era por 12 meses. A partir de 1902, é que o Intendente passou a se chamar prefeito (LAGES, 2016, p. 44).

E assim a cidade foi só progredindo, em 1880 depois de muita polêmica com a rival Cia. Paulista, a Companhia Mogiana de Estrada de Ferro conseguiu a concessão para prolongar seus trilhos até Ribeirão Preto, momento este, que foi inaugurado em 23 de novembro de 1883 a Estação Mogiana às margens do córrego Ribeirão Preto (LAGES, 2016).

De acordo com Cione (1987), a plantação cafeeira também fez com que a cidade crescesse juntamente com o estado de São Paulo, e um dos grandes destaques desses plantadores de café foi João Franco de Moraes Octávio. Ele teve muito mais café que o primeiro "rei do café", o senhor Henrique Santos Dumont e muito mais que o segundo "rei do café", o senhor Francisco Schimidt, este que em 1890 adquiriu de Moraes Octávio as terras da fazenda Monte Alegre. Ambos tinham

uma forte parceria “a que muito deve a expansão cafeeira no Oeste Paulista” (LAGES, 2016, p.58). O senhor João Franco de Morais Octávio foi importante não somente para a o crescimento econômico cafeeiro, mas também para o crescimento territorial da cidade. De acordo com Cione (1987), uma de suas filhas era casada com Tibério Augusto de Senna, e deu parte de suas terras para o casal que “num passe de mágica Tibério fundou um dos mais tradicionais bairros de nossa cidade” (CIONE, 1987, p.149)

2.2 O início da história - Vila Tibério

O bairro de Vila Tibério não foi o primeiro bairro de Ribeirão Preto, mas certamente foi o mais tradicional da cidade (CIONE, 1997).

De acordo com o Jornal da Vila datado de julho de 2017, em 1880

> Tibério Augusto herda de seu sogro, o fazendeiro João Franco de Moraes Octávio, dono da Fazenda Monte Alegre, as terras da atual Vila Tibério e, passa a vender glebas do futuro bairro. (BRAGA, 2017.p.10).

De acordo com Lages (1997), Tibério Augusto, veio para Ribeirão Preto já casado com Deolinda Franco, e com a especulação imobiliária que aparentava ser uma possibilidade de enriquecimento fácil, é provável que esse teria sido o motivo que Tibério começou a lotear suas terras. Suas terras foram adquiridas em sua maioria por ferroviários, muitos deles que trabalhava, na estação Mogiana, “agricultores e trabalhadores na lavoura, em sua maior parte imigrantes italianos, atraídos inclusive pela valorização do loteamento devido à instalação, no bairro, da Cervejaria Antártica” (CIONE, 1997, p.554), que ocorreu no ano de 1911. Outra indústria que também ajudou bastante no crescimento do bairro, foi a instalação da Cia. Cervejaria Paulista. E assim a malha urbana foi avançando em direção ao loteamento de Tibério.

Tibério, um homem muito inteligente, de acordo com Lages (2016), construiu no bairro uma olaria para a fabricação de tijolos e telhas, e acabava vendendo suas mercadorias para os próprios moradores que ali começavam a habitar.

Após a morte de seu fundador em 1900, em 1903, ocorreu a denominação das ruas do loteamento, e a única ligação que o bairro tinha com o centro da cidade era a Rua Luiz da Cunha que fazia prolongamento com a Rua Duque de Caxias,

pois a estação Mogiana impedia qualquer outro tipo de acesso entre os bairros (LAGES, 2016). Atualmente identificado pela prefeitura como setor Oeste-2 e a partir da Lei Complementar do então vereador Capela Novas, sob o número 281/2016, os limites de Vila Tibério se

> inicia na confluência das Avenidas Jerônimo Gonçalves e Dr. Fábio Barreto e encontro das águas do Ribeirão Preto com o Córrego Retiro Saudoso; deste ponto segue acompanhando o Ribeirão Preto, à jusante, até encontrar o Córrego Antártica; deste ponto deflete à esquerda e segue pelo Córrego Antártica, à montante, até a confluência da Rua Antônio Soares Castilho com a Rua Roque Nacarato; deste ponto segue pelo eixo da Rua Roque Nacarato até encontrar o eixo da Avenida do Café; deste ponto deflete à esquerda e segue pelo citado eixo até encontrar o eixo da Rua dos Migrantes; deste ponto deflete à direita e segue pelo referido eixo até o Córrego Laureano; deste ponto reflete à esquerda e segue acompanhando o Córrego Laureano, à jusante até encontrar o Ribeirão Preto onde deflete à esquerda e segue acompanhando o Ribeirão Preto, à jusante, até alcançar o ponto de início desta descrição (CÂMARA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO, 2016, p.1)

Com o passar dos anos o bairro só cresceu e com ele o amor dos moradores pelo futebol também. Com cem anos de existência, em 1918, no dia 12 de outubro, foi fundado o Botafogo Futebol Clube, grande símbolo esportivo do bairro e com ele seu estádio, o Luiz Pereira, que anos mais tarde, foi transformado em clube poliesportivo, quando o time vai para o Santa Cruz, seu atual estádio (BRAGA, 2017).

De acordo com Braga (2017), em 1919, foi inaugurado a Igreja Nossa Senhora do Rosário. Para as crianças da Vila, a partir de 1921 várias escolas foram inauguradas, como o 3ª Grupo Escolar - hoje EE Dona Sinhá Junqueira - , a Fundação da Sociedade Escola Alemã - que depois se transformaria no Lar Santana - , o Parque Infantil de Vila Tibério - hoje Emei Anita Procópio Junqueira - , a Escola Estadual Alberto Santos Dumont, o 2º Grupo Escolar da Vila Tibério - hoje Escola Estadual Profª. Hermínia Gugliano - , o 2º Grupo Escolar de Vila Lobato - hoje Escola Estadual Walter Ferreira - e EEPG de Vila Amélia, hoje Escola Estadual Djanira Velho.

Para cuidar da saúde dos moradores também foi inaugurado em 1943 o "Posto de Puericultura, cujo terreno foi arrecadado junto a moradores da Vila Tibério e doado ao Instituto de Proteção e Assistência à Infância e Higiene Pré-Natal" (BRAGA, 2017.p.10), onde hoje funciona o Centro de Saúde Escola, em parceria da Secretaria da Saúde com a USP. E também a Unidade Básica de Saúde da Vila

Tibério, que em 2010 foi reinaugurado após um período de reformas (BRAGA, 2017).

Cada rua do bairro tem uma história em particular. Em sua maioria são homenagens a grandes barões do café como por exemplo Barão de Cotegipe, a ex-presidentes da Brasil como Epitácio Pessoa, a políticos como Joaquim Nabuco, a padres como Padre Anchieta, dentre várias outras. Como já dito anteriormente, grande parte da denominação das ruas da Vila foram oficializadas em 1903 pela Câmara Municipal. Mas foi em 1954 que foi inaugurada, o que é hoje umas das principais vias de acesso para do bairro, a avenida do Café (BRAGA, 2017).

Com o crescimento da cidade e do bairro, o mercado de trabalho na região também não parava de crescer. Braga (2017) afirma ainda, que em 1958 chegou ao bairro a Cerâmica São Luiz onde, como na Estação Mogiana e na Cervejaria, vários moradores da Vila tiravam seu sustento das oportunidades oferecidas nas proximidades de suas casas.

Assim como tudo que começa uma hora termina. Em 1968 aconteceu a demolição da plataforma da velha Estação da Mogiana e seu grande símbolo, a porteira da Mogiana. Até este momento, a única ligação do bairro com o centro da cidade era a rua Coronel Luiz da Cunha e após o fim da Mogiana a rua Martinico Prado também se ligou ao centro. Outra fonte de renda dos moradores do bairro também chegou ao fim em 1995, a Cerâmica São Luiz encerrou suas atividades, onde posteriormente o espaço se tornou um hipermercado, e no ano de 2003 foi a vez da Cervejaria silenciar sua sirene e parar com seus serviços. Com a promessa de que a área seria transformada em um centro de compras, a única coisa que se vê atualmente no local são vários entulhos e muita sujeira (BRAGA, 2017).

Para que nenhuma história do bairro seja esquecida e para resgatar a autoestima dos moradores, em 2005, surgiu o Jornal da Vila sob o comando do jornalista Fernando Braga. E mensalmente, há 13 anos, o periódico é distribuído gratuitamente na casa de todos os moradores do bairro (BRAGA, 2017).

Empresas fecham, locais são abandonados, mas lugares também são inaugurados. Em 2010, o Parque Maurílio Biagi foi inaugurado. Localizado no início da avenida do Café, o parque veio para ser um local de lazer para todos os moradores da Vila. Já com o poliesportivo do Botafogo, aconteceu o contrário. Considerado uma grande área de lazer para as épocas mais quentes de Ribeirão, em 2011 o poliesportivo do Botafogo foi vendido para a quitação de dívidas

trabalhistas do clube, deixando o bairro sem nenhuma opção de lazer nos “verões” da cidade. Atualmente o poli encontra-se em total abandono trazendo grande tristeza aos moradores da Vila. Outro local tradicional que também foi fechado no bairro, foi o Lar Santana. O fato aconteceu em dezembro de 2014, porém depois de muita luta de alguns vereadores da cidade o local foi tombado, permutado para a prefeitura e atualmente o prédio está destinado a receber o MIS - Museu da Imagem e Som de Ribeirão Preto (BRAGA, 2017).

CAPÍTULO III – PROCESSOS DE PRODUÇÃO

A trajetória do livro-reportagem “Vila Tibério - Da herança de uma terra às memórias de uma paixão”, começou em agosto de 2017, quando comecei a pensar sobre qual seria o meu projeto de conclusão de curso.

3.1 Por que a Vila Tibério?

Durante 29 anos morei e cresci neste bairro, me mudei algumas vezes para outros lugares, mas nunca me adaptava e acabava sempre voltando para a Vila Tibério.

Apesar de ter morado todo esse tempo no bairro, eu pouco sabia sobre a história deste lugar em que eu sempre me senti tão bem. As únicas informações que eu tinha era o que saia no Jornal da Vila.

Pensando, então, em homenagear esse bairro que tanto me acolheu, comecei a pesquisar sobre as raízes do bairro e a cada nova descoberta, mais maravilhada eu ficava. Foi neste momento em que pensei em produzir um livro, onde eu poderia compilar todos os fatos históricos sobre o bairro em um único lugar.

Mas eu não queria fazer somente um livro em cima de pesquisas, eu queria saber como era o bairro no olhar daquele que residiu ou que ainda residia no bairro, pois da mesma forma em que eu tenho um carinho muito grande por esse lugar, eu acreditava que outras pessoas também tinham esse mesmo sentimento por lá.

Neste momento pensei em unir todas minhas pesquisas com as histórias de pessoas simples, mas que tinham algo em comum, que era essa paixão pela Vila Tibério.

Como grande conhecedor das histórias da Vila Tibério, procurei o jornalista Fernando Braga, que é o jornalista e editor responsável pelo Jornal da Vila, em novembro de 2017 e contei para ele sobre esse projeto e ele logo se dispôs a me ajudar no que fosse preciso.

No primeiro semestre de 2018, aprofundei todas as minhas pesquisas teóricas sobre a cidade de Ribeirão preto e sobre a própria Vila Tibério, na qual descobri fatos que não imaginava, como por exemplo o fato de João Franco de Morais Octávio e o próprio Tibério Augusto já terem sidos vereadores na cidade. Da

pessoa de visão que era Tibério, quando ao mesmo tempo que vendia os terrenos do bairro, também vendia em sua olaria todos os materiais necessários para a construção de uma casa, entre coisas mais.

Já no segundo semestre de 2018, fui a campo e comecei minhas entrevistas.

Alguns personagens foram mais fáceis de encontrar, como por exemplo o próprio Fernando Braga e o professor e historiador José Antonio Lages, aos quais eu já os conhecia. Outros foram por indicações de amigos e com alguns telefonemas consegui marcar as entrevistas. Mas também tive que recorrer as redes sociais, pois eu não estava encontrando personagens que tivessem estudado nas escolas do bairro, afinal eu estava à procura de pessoas mais velhas, acima de 50 anos, neste momento fiz uma postagem na rede social Facebook e em questão de poucas horas várias pessoas se disponibilizaram a conversar comigo, porém tive que selecionar quais seriam as pessoas que eu iria entrevistar e assim foi feito.

No dia 28 de agosto comecei minhas entrevistas e só cheguei ao final delas no dia 25 de outubro. Foi uma média de duas entrevistas por semana e ao final desses dois meses consegui conversar com 33 pessoas, onde todas elas estão no livro.

No dia 15 de outubro entrei de férias do meu trabalho por duas semanas para me dedicar, somente, a escrita do livro, ao qual terminei de escreve-lo no dia 13 de novembro.

3.2 Público alvo

O público alvo de “Vila Tibério – Da herança de uma terra às memórias de uma paixão” são os próprios moradores do bairro e leitores que se interessam por resgates históricos, contadas por pessoas comuns. Além disso, leitores infantis em idade escolar, uma vez que este livro será destinado as escolas do bairro como forma didática. Com um texto simples e direto, o livro buscará levar o leitor a viajar no tempo e a imaginar como era viver anos atrás no bairro de Vila Tibério.

3.3 Projeto Gráfico

O título “Vila Tibério – Da herança de uma terra às memórias de uma paixão” buscou levar uma imagem ao leitor, de que este livro irá trazer histórias desde o momento em que seu fundador, Tibério Augusto, herda as terras de seu sogro, João Franco de Morais Octávio, até os dias atuais, onde várias histórias verídicas são contadas através de relatos de pessoas que vivem ou viveram no bairro e que carregam nessas lembranças uma grande paixão pelo bairro.

A linguagem adotada no livro foi a do jornalismo literário, possibilitando mais liberdade, criatividade e profundidade na escrita, enriquecendo o texto com mais detalhes. No capítulo extra a narrativa utilizada foi em terceira pessoa, já a partir do capítulo um, a narrativa passa a ser em primeira pessoa, trazendo o leitor para dentro da história.

A escolha dos entrevistados começou, primeiramente, com o jornalista Fernando Braga onde ele me indicou alguns personagens. A escritora e poetisa Irene Coimbra, revisora deste livro, também me fez algumas indicações, onde, posteriormente, os próprios personagens me indicaram outras pessoas. E por fim, alguns personagens que eu não estava encontrando, foi possível um primeiro contato através da rede social Facebook, em uma postagem feita por mim, onde várias pessoas se disponibilizaram a relatar suas histórias, onde foi feita uma seleção das histórias mais interessantes para estarem no livro.

O livro começa com um capítulo extra contendo toda parte histórica da cidade de Ribeirão Preto e sobre o bairro de Vila Tibério. Com doze capítulos, o primeiro capítulo traz a história da Estação da Mogiana pelo olhar do datilógrafo Mario Assumpção; o segundo mescla as histórias dos amigos de trabalho da Companhia Cervejaria Antárctica Alceu Bigato, Juarez de Almeida e Luiz Antonio de Miranda; no capítulo três os cunhados Gilberto Moreschi e Alcebíades Rochinholi dividiram suas experiências de trabalho na antiga Cerâmica São Luiz; o quarto capítulo traz a história do Terceiro Grupo Escolar, a atual escola Sinhá Junqueira através das lembranças do casal Geni Aparecida Padilha e José Rubens Padilha; no capítulo cinco, a professora Fausta Minelli e a aluna Graça Novais contam sobre suas vivencias no Segundo Grupo Escolar da Vila Tibério, a atual escola Hermínia Gugliano; capítulo seis traz a história do Segundo Ginásio Escolar de Vila Lobato, a atual escola Walter Ferreira através das memórias de Rita Aparecida da Silva

Fernandes; o sétimo capítulo traz o olhar do casal Adônis e Zercir sobre a Paróquia Santuário Nossa Senhora do Rosário; o capítulo oito conta a história, através do cinéfilo Aurélio Cardoso, dos dois cinemas que houveram no bairro, o Cine Marrocos e o Cine Vitória; no capítulo nove as histórias sobre o centenário time do Botafogo, são contadas pelos primos Arthur Egydio Tamburus e João Batista Boresso; o décimo capítulo traz toda história do Jornal da Vila, que é o único meio de resgate histórico do bairro, atualmente, através do olhar de seu grande idealizador, Fernando Braga; capítulo onze traz a compilação de quatro histórias que aconteceram em todo o bairro e estas são contadas por Reynaldo Barnuzzi, Pedro Antoniazzi, Mafalda Alvares e a filha Marli Perazolli e por Natalia Castilho; e por fim, o capítulo de número doze, traz vários depoimentos de outros personagens que também participaram de outras pequenas entrevistas.

Para o projeto gráfico do livro-reportagem contei com o apoio do professor e mestre João Flávio de Almeida, que me auxiliou na diagramação final do livro, realizada por mim. Por cada capítulo trazer a história de um local específico, ficou decidido a utilização de uma foto antiga na abertura de cada capítulo.

Em todas as aberturas dos capítulos, também foi colocado um breve resumo sobre aquele tema e ao apresentar os personagens em questão, uma palavra abaixo do nome dos entrevistados foi utilizada em forma de descrição de alguma característica dos mesmos.

A utilização de fotos antigas e atuais foi uma forma de levar o leitor para dentro das histórias que ali estão sendo narradas, sendo sempre um auxílio para a imaginação de quem estiver lendo o texto.

3.4 Fotos

Imagem como, a capa e primeira página do processo judicial da família Dias Campos contra a família Reis de Araújo foi retirada do livro Ribeirão Preto Revisitada, de autoria do professor e historiador José Antonio Lages. As fotos da Capela de São Sebastião do Ribeirão Preto, da fachada do Cine Vitória e do Cine Marrocos incendiado, foram retiradas do livro História de Ribeirão Preto volume I e V, de autoria do escritor Rubem Cione. Os recortes de jornais sobre a inauguração da Estação da Mogiana, da nomeação de João Franco de Moraes Octávio e Tibério Augusto nos cargos policiais, do pedido de exoneração de Tibério no cargo de

subdelegado foram retirados do acervo online da Biblioteca Nacional Digital Brasil através do site: <http://memoria.bn.br/hdb/uf.aspx>. As atas e a lei aprovada 541/57 da Câmara Municipal de Ribeirão Preto foram retiradas do acervo da própria Câmara Municipal através da Lei de Acesso a Informação. As fotos de Tibério Augusto, do "seu" Amâncio, da parte interna da Cervejaria Antárctica, da fachada do Cine Marrocos, da fachada da loja Confecções Pedro, a imagem da capa do Jornal da Vila do mês de julho de 2016 e a matéria do sobre o ator Lima Duarte, foram retiradas do acervo do próprio Jornal da Vila. As duas imagens aéreas do bairro de Vila Tibério e da Praça José Mortari foram retiradas do Google Maps e modificadas pela própria autora deste projeto. A foto da abertura do capítulo da Estação da Mogiana, é de um postal antigo pertencente a própria a autora deste projeto. A foto de João Franco de Moraes Octávio com esposa e filhas, da porteira da estação, da rotunda, da Capela com os moradores da cidade, das obras da Cervejaria Antárctica, da fachada da escola Sinhá Junqueira, das duas vistas aéreas do Estádio Luiz Pereira, da igreja Nossa Senhora do Rosário, do centro e da Vila e as notícias sobre as inaugurações do Cine Marrocos e do Cine Vitória, foram retiradas do acervo do Arquivo Público Histórico de Ribeirão Preto. As três fotos dos galpões da Cerâmica São Luiz foram cedidas pela ONG Vivacidade. A foto da fachada da escola estadual Professora Hermínia Gugliano foi retirada do acervo histórico da própria escola. A ilustração da capa da cartilha "Caminho Suave" foi retirada do site: <https://vejasp.abril.com.br/blog/memoria/a-inesquecivel-cartilha-caminho-suave/>. A foto do interior do Cine Marrocos foi cedida do arquivo pessoal de Rodrigues Gallo. A foto da Estação Santos Dumont, foi retirada do site: <http://www.estacoesbrasileiras.com.br/santos-dumont-velha/>. Todos os direitos de imagens foram devidamente creditados no livro.

Todas as fotos e imagens de arquivos pessoais foram autorizadas o uso das mesmas mediante autorização pessoal de cada entrevistado.

Já as fotos de todos os entrevistados e algumas fotos como, o cruzeiro do bairro Jardim das Palmeiras, da locomotiva Maria Fumaça, dos troféus do senhor Juarez, da Cervejaria Antárctica demolida, da fachada da loja Dpaschoal, da casa, chaminés, árvores e fachada da Cerâmica São Luiz, da porta do porão, corredor, escada e fachada da escola Sinhá Junqueira, da fachada da escola Walter Ferreira, da fachada da escola Hermínia Gugliano, da fachada atual dos antigos cinemas Vitória (prédio abandonado) e Marrocos (Banco Caixa Econômica), detalhes do

broche do senhor Egydio Tamburus, da igreja, da fachada da antiga bocha do senhor Reynaldo, da vista área e a própria Praça Coração de Maria foram reproduzidas por máquina fotográfica e são de direitos dos autores das fotos, Natan Ferraro e Francine Rodrigues.

Todas as fotos e imagens foram utilizadas de forma ilustrativa, tendo o propósito de conduzir o leitor para dentro das histórias.

A foto da capa do livro foi produzida especialmente para este projeto e a ideia de utilizar uma foto com a vista aérea do bairro mostrando pontos específicos da Vila Tibério como a igreja, a praça, a escola e o prédio e por ser colorida, é para leitor identificar logo na capa de qual assunto se trata o livro-reportagem.

Já na parte interna do livro, as fotos foram utilizadas em preto e branco para dar um tom de antiguidade, remetendo aos anos em que as fotografias eram revelas sem cores.

3.5 Entrevistados

Ao todo entrevistei e conversei com 33 pessoas e todas elas estão no livro, algumas com seus pequenos depoimentos, outros com suas histórias mais marcantes.

Para chegar ao formato deste livro-reportagem, onde cada capítulo possui personagens chaves, foi preciso fazer uma seleção nas histórias que foram contadas. Algumas entrevistas renderam bastante, com muitos assuntos, logo, estas foram as histórias selecionadas para fazerem parte dos capítulos específicos, já em algumas conversas rápidas e em outras entrevistas em que pouco se foi falado, estas fazem parte do último capítulo denominado de “Depoimentos”, onde todos os entrevistados aparecem com pequenas frases de suas lembranças.

O primeiro entrevistado foi o Fernando Braga, jornalista e editor responsável pelo Jornal da Vila, que em outubro completou 13 anos existência. Nascido no bairro de Campo Elíseos, chegou a Vila com quase dois anos de idade, morou em vários endereços do bairro, estudou na escola Dona Sinhá Junqueira, vivenciou o dia a dia do bairro, se mudou algumas vezes para outros bairros e cidades e há mais de dez anos voltou a morar na Vila. A entrevista foi realizada na manhã do dia 28 de agosto de 2018 e ele foi um dos escolhidos para compor o capítulo extra que retrata toda parte histórica da cidade e da Vila Tibério e o capítulo sobre o Jornal da Vila desse

livro, por ter muito conhecimento histórico do bairro e por ser um grande apaixonado pela Vila Tibério.

O casal Adônis Vilarinho e Zercir Vilarinho foram os próximos entrevistados. Zercir sempre foi moradora do bairro de Vila Tibério e Adônis era morador do Campos Elíseos, o casal se conheceu em uma festa de formatura e depois de alguns anos de namoro se casaram na Paróquia Santuário Nossa Senhora do Rosário e foram morar na Vila. Depois de 26 anos casados, foram ao primeiro Encontro de Casais da Paróquia no ano de 1983 e depois desse dia nunca mais deixaram de frequentar a igreja. Por essa forte ligação do casal com a Paróquia, que esse casal foi escolhido para compor o capítulo sobre a igreja Nossa Senhora do Rosário. A entrevista com eles aconteceu na tarde do dia 28 de agosto.

Já a conversa com o Padre Daniel, aconteceu em seguida a entrevista do senhor Adônis e da senhora Zercir. Padre Daniel, foi morador por muitos anos do bairro de Vila Amélia, estudou para se tornar padre e em 2015 se tornou o Pároco da Paróquia da Vila Tibério. Por ter sido uma entrevista curta, as informações por ele passada, foram utilizadas na introdução do capítulo sobre a Paróquia e alguns trechos dessa entrevista compôs o capítulo de depoimentos.

Ainda no dia 28, na parte da noite, o próximo entrevistado foi o senhor Reynaldo Bernuzzi, ou como é mais conhecido pelos moradores e amigos da vizinhança, “seu” Pitiguara. Ele que nasceu no bairro no ano de 1928, há 90 anos mora na mesma residência, viu de perto do desenvolvimento de todo bairro, estudou na escola Sinhá Junqueira, que em na sua época era chamada de Terceiro Grupo Escolar, montou um campo de bocha no bairro, ao qual chamava Bocha do Pitiguara e afirma que não troca a Vila Tibério por nenhum outro lugar da cidade. Por essa forte ligação com o bairro, que ele oi escolhido para compor o capítulo onze, onde as lembranças gerais da Vila são os destaques.

No dia primeiro de setembro, no período da tarde, o entrevistado foi o apaixonado por cinema, Aurélio Cardoso. Ele não era morador do bairro, mas sempre frequentou muito os antigos cinemas que havia no bairro de Vila Tibério. Desde de muito pequeno ele ia com o irmão ao cinema a pé e depois de mais velho passou a frequentar ainda mais os cinemas do bairro, por lá ser mais fácil a entrada de menores de idade. Só parou de ir aos cinemas da Vila quando eles foram fechados. Por ser um grande conhecedor das histórias dos cinemas da cidade de

Ribeirão Preto e por ter frequentado por muito tempo os cinemas da Vila Tibério, ele foi escolhido para compor o capítulo sobre o Cine Vitória e o Cine Marrocos.

No dia três de setembro, o entrevistado foi o senhor Mário Assumpção. Ele trabalhou mais de 30 anos na Estação da Mogiana, atualmente faz parte da União dos Ferroviários da Mogiana, a UFAM, e é um dos poucos trabalhadores da Estação de Ribeirão Preto que ainda está vivo. Por alguns anos ele morou na Vila Tibério. Por essa aproximação com o bairro e por ter muito anos de trabalho na Estação, ele foi escolhido para compor o primeiro capítulo do livro, que fala sobre a Estação da Mogiana.

O historiador e professor José Antonio Lages, foi o entrevistado da tarde do dia sete de setembro. Professor Lages, tem um grande conhecimento histórico sobre Ribeirão Preto, já escreveu vários livros e teses sobre a cidade e por ser esse grande pesquisador histórico que ele foi escolhido para compor o capítulo extra do livro.

Já no final da tarde do mesmo dia, a entrevista foi a senhora Natalia Castilho. Ela que chegou a Vila Tibério entre seis e sete anos, há 70 anos mora na Vila Tibério, estou no Terceiro Grupo Escolar, atual Sinhá Junqueira, conheceu seu marido passeando pelas ruas do bairro, passeou muito nas praças, frequentou os cinemas do bairro, se casou na Paróquia da Vila e mesmo depois do falecimento de seu esposo, ela continuou morando no bairro. Por essa forte ligação que Natalia tem até hoje com a Vila Tibério que ela foi escolhida para compor o capítulo onze, trazendo todas as lembranças de Natalia com o bairro.

No dia dez de setembro, a entrevistada foi Dorotéa Castigio, moradora do bairro e participa e organiza um grupo chamado de “Encontro das Mocinhas Virtuosas”. Por ter sido um encontro para a autora conhecer mais sobre o grupo, a pequena entrevista feita nesse dia foi usada como um pequeno depoimento no último capítulo do livro.

A próxima entrevistada foi Rita Aparecida da Silva Fernandes, ela que durante muitos anos morou na Vila Tibério, na rua Eduardo Prado, viu a escola Walter Ferreira ser construída, onde depois de pronta, foi estudar o primário. Por ter visto o desenvolvimento da escola de perto, e por ter vivido toda essa evolução de dentro da escola, que ela foi escolhida para compor o capítulo sobre a Escola Estadual Professor Walter Ferreira. A entrevista de Rita aconteceu no dia 14 de setembro no final do dia.

No dia 15 de setembro, no período da manhã, o décimo sétimo entrevistado foi o jornalista Igor Ramos. Ele que trabalha diretamente com o futebol ribeirão-pretano, já escreveu vários livros sobre os times da cidade e a pouco menos de um ano lançou um documentário sobre quando o Botafogo foi campeão da Taça Cidade de São Paulo no ano de 1977. Por ele ser um grande conhecedor dos times de Ribeirão Preto, a entrevista seguiu um viés mais histórico com nomes e datas, sendo assim, as informações colhidas desta conversa foram utilizadas para compor o texto introdutório do capítulo nove, sobre a relação do time do Botafogo com a Vila Tibério. Alguns trechos da entrevista também foram utilizados no capítulo final em forma de pequenos depoimentos.

O próximo entrevistado foi Antônio Franco. Ele cresceu na Vila, conheceu sua esposa também no bairro, criou suas filhas na Vila Tibério e vive até hoje com sua esposa morando na rua Paraiso. Antonio é parente do falecido ex-vereador da cidade, José Mortari, o qual foi homenageado com seu nome em uma das praças da Vila Tibério. Como a entrevista foi muito curta, não havendo conteúdo para um capítulo todo, trechos da entrevista sobre essa homenagem foram utilizados para compor o último capítulo de depoimentos. Essa entrevista ocorreu no dia 20 de setembro a noite.

No dia 23 de setembro, no final do dia, as entrevistadas foram as irmãs Sheila Bueno Faccioli e Talitha Bueno. Elas nasceram e cresceram no bairro, estudaram na escola Sinhá Junqueira, mas somente Sheila se mudou do bairro após se casar, Talitha permanece morando no bairro. A entrevista das irmãs acabou se focando, somente em alguns episódios ocorridos na época em que ambas estudavam no Sinhá Junqueira, não havendo conteúdo para um capítulo todo, sendo assim, trechos da entrevista foram escolhidos para compor o último capítulo do livro sobre depoimentos.

José Rubens Padilha e Geni Padilha foram os entrevistados do dia 24 de setembro a noite. Marido e mulher se conheceram na escola Sinhá Junqueira e mantiveram essa amizade fora da escola também, pois ambos eram moradores da Vila e porque José Rubens trabalhava perto da casa de Geni. Apaixonados se casaram na igreja da Vila e há anos moram na Vila Tibério. Pelo fato de terem se conhecido, estudados juntos e terem vividos muitos momentos dentro da escola, o casal foi escolhido para compor o capítulo sobre a Escola estadual Dona Sinhá Junqueira.

No dia 26 de setembro, no período da tarde, o entrevistado foi o senhor Gilberto Moreschi. Ele que há três anos convive com o Mal de Alzheimer, chegou em Ribeirão Preto com 15 anos, morou algum tempo na rua Municipal e trabalhou por 35 anos na Cerâmica São Luiz, local em que ele tinha muitos amigos e muito respeito pela empresa. Apesar da pequena deficiência de Gilberto a entrevista rendeu bastante conteúdo e por ter tanto carinho por esse local, que ele foi escolhido para compor o capítulo três que traz a história da antiga e hoje, parte, tombada Cerâmica São Luiz.

O próximo entrevistado foi o senhor Alceu Bigato, no dia 27 de setembro na parte da tarde a entrevista foi realizada. Alceu nunca morou na Vila Tibério, mas por 25 trabalhou na Cervejaria Antárctica, lá ele cresceu na empresa, fez amizades, adquiriu muito conhecimento e todo o sustento de sua família vinha da Cervejaria, inclusive plano de saúde e outras ajudas de custos. Por essa grande ligação com a Cervejaria que Alceu foi escolhido para compor o capítulo número dois sobre a história da Companhia Cervejaria Antárctica.

Na quinta-feira, dia quatro de outubro, pela manhã, a entrevistada foi a inspetora da escola Hermínia Gugliano, Lúcia Helena dos Santos. A entrevista com a servidora que trabalha na escola há mais de 20 anos, seguiu um viés muito técnico não havendo muito conteúdo histórico, sendo assim, somente alguns trechos foram escolhidos para compor o capítulo final sobre depoimentos.

No dia cinco de outubro, à tarde, as entrevistadas foram, a mãe Mafalda Alvares e a filha Marli Perazolli. Mafalda nasceu na Vila Tibério em 1939, cresceu nas ruas de terras do bairro, viu a Vila crescer e se desenvolver junto com ela, estudou no Sinhá Junqueira, o então Terceiro Grupo Escolar, passeou muito na pracinha em frente à igreja e se casou na Paróquia. Sua filha Marli, nasceu na Vila em 1965, e também cresceu andando de bicicleta pelas ruas da Vila, estudou no Sinhá Junqueira e aproveitou muito os dias de calor no poliesportivo do Botafogo com suas amigas. Marli já não mora mais no bairro, mas Mafalda continua morando na Vila e não sai do bairro por nada. Por essa relação de amor e carinho que mãe e filha têm pelo bairro, que foram escolhidas para compor o capítulo onze sobre suas recordações da Vila em que cresceram.

Fausta Minelli e Graça Novaes foram as próximas entrevistadas. Fausta foi professora na escola Hermínia Gugliano, desde seu início no ano de 1965 e saindo somente em 1975, mas durante esses dez anos lecionando, muitas crianças

passaram na vida da senhora Fausta e uma delas foi Graça Novaes. Graça, que nasceu na Vila Tibério, mas que hoje já não reside mais no bairro, foi aluna da senhora Fausta no primeiro e no segundo ano do primário e por ter se tornado uma professora tão marcante na vida da aluna, até hoje, Graça mantém contato com ela. Por essa história de amizade verdadeira que aluna e professora foram escolhidas para compor o capítulo sobre a Escola Estadual Professora Hermínia Gugliano. No dia dessa entrevista, nove de outubro, o filho da senhora Fausta, Jefferson Minelli, também estava presente e durante uma conversa informal, mas mediante autorização assinada, Jefferson relatou alguns fatos sobre sua época de estudante também na escola onde sua mãe lecionava, sendo assim, alguns trechos dessa conversa também foram escolhidos para compor o capítulo doze sobre depoimentos.

No dia seguinte no período da tarde, dez de outubro, o entrevistado foi o senhor Luiz Antonio de Miranda. Ele também nunca morou na Vila Tibério, mas assim com Alceu Bigato, trabalhou por mais de 20 anos na Cervejaria Antárctica. Miranda passou por várias sessões na Cervejaria até se tornar um dos mestres cervejeiro da fábrica, fez grandes amigos e viveu muitas experiências dentro da empresa. Por essas e outras lembranças que Luiz tinha da Cervejaria, que ele foi escolhido para compor o capítulo dois, juntamente com o senhor Alceu, sobre a história da Companhia Cervejaria Antárctica.

Entrevista realizada no dia 16 de outubro no final da tarde, os próximos entrevistados foram os primos Arthur Egydio Tamburus e João Batista Boresso. Arthur e João nasceram na Vila Tibério e cresceram juntos com o bairro. João depois que se casou se mudou para outro bairro, já Arthur continua morando na Vila junto com sua irmã Alba. O pai de Arthur e tio de João, o senhor Egydio Tamburus falecido há 20 anos, era um torcedor apaixonado pelo Botafogo, paixão que passou para os filhos e sobrinhos, em certo momento de sua vida o time do Botafogo o presenteou com um broche de ouro por ter participado de uma campanha para quem conseguisse mais sócios para o Botafogo. Por ter essa paixão enraizada na família que Arthur e João foram escolhidos para compor o capítulo sobre a relação do Botafogo com a Vila Tibério.

No dia 18 de outubro, no final da tarde, Pedro Antoniazzi foi o próximo entrevistado. Pedro natural de Batatais, chegou à Vila Tibério com dois anos de idade, cresceu no bairro e foi no, então, Terceiro Grupo Escolar que ele descobriu seu dom para a alfaiataria. Com o passar dos anos Pedro foi se aperfeiçoando

nesse universo das costuras e abriu sua própria loja, a Confecções Pedro. Trabalhou durante 50 anos com loja de roupas e só saiu do bairro ao fechar sua loja, em 2004. Por acreditar e se desenvolver como profissional no bairro, que Pedro foi escolhido para compor o capítulo onze, onde compartilhou suas lembranças e ligações com o bairro.

O senhor Alcebíades Rocinholi foi o entrevistado, da tarde, do dia 19 de outubro. Ele que é natural de Cajobi, chegou em Ribeirão em 1957 e morou por algum tempo na rua Municipal e durante dez anos trabalhou como encarregado das máquinas da Cerâmica São Luiz. Lá ele ensinou muitos amigos a trabalharem na fabricação de tijolos e outros produtos de barro, fez amizades que perduram até hoje e guarda com muito carinho todos os momentos que viveu na fábrica. Por esse carinho e também por ter trabalhado com seu cunhado Gilberto Moreschi que ele foi escolhido para compor, juntamente com o senhor Gilberto o terceiro capítulo do livro sobre a Cerâmica São Luiz.

E por fim, o último entrevistado foi o senhor Juarez de Almeida. A entrevista foi realizada no dia 25 de outubro no período da noite. Juarez morou por muitos anos na Vila Tibério, atualmente não mora mais, mas é um apaixonado pelo Botafogo. Mas além de botafoguense, Juarez trabalhou na Cervejaria Antárctica por mais de 20 anos, assim como o senhor Alceu e o senhor Luiz Miranda. Viveu momentos de muitas alegrias dentro da Cervejaria, mas também alguns momentos tensos, como as duas vezes em que ele se machucou trabalhando na fábrica. Por essa forte ligação com a Cervejaria Antárctica que o senhor Juarez foi escolhido para compor, juntamente com Alceu e Luiz o capítulo sobre a Companhia Cervejaria Antárctica.

No dia dois de dezembro com tudo quase finalizado, conversei informalmente com Rosangela Bueno, ao qual se interessou em participar com um pequeno depoimento sobre sua vivencia na escola Sinhá Junqueira. Esse depoimento foi utilizado para compor o último capítulo deste livro.

Todas as entrevistas foram produzidas pessoalmente na casa do entrevistado ou em um local que representasse o tema em questão, a única entrevista realizada a distância foi a do senhor Silvio de Almeida Filho, que foi diretor da escola Sinhá Junqueira. Por ele não estar muito bem de saúde a entrevista não pôde ser realizada pessoalmente, mas algumas perguntas foram respondidas por e-mail. Por conta da entrevista que acabou sendo um pouco limitada, trechos dessas

respostas do senhor Silvio foram utilizados para compor o último capítulo do livro, que são alguns depoimentos sobre a Vila Tibério.

Os entrevistados Fernando Braga, José Antonio Lages, Antonio Franco, Sheila Bueno Faccioli, Talitha Bueno, Rosangela Bueno, Igor Ramos e Reynaldo Bernuzzi, já eram conhecidos da autora havendo uma maior facilidade em marcar as entrevistas.

Geni Padilha, José Rubens Padilha, Rita Aparecida da Silva Fernandes, Natalia Castilho, Fausta Minelli, Jefferson Minelli, Graça Novaes, Mafalda Alvares, Marli Perazolli e Silvio de Almeida Filho a autora os conheceu através da rede social Facebook e foi preciso selecionar quem seria os entrevistados após um primeiro contato via conversa “inbox” da própria rede social.

Os demais entrevistados, Padre Daniel, Adônis Vilarinho, Zercir Vilarinho, Mário Assumpção, Alceu Bigato, Luis Antonio de Miranda, Juarez de Almeida, Lúcia Helena dos Santos, Alcebíades Rocinholi, Gilberto Moreschi, Pedro Antoniazzi, Aurélio Cardoso, Arthur Tamburus, João Batista Boresso e Dorotéa Castigio, foram indicações de amigos da autora e dos próprios entrevistados.

3.6 Dificuldades

Para a realização desse livro-reportagem houveram poucas dificuldades, a maior delas, certamente, foi o tempo.

Por trabalhar no período da tarde e estudar à noite, precisei conciliar meus horários com os dos entrevistados, alguns só podiam gravar no período da tarde, outros só podiam no período da noite. Para isso alguns dias precisei trabalhar no período da manhã para realizar as entrevistas à tarde e outras vezes precisei faltar da faculdade para realizar as entrevistas.

Também por conta da falta de tempo não consegui encontrar personagens de outros lugares marcantes da Vila Tibério, como por exemplo, a Escola Municipal Anita Procópio Junqueira, o Lar Santana, da avenida do Café, entre outros, mas isso deixa aberta a possibilidade de uma segunda edição dessa obra.

Particularmente, eu não consigo escrever um texto sem tem a maior parte das informações comigo, sendo assim, por ter demorado dois meses para colher todas as informações para a elaboração do livro, só comecei a escrevê-lo no dia 12 de outubro. Neste período precisei tirar doze dias de férias do meu trabalho para

conseguir escrever todo o livro, porém isso não foi possível e o livro só foi finalizado no dia três de dezembro, pois houve a necessidade de algumas revisões, correções e a inclusão de uma última entrevistada.

Por ter escrito todo livro em primeira pessoa, não houve muitas dificuldades para escrever os textos. E apesar de essa ter sido minha primeira experiência no jornalismo literário, quando há inspiração o texto acaba saindo sozinho como se ele tivesse vida própria.

3.7 Comentários

Além do aspecto social do jornalista que é a de passar informação para a população, foi possível perceber que o jornalismo unido com a literatura também consegue passar uma mesma informação, mas de uma forma mais leve e ao mesmo tempo interessante, afinal o papel do jornalista é contar histórias, algumas em formato mais direto e outras como essa, mais leve e mais literária.

No processo de execução desse projeto, pude perceber o quanto de histórias poderiam ter sido perdidas se elas não tivessem compartilhadas neste livro. Detalhes que nenhuma matéria Hard News conseguiria transmitir.

Outro ocorrido interessante nesse projeto, foi o fato de alguns dos meus entrevistados se conhecerem sem eu saber. Por exemplo, um dos primeiros entrevistados foi o senhor Adônis e a senhora Zercir, moradores bem antigos da Vila Tibério. Quando eu fui entrevistar o senhor Alcebíades, que era morador de Cajobi, mas que frequentava bastante a cidade de Olímpia, descobri que Alcebíades conhecia o senhor Adônis que trabalhou na cidade de Olímpia, mas essa não era a única coincidência, no decorrer da conversa, a esposa do senhor Alcebíades contou que quando jovem morava em frente à casa do senhor Adônis e da senhora Zercir. Só relatei esse fato, para provar que independente do lugar em que você esteja, todos nós estamos ligados uns aos outros de alguma maneira, e quando tratamos de um mesmo assunto, como foi o caso dessa obra que tinha como objetivo falar sobre o bairro de Vila Tibério, isso fica mais evidente conforme as pessoas vão aparecendo e mais histórias vai se conhecendo.

Certamente, conhecer a Vila Tibério através dos relatos de todos esses personagens, me fizeram perceber o quão próximos as pessoas eram uma das outras, onde todos se conheciam. Andar nas ruas era mais tranquilo, crianças se

divertiam com poucas coisas e iam sozinhas para a escola sem medo algum, casas que ficavam abertas, vizinhos que se sentavam na rua para conversar, entre outras coisas que hoje já não acontecem mais. Atualmente, a maioria desses moradores vivem trancados em casa com medo de colocar o pé para fora de casa por conta da violência que ronda toda a cidade.

Mas apesar de toda correria, de todas as entrevistas, foi possível perceber o quão gratificante é quando se compartilha histórias com outras pessoas, sempre a final de uma entrevista eu percebia a felicidade que o entrevistado ficava ao perceber que sua história de alguma forma era importante, não só para mim autora do livro, mas importante para a posterioridade, afinal o que é escrito nas páginas de um livro nada e ninguém apagará.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente projeto, através de toda pesquisa de campo, tinha como objetivo principal a produção de um livro-reportagem que resgatasse as mais variadas histórias sobre um dos bairros mais antigos e tradicionais da cidade de Ribeirão Preto, a Vila Tibério. Para atingir esse objetivo, foi preciso muita pesquisa histórica em livros e arquivos públicos, mas principalmente, foi preciso conversar com vários moradores e ex-moradores, uma vez que esse projeto visava passar o olhar daquele que havia passado pelo bairro.

Foram realizadas, no total, 33 entrevistas, sendo 32 pessoalmente e uma via e-mail. Nas entrevistas pessoais, foi possível perceber o quão grato e feliz o entrevistado ficava ao saber, que de alguma forma, sua história era importante para a prosperidade. Por ter sido utilizado a técnica de entrevista em profundidade, muitas histórias se repetiram, algumas se cruzavam, mas outras histórias inéditas foram apresentadas.

O resgate histórico se faz importante, para que a história de um povo e de um lugar não se perca, e esse projeto conseguiu resgatar várias histórias sobre a Vila Tibério. Muita coisa ficou de fora, por questão do tempo, ainda há muito para ser resgatado, mas no que se foi proposto no início desse projeto, esse objetivo foi alcançado.

Por ter conseguido resgatar tantas histórias através de seus personagens, esse livro-reportagem poderá ser utilizado de forma didática nas escolas do bairro e da cidade, este que era um segundo objetivo desse projeto.

Gratidão é a única palavra que resume a finalização deste projeto que se concretiza nesse momento. Ainda existe a possibilidade desse livro-reportagem ganhar um segundo volume, uma vez que ainda há muita história para ser resgatada, mas esse primeiro volume, certamente, ficará na memória da autora como um grande desafio conquistado!

REFERÊNCIAS

BELO, Eduardo. **Livro-Reportagem**. São Paulo. Ed. Contexto, 2006.

BRAGA, Fernando. **Jornal da Vila**. 2017. Disponível em: <http://www.jornaldavilatiberio.com.br/img/edicoes/JVila141_junho17.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2018.

CÂMARA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO. **Lei Complementar. Projeto nº 281/2016, de 2 de agosto de 2016**. Dispõe sobre a delimitação da área territorial do bairro Vila Tibério. Ribeirão Preto. 2016. Disponível em: <https://publico.camararibeiraopreto.sp.gov.br/pysc/download_materia_pysc?cod_materia=MzU5NzQx&texto_original=1>. Acesso em: 20 jun. 2018.

CARDARELLI, Renata. **O bom jornalismo se aplica a tudo o que é da vida**. Entrevista de Eliane Brum concedida a Renata Cardarelli. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/_ed737_o_bom_jornalismo_se_aplica_a_tudo_o_que_e_da_vida/>. Acesso em: 20 jun. 2018.

CIONE, Rubem. **História de Ribeirão Preto** – I Volume. Ribeirão Preto. “Imag” – Gráfica e Editora. 1987.

CIONE, Rubem. **História de Ribeirão Preto** – V Volume. Ribeirão Preto. Ed. Legis Summa Ltda. 1997.

DUARTE, Jorge. BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisas em Comunicação** - 2ª ed. São Paulo. Ed. Atlas, 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **Entre-Vistas:** abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro. Ed. Fundação Getulio Vargas, 1998.

IBGE. **Censo Demográfico**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/ribeirao-preto/panorama>. Acesso em: 19 jun. 2018.

JARDIM, José Maria. **A invenção da memória nos arquivos públicos**. 1995. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/659/663>. Acesso em: 10 mar. 2018.

LAGES, José Antônio. **Ribeirão Preto revisitada**. Ribeirão Preto. Ed. Nova Enfim. 2016.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura - 4ª ed. Barueri. Manole, 2009.

MARCUSSI, Elaine.; ESPÍRITO SANTO, Silvia Maria do. **Vila Tibério:** um patrimônio da cidade em transformação. Documentação fotográfica e a Organização

da Informação a partir do acervo do Jornal da Vila de Ribeirão Preto - a memória mensal de uma cidade. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000011544/7a7575bd62a364a3da21dd3a39f4b075/>. Acesso em: 10 mar. 2018.

ANEXOS

Fotos de acervo pessoal dos entrevistados:

Mário Assumpção

Companhia Mogiana de Estradas de Ferro
CARTEIRA DE IDENTIDADE
— DO —
Empregado ou Pessôa de sua Família
PESSÔA DA FAMILIA
RETRATO AUTENTICADO Com o carimbo da Estrada
NOME MÁRIO ASSUMPÇÃO.-
CARGO Escriturário
DIVISÃO Transportes
MATRICULA
NOME
PARENTESCO
NASCIDO A
CER. ADMITIDO EM 19-10-57
SUPERINTENDENTE

Alceu Bigato

Grupo ANTARCTICA

Ribeirão Preto, 20 de janeiro de 1.954.-

Ilmo.Sr.
ALCEU BIGATO - 3594
N e s t a

Prezado Senhor:

Assinalando a passagem do 25º aniversário de seu ingresso nos serviços desta Companhia, é com a mais viva satisfação que vimos trazer-se prezado amigo e colaborador as justas e inequívocas expressões de nosso reconhecimento pelos inestimáveis serviços prestados durante esses cinco lustros de trabalho.

Por esse acontecimento feliz e de elevada significação para V.Sa. e Exma. Família, temos o prazer de oferecer-lhe o distintivo alusivo a esse evento e conceder-lhe uma licença de 01 (um) mês com vencimentos integrais, como justo e merecido prêmio aos seus esforços.

Atenciosamente,

Dr. ROBERTO HERBSTER CUNHÃO
DIRETOR PRESIDENTE

WOLMER BANZA DE ARRUDA
DIRETOR ADMINISTRATIVO

FRANCISCO LUIS MARTINS DOS SANTOS
DIRETOR COMERCIAL

Ribeirão Preto - S.P.

COMO PODEM CERVEJA ?

A materia prima e a seguinte:
- malte
- arroz
- gritz (querela de milhó)
- lupulo
- agua

O que e o malte ?
Malte e cevada que passa por um processo de maltescas.
Cevada e o cereal na roça, colhido diretamente da terra.
Na maltescas a cevada e mergulhada em tanques com agua, onde começa uma germinação forçada (aparecem pequenos brotinhos). Depois de gominar, a cevada e torrada, onde ja e chamada de malte.

Para que o usado arroz que gritz ?
Ao contrario do que todos pensam, o arroz e o gritz não são para baratear a cerveja e sim para melhorar a qualidade. Hoje, um saco de arroz e mais caro do que um saco de malte.

O que e o lupulo?
O lupulo e uma flor do grupo das trepadeiras. Ele da para cerveja o gosto amargo e o cheiro caracteristico.

NA PRATICA COMO SE FAZ A CERVEJA ?

A cerveja se faz em etapas como segue:
- moagem de malte.
- diluição da materia prima em agua através do processo de mosturação.
- a massa obtida, deve ser filtrada para retirar o bagaço e restar o limpido acucarado que se chama mosto.
- depois de filtrado o mosto de ser cozinhado.
obs: o lupulo e colocado durante o cozinhamento
- depois de cozinhado, o mosto e resfriado, onde recebe o fermento.

O que e o fermento ?
O fermento e um organismo vivo, muito pequeno, que se pode ser visto no microscopio.

O que o fermento faz no mosto?
O fermento se alimenta da parte doce do mosto, soltando gas carbonico e alcool. E por isto que o mosto tem um gosto acucarado e a cerveja pronta tem alcool e gas carbonico.

continuando da onde paramos ...
- depois de ser resfriado e receber o fermento, o mosto começa a fermentar. Fermentação e a transformação que o fermento faz no mosto, mudando o doce do mosto para aparecer o gas carbonico e o alcool.
- depois de fermentado a cerveja e transferida para os tanques de maturação (tambem chamados de decantação), onde a cerveja deve descançar por quase um mes para ficar com o gosto aprimorado que todos conhecem.
- passado o tempo de decantação, a cerveja deve ser filtrada, para possuir um brilho bonito.
- depois de filtrada, a cerveja e embarrilada ou engarrafada (tambem pode ser colocada em latas)

Qual e a diferença de chope para a cerveja ?
A cerveja e pasteurizada e o chope não.
Pasteurização e um aquecimento do liquido por um determinado intervalo de tempo para que possa ficar mais tempo sem estragar.

Refórma

Anualmente, como é praxe e nórma
todas as secções da companhia
a partir de junho, entram em refórma
uma por vez, em média quinze dias
porquê fabricando diúturnamente
claro que redóbra nóssa precaução
embóra tendo periódicamente
gente especializada, na manutenção

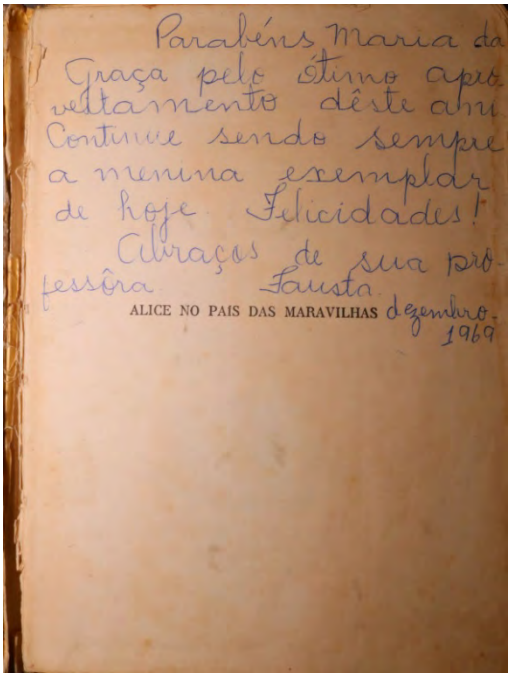
Todas as caldeiras, ficam vazias
sem vapor, e sem diágramas
O trabalho, é só durante o dia
para o azar, das respectivas camas
duante êste curto periodo
altêra nóssso tipo de trabalho
fazemos um pouco, de quase tudo
como se diz na giria, quebramos o galho

Têm gente que vai para a mecânica
têm pintor grande,e não têm grande pintor
nóssa luta, chega ser titânica
sem técnica, mas com amor
O que pintar, a gente pinta
seja aonde fôr, ninguém reclama
temos todo cuidado com a tinta
embóra um pouco, as vezes derrama

E quando a refórma chega ao fim
voltamos a fazer o que o povo deseja
todo bom Brasileiro, é igual a mim
adóra mulhér, vióla e cerveja
a companhia Antarctica, é grande
patênte orgulho, do povo Alemão
para nóssa alegria, êla se espande
com muita confiança, sobre o nósso chão

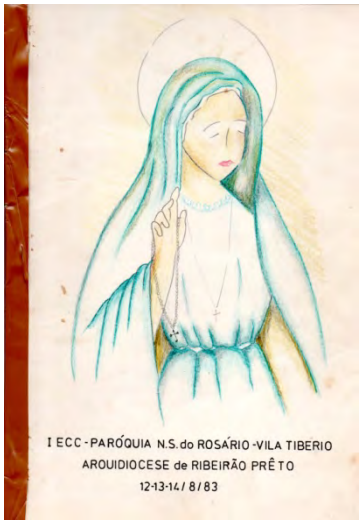
Luiz Antonio de Miranda

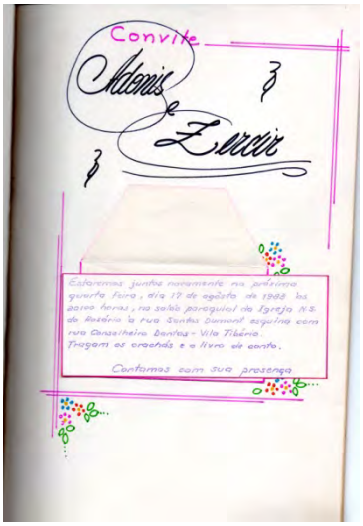
Graça Novais



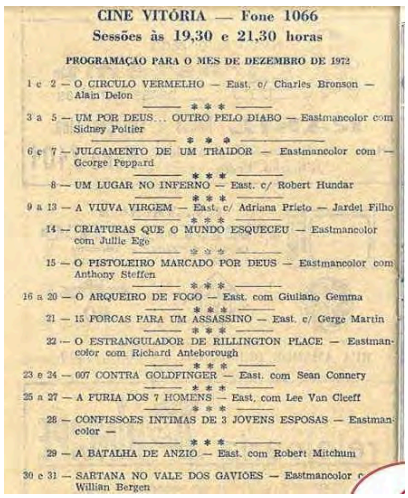
Rita Aparecida da Silva Fernandes

Adônis Vilarinho





Aurélio Cardoso



CINE VITÓRIA — Fone 1066
Sessões às 19,30 e 21,30 horas

PROGRAMAÇÃO PARA O MES DE DEZEMBRO DE 1972

1 e 2 — O CIRCULO VERMELHO — East. c/ Charles Bronson — Alain Delon
* * *
3 a 5 — UM POR DEUS... OUTRO PELO DIABO — Eastmancolor com Sidney Poitier
* * *
6 e 7 — JULGAMENTO DE UM TRAIDOR — Eastmancolor com — George Peppard
* * *
8 — UM LUGAR NO INFERNO — East. c/ Robert Hundar
* * *
9 a 13 — A VIUVA VIRGEM — East. c/ Adriana Prieto — Jardel Filho
* * *
14 — CRIATURAS QUE O MUNDO ESQUECEU — Eastmancolor com Julie Ege
* * *
15 — O PISTOLEIRO MARCADO POR DEUS — Eastmancolor com Anthony Steffen
* * *
16 a 20 — O ARQUEIRO DE FOGO — East. com Giuliano Gemma
* * *
21 — 15 FORCAS PARA UM ASSASSINO — East. c/ Gerge Martin
* * *
22 — O ESTRANGULADOR DE RILLINGTON PLACE — Eastmancolor com Richard Anteborough
* * *
23 e 24 — 007 CONTRA GOLDFINGER — East. com Sean Connery
* * *
25 a 27 — A FURIA DOS 7 HOMENS — East. com Lee Van Cleeff
* * *
28 — CONFISSOES INTIMAS DE 3 JOVENS ESPOSAS — Eastmancolor —
* * *
29 — A BATALHA DE ANZIO — East. com Robert Mitchum
30 e 31 — SARTANA NO VALE DOS GAVIOES — Eastmancolor c/ William Bergen

"CINE MARROCOS" — FONE 3968
Sessões às 19,30 e 21,30 horas

PROGRAMAÇÃO PARA O MES DE DEZEMBRO DE 1972

1 — A ULTIMA ESPERANÇA DA TERRA - East. c/ Charlton Hestno
2 — TRISTEZA DO JECA — Eastmancolor com Mazzaropi
3 a 5 — CHUCK MULL O HOMEM DA VINGANÇA — Eastmancolor com Leonard Mann
6 — MAMA ROMA — Eastmancolor com Silvana Magnany
7 — A BATALHA DO ULTIMO PANZER — East. c/ Stan Cooper
8 — ABENÇOAI AS FERAS E AS CRIANÇAS — Eastmancolor —
9 a 12 — D'GAJAO MATA PARA VINGAR — e "UM SICILIANO NA DINAMARCA — Eastmancolor com Lando Buzzanca
13 — A VOLTA DE ARIZONA COLT — East. c/ Anthony Steffen
14 — A NOITE DA VERGONHA — East. c/ Marilia Branco
15 — VISITANTES DA NOITE — East. com Charles Bronson
16 — SEU MANDAMENTO ERA MATAR — Eastmancolor —
17 a 20 — O JECA E O BODE — Eastmancolor com Chico Fumaça
21 — DEUS CRIOU O HOMEM... O HOMEM CRIOU O COLT — Eastmancolor com Gilbert Roland
22 — OS BRAVOS NAO SE RENDEM — Eastmancolor com Christhoper Plummer
23 e 24 — O CONDE DRACULA — East. com Christopher Lee
25 e 26 — O REVERENDO DO COLT 45 — East. c/ Richard Harrison
27 — BATALHA DE HEROIS — East. com George Hilton
28 — LE MANS, ATALHO PARA O INFERNO — Eastmancolor com Lang Jeffries
29 — MUNDO QUENTE A NOITE — Eastmancolor —
30 e 31 — AGORA FAZES AS PAZES COM DEUS — Eastmancolor com Fardin — Jeff Cameron

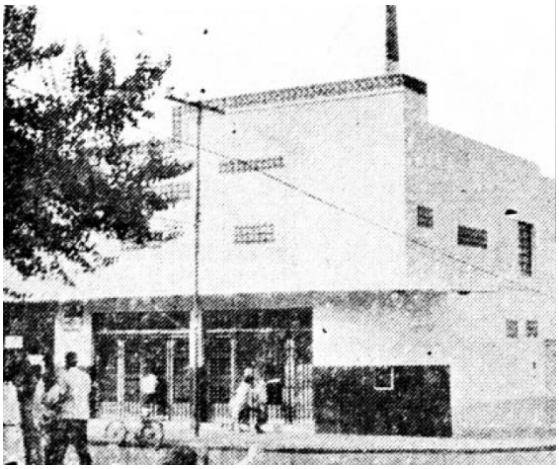
Arthur Egydio Tamburus

João Batista Boresso

Marli Aparecida Alvares Perazolli

Natália Catilho Barbieri

Fotos do acervo do Jornal da Vila:



Valorize o que é seu. Compre no comércio da Vila EXCLUSIVO Julho de 2006 Jornal da Vila 5

Lima Duarte nasceu na Vila

Ele morou na Vila Tibério até os quinze anos. Mas sua biografia oficial diz outra coisa

Fernando Braga

O jovem Artelceno Martins, o "Teninho", como era chamado, participava do grupo de teatro da Unificação Kardecista, sob o comando de Theodoro José Pipa e eventualmente trabalhava em alguma peça do Teatro Escola de Ribeirão Preto, onde atuava sua mãe, a Dona Pequena. Quem nos informa é o o vereador José Velloni, de 85 anos, que era amor na época.

Velloni chegou a trabalhar com o "Teninho" em duas peças: "A Patroa (tinha razão)", na qual ele fazia o papel de um dançarino e em "O Médico dos Pobres", em que o amor era um estudante de Medicina que tinha o romance proibido pelo pai da moça, protagonizado por Velloni, que impedia o casamento e posteriormente o médico viria salvar a vida da moça.

O ex-vereador lembra que a mãe de "Teninho", Artelcia Martins, a Dona Pequena, era uma excelente atriz, muito versátil para qualquer papel, mas não comédias era excelente. Trabalhou nas peças "Maria Cazarza", "Dicas e a Nanocca", "Onda Cama e Sabiá", "Neto de Deus", entre outros.

Depois que o jovem "Teninho" foi embora para ser técnico de rádio na Tupi, em São Paulo e depois da morte do marido, "seu" Tonico, dona Pequena também foi para São Paulo trabalhar como telefonista na Fundação Zerntcor, recorda Velloni.

INFÂNCIA - Uma colega de infância tem lembranças muito vivas dos tempos de "Teninho" na Vila Tibério.

Trata-se da senhora que, pelo fato de sua mãe ter sido muito amiga da mãe dele e ter tido um convívio com sua família prefere não ser identificada.

Lembra que ele estudou os primeiros anos no extinto 7º Grupo Escolar e participou de grupos teatrais da cidade.

Segundo ela, o pai de Artelceno, o "seu" Tonico, trabalhava na Casa Glória, que vendia secos e molhados e foi um dos fundadores do Centro Espírita Bauruíta. Sua mãe, Artelcia Gonçalves Martins, a dona Pequena, cuidava dos filhos Geraldo e Artelceno.

No início da década de 30 mudaram-se para a rua Martinico Prado, atrás da estação da Mogiana, onde os meninos cresceram. Geraldo, o filho mais velho, morreu vítima do crupe (infecção viral contagiosa das vias aéreas), quando tinha cerca de treze anos, em uma época de poucos recursos. O casal acabou adotando outro filho, Fausto.

Em 1945, aos 15 anos, Artelceno foi para São Paulo deixando para trás a pequena Vila para conquistar o Brasil.

José Velloni chegou a trabalhar com Lima Duarte em duas peças

Artelceno Martins nasceu em 28 de março de 1930 em uma pequena casa no começo da rua Padre Feijó, numa época que se nascia em casa e foi registrado no cartório do 1º Subdistrito - Ribeirão Preto, as folhas 013-V do livro Ara° 132 de Registro de Nascimento sob o ordem 612, no mesmo dia de seu nascimento, conforme lê-se abaixo.

Este verdade contradiz a biografia oficial que afirma ser ele de Desembragas, distrito de Sacramento, Minas Gerais, e que chegou a São Paulo num caminhão de manga.

A senhora que nos informou acredita que ele, jovem ainda e com imaginação muito fértil, fantasiou seu passado e que depois ficou difícil de voltar atrás.

Ela conta que Artelceno, quando foi trabalhar na Rádio Tupi, teve que adotar um nome artístico, pois seu nome não era adequado para isso e escolheu um nome Espírito Lima Duarte. Anos mais tarde toda sua família também mudou para São Paulo.

"Artelceno sempre foi um artista. Se transformava quando brincava de teatro e a mãe dele, dona Pequena, também representava muito bem", afirma a senhora que prefere o anonimato.

VILA TIBÉRIO - Nos arquivos do Grupo Escolar Sinhá Junqueira consta que Artelceno Martins foi matriculado em 1937 do 1º ano, com a professora Felina Facci Cavalcanti e teve como colegas Antônio Ely di Santo, Antônio Pereira Brituas, Ezequiel Pedro Agobi, Guilherme Crestonez, Hermínio Fernandes (do armarinho), José Gonçalves, José Prado, Ludovico Leone, Walter Mutzer, Lúcio Dinardi, Apparecida Barzazio, Beatriz Pieri, Joanna Menegheti, Ieschphina Borghesi, Olga Falm, Ruth Weber, Wilma Correa Escolano, entre outros.

Em 1958, teve como professora Marianna Mascagnio e como colegas Achilles Cagliardi, Adelino Fonzao, Afonso Galacio, Alcides Gobolin, Aldido Zampieri, Antônio Fiscer, Antônio Loria Neto, Armando A. Bonoti, Arsênio Vianna, Arsênio Roncato, Claudino Sacilotto, Décio Innocente, Francisco F. Lattaz, Geraldo Bastaldi, Guilherme Abrantes, Luiz Sacilotto, Manoel G Guerreiro, Orsaus Gaiesca, Orlando Zanirillo, Osvaldo Lagamba, Walter Trujillo, Ricardo Collini, Sebastião Rosolino, entre outros.

Nota da Redação

No início de maio entramos em contato com a jornalista de Lima Duarte para um posicionamento diante da notícia de que ele teria nascido na Vila Tibério. Pedimos objetos pessoais do Jornal da Vila, que foram enviados para a cidade. Ao que parecem não gostou do que leu e preferiu não se manifestar. No dia 16 de junho entramos e-mail informando que conseguimos certificação que ele nasceu na Vila e pedimos um depoimento.

No dia 19 ele respondeu com o e-mail:

"O Lima está envergonhado com a final da novela e amanhã um cadáver ao mar, pois começa a estar um longo já nota 7 Jorge, por isso ele não quer se manifestar sobre o assunto.

Mas ai para reforçar o Lima não nasceu em Ribeirão Preto, ele nasceu em uma cidade chamada Desembargador em MG e passou uma parte da infância na Vila Tibério.

O que eu posso se dizer é que não tenho nada contra a Vila, mas não tenho essa confirmação detalhe, não sei se fica mais em cima para ser, mas posso ajudar arranjar algumas pessoas dele. Sinceramente."

Nota da Redação

No dia 117 mandamos esse e-mail:

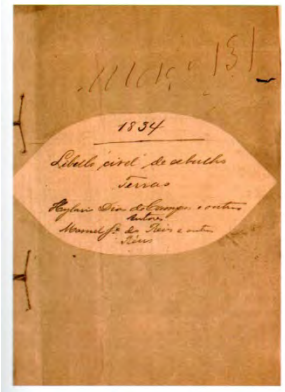
"Prezado Fernando,

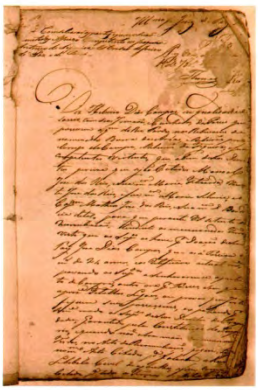
Conversei rapidamente com o Lima hoje e o que ele passou para mim é que ele morou na Vila Tibério dos 7 aos 15 anos, onde frequentou a grupo. Depois da Guerra ele se mudou. Inicialmente por não poder se ajudar mais, mas é que a vida do Lima se tornou real uma loucura.

Sinceramente que ajude. Sinceramente."

Marcia

Fotos do acervo dos livros "Ribeirão Preto Revisitada" do professor e historiador José Antonio Lages e "História de Ribeirão Preto" do escritor Rubem Cione:





Fotos do acervo do site "Biblioteca Nacional Digital Brasil:

Domingo, 25 de Novembro de 1885

CORREIO PAULISTANO

Editor-gerente—Joaquim Roberto de A. Marques

Inauguração

Recebemos hontem o seguinte telegramma :

«Do dr. Lisboa, (Ribeirão Preto) á redacção do *Correio Paulistano*—S. Paulo.

«A locomotiva *João Theodoro* rebocando um trem repleto de passageiros, entrou hontem ás 6 horas da tarde na estação desta villa.

«Directoria recebida com estrondosas ovações, grande enthusiasmo, festejos explendidos.»

—

As poucas linhas que transcrevemos, dão noticia de um importantissimo acontecimento.

A zona agricola do Ribeirão Preto, uma das mais fertois da provincia, está, pela nova estrada de ferro, em immediata communicação com a capital da provincia e o porto de Santos.

A' Companhia Mogyana coube a realisação deste grande progresso, cuja gloria se cabe grandemente a vitalidade da provincia reverte incontestavelmente a digna directoria da estrada, e muito em especial ao seu benemerito presidente o illustre paulista sr. Barão do Parnahyba.

O YPIRANGA

ORGAM DO PARTIDO LIBERAL EM S. PAULO

REDACTORES

Salvador de Mendonça e Ferreira de Menezes

Baptisados.—Foram baptisadas em agua morna, levando-as á pia Gil Braz Rodrigo, e depois espalharam-se pelas localidades infra, as seguintes arbitrariedades :

Bethlem do Descalvado

2.° Supplente do delegado o actual 4.° João José Alves Aranha.
3.° dito. o actual 6.° ,João Francisco de Moraes Octavio.
4.° dito, Gabriel Porfirio Villela.
5.° dito, Jesuino Franco da Rocha.
6.° dito, José Lourenço de Oliveira.
Subdelegado, Sebastião de Oliveira Penteado.
1.° supplente, Tiberio Augusto Garcia de Souza.
2.° dito, Joaquim Mariano Aranha.
3.° dito, Bento Lemos de Campos.
4.° dito, José Antonio dos Sanctos.
5.° dito, José Pereira Dias.
6.° dito, José Joaquim do Amaral.

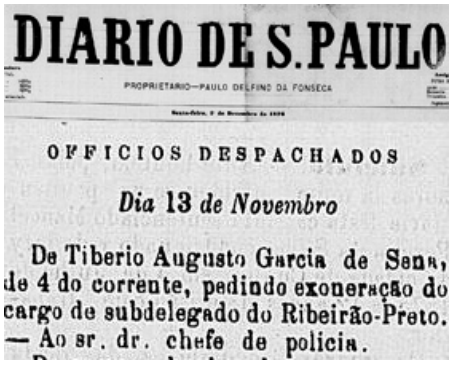
SABBADO 10 DE OUTUBRO DE 1868

CORREIO PAULISTANO

Policia—Por actos de 3 do corrente, foram nomeados para os cargos policiaes vagos os cidadãos seguintes :

Bethlem do Descalvado

2.° supplente do delegado o actual 4.°, João José Alves Aranha.
3.° dito, o actual 6.°, João Franco de Moraes Octavio.
4.° dito, Gabriel Porfirio Villela.
5.° dito, Jesuino Franco da Rocha.
6.° dito, José Lourenço de Oliveira.
Subdelegado, Sebastião de Oliveira Penteado.
1.° supplente Tiberio Augusto Garcia de Souza.
2.° dito, Joaquim Mariano Aranha.
3.° dito, Bento Lemes de Campos.
4.° dito, José Antonio dos Santos.
5.° dito, José Pereira Dias.
6.° dito, José Joaquim do Amaral.



DIARIO DE S. PAULO

PROPRIETARIO—PAULO DELFINO DA FONSECA

OFFICIOS DESPACHADOS

Dia 13 de Novembro

De Tiberio Augusto Garcia de Sena, de 4 do corrente, pedindo exoneração do cargo de subdelegado do Ribeirão-Preto. — Ao sr. dr. chefe de policia.

Fotos do acervo do Arquivo Histórico Público de Ribeirão Preto:

"A CIDADE" RIBEIRÃO PRETO, 7 DE MAIO DE 1959

Próximo Lançamento: Terça Feira, Dia 12 — A' M.G.M. apresenta mais uma vez, em CinemaScope MetroColor com DEAN MARTIN — ANNA MARIA ALBERGHETTI — EVA BARTOK e DEWEY MARTIN em

"DEZ MIL ALCOVAS"

*** CINE MARROCOS ***

TELEFONE, 3968

INAUGURAÇÃO HOJE, 7 DE MAIO DE 1959 — SESSÃO ÀS 20,15 HORAS

CONDOR FILMES APRESENTA:

"A Grande Estrada Azul"

com YVES MONTAND — ALIDA VALLI e RONALDINO em SuperVision Technicolor

A Sessão inaugural será em benefício das instituições beneficentes:

SOCIEDADE AMIGA DOS POBRES e LAR SANTANA

VITÓRIA

2 SESSÕES ÀS 14.30 — 19.30 HORAS

" O INDOMADO "

Com Paul Newman, Patricia Neal e Hud (o homem com arame farpado na alma!

A renda total será revertida em benefício do Lar Sant'Anna, Sociedade Amiga dos Pobres e Parque Infantil da Vila Tibédio

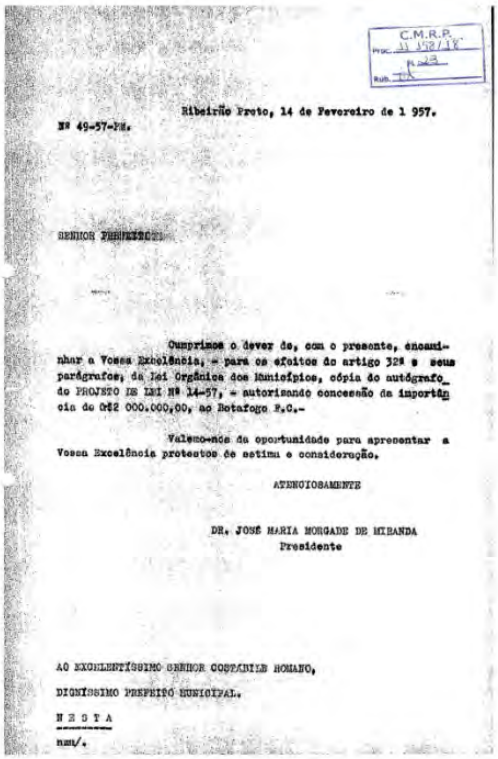
(Impróprio até 14 anos)

— PRÓXIMO LANÇAMENTO —

Amanhã: Com Dean Martim e Lana Turner:

ELA TOPOU A PARADA

Fotos do acervo da Câmara Municipal de Ribeirão Preto:



C.M.R.P.
Proc. 11 152/18
Rub.

Ribeirão Preto, 14 de Fevereiro de 1 957.

Nº 49-57-PM.

SENHOR PRESIDENTE:

Cumprimos o dever de, com o presente, encaminhar a Vossa Excelência, - para os efeitos do artigo 32º e seus parágrafos, da Lei Orgânica dos Municípios, cópia do autógrafo do PROJETO DE LEI Nº 14-57, - autorizando concessão da importância de Cr$2 000.000,00, ao Botafogo F.C.-

Valemo-nos da oportunidade para apresentar a Vossa Excelência protestos de estima e consideração.

ATENCIOSAMENTE

DR. JOSÉ MARIA MORGADE DE MIRANDA
Presidente

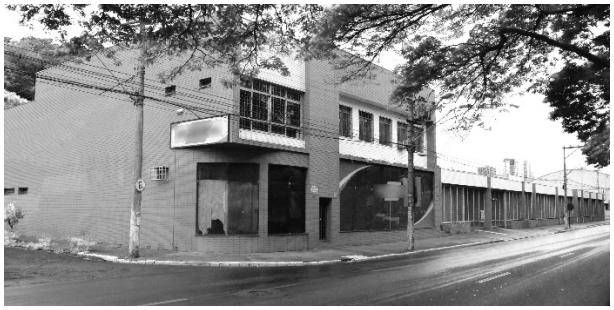
AO EXCELENTÍSSIMO SENHOR COSTABILE ROMANO,

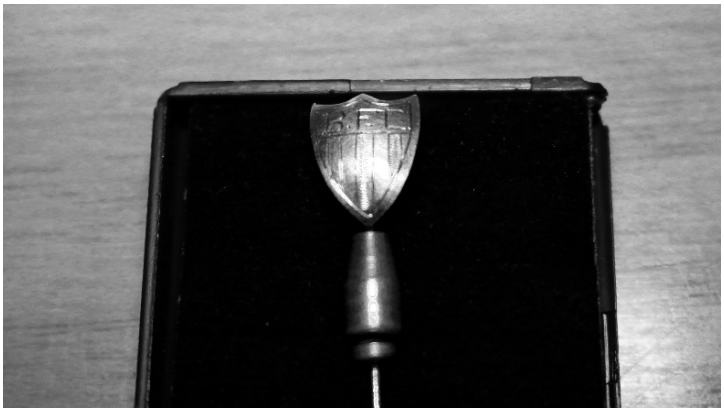
DIGNÍSSIMO PREFEITO MUNICIPAL.

N E S T A

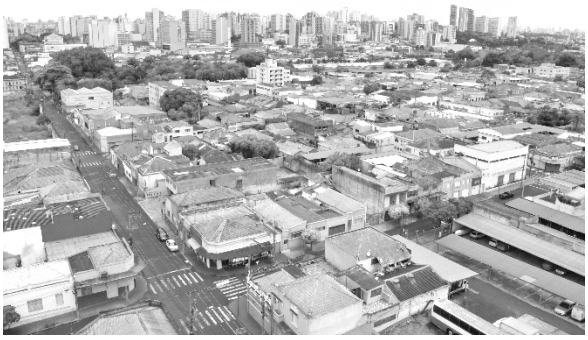
nm/.

Fotos autorizadas por seus proprietários: João Júlio Oliveira, Marcelo Tomaz, Rodrigues Gallo, Newton Barbosa e Natan Ferraro:

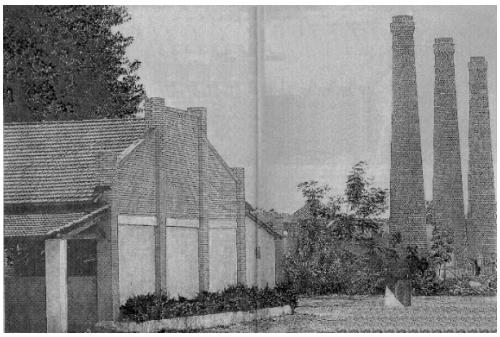




TÁXI
24



Fotos do acervo da ONG Vivacidade:



Fotos do acervo da Escola Hermínia Gugliano:

Fotos do acervo da Internet:

APÊNDICES

DECUPAGEM
FERNANDO BRAGA - JORNALISTA E EDITOR DO JORNAL DA VILA
ENTREVISTA: 28 DE AGOSTO DE 2018

P: Me conte sua história na Vila Tibério.
R: Eu nasci nos Campos Elíseos na verdade. Eu nasci na Santa Casa e meus moravam na rua Goiás, da rua Goiás nós fomos para a Marquês de Pombal, com um ano e pouco nós viemos para a Vila Tibério, com dois anos mais ou menos, e fomos para travessa Laureano. De lá nós mudamos para a Luiz da Cunha, aí quando eu tinha seis anos meu pai morreu em um acidente e então fomos morar com a minha avó e ela morava no casarão onde depois, posteriormente, foi o Cine Marrocos, então a gente morou ali até a venda. Porque o casarão pertencia a Cerâmica São Luiz, meu tio trabalhava na Cerâmica São Luiz. Aí a Cerâmica vendeu o casarão para a construção do Cine Marrocos e nós mudamos e fomos para a rua Rodrigues Alves, em frente ao Centro Espírita Batuíra, depois disso, minha mãe alugou uma casa que tinha um salão na frente, porque minha mãe era cabeleireira, na Luiz da Cunha e aí a gente voltou para a Luiz da Cunha, no quarteirão do Cine Marrocos e aí já tinha o cinema. Nós ficamos ali um bom tempo, aí minha mãe levou o salão para o centro e nós mudamos para rua Martinico Prado. Aí depois disso, a gente mudou para a Mariana Junqueira, saímos da Vila Tibério, eu tinha uns 12 anos. Posteriormente, eu fui estudar em São Paulo, estudei na USP, só que eu fazia Ciências Sociais, aí eu voltei para casar e comecei a trabalhar no “O Diário”, trabalhei também no “Diário da Manhã”, “Diário de Notícias”, “A Cidade”, “Verdade”, só não trabalhei no “Tribuna”. Quando eu casei vim morar na Vila de novo, morava na Barão de Cotegipe, depois mudamos para a Vila Seixas e aí eu separei e voltei para a Vila, para esse endereço que estou hoje e isso já faz mais de dez anos. Desde 90 eu trabalhava no Verdade e o jornal ficava na rua Joaquim Nabuco, logo no primeiro quarteirão, lá era a casa do Wilson Toni e no fundo era a redação, depois o Verdade foi para o Monte Alegre. Então tinha a ligação de passar na Vila direto, eu trabalhava interno, mas tinha essa ligação de passar pela por lá, de viver e vivenciar o bairro. E sempre tive amigos, então sempre teve ligação forte. O jornal eu tinha vontade de fazer, só que tinha o medo, é um empreendimento comercial que você tem que vender a publicidade e vender publicidade era a última coisa que eu pensava em encarar, aí em 2005 o Toni começou a manifestar o tumor cerebral em maio, junho e aí a coisa foi indo e eu pressenti que ia acabar e até comentei com os colegas. Na perspectiva de que não ia ter emprego, pessoa de mais idade né? Aí eu decidi fazer o jornal e comecei e foi indo e vai fazer 13 anos. O Toni morreu em dezembro de 2005 e a primeira edição do jornal foi em outubro de 2005 e ele chegou a ver o primeiro jornal, olhou e falou, “é bom, o caminho é bom, é isso aí”

P: Me fala um pouco sobre a Vila Tibério
R: Tibério era mineiro, agrimensor. Ele passou, antes de Ribeirão, por descalvado e lá ele trabalhou na Câmara, ele foi assessor e lá ele conheceu o João Franco de Moraes Octávio, que era um fazendeiro que, posteriormente, comprou a área da fazenda Monte Alegre, que se chamava Fazenda Laureano. Aí, ele chegou em Ribeirão e acabou casando com a filha do João Franco que era dono da Fazenda Monte Alegre. O João Franco era uma personalidade que vale se ressaltar, que ele era um cara empreendedor, ele construiu aquele casarão que é o museu municipal, ele que construiu, antes do Schimidt. O João Franco era escravagista, ele não conseguiu entender a época, que era uma época de transição, então já tinha o ideal do abolicionista e a monarquia era abolicionista, e eles vieram visitar Ribeirão. João Franco queria o título de nobreza, segundo dizem que ele pleiteava um título de nobreza, mas eles não deram por conta de ele ser escravagista. Ele pressentindo que ele não iria encarar aqueles novos tempos doou áreas para cada filha e genros e o Tibério Augusto recebe essas terras da Vila Tibério. Ele era um cara de visão, ele era agrimensor, tinha uma visão ampla de terra, começou a vender glebas, áreas grandes, posteriormente ele passou a vender lotes urbanos para a construção de uma casa. Quando ele começou a vender lotes urbanos? Quando chegou a ferrovia, que começou a valorizar e começou a ter procura. A ferrovia chegou em Ribeirão em 1883, em que trabalhavam em uma estação provisória na Caramuru, enquanto isso eles estavam construindo a Estação Ribeirão Preto que ficava onde hoje é o Pronto Socorro Central, que era a Estação da Mogiana, essa Estação começou a funcionar em 1885. Uma curiosidade, quando eles inauguraram a Estação provisória em 1883, os vereadores da Câmara Municipal não foram na inauguração, porque eles queriam que quem chegasse em Ribeirão era a Companhia Paulista, porque a Paulista tinha ligação direta com São Paulo, a Mogiana nascia em Campinas, então não era uma ligação direta com São Paulo, você teria que ir à Campinas, baldear e pegar outro trem para ir até São Paulo, mas chegou a Mogiana. Em 1885 quando a Estação ficou pronta não teve inauguração da estação principal e começou a funcionar sem inauguração oficial. Os ferroviários começaram a procurar terrenos e as terras do lado de lá (da Mogiana), lá era o centro, era área valorizada, ali era o centro de Ribeirão, depois que foi subindo o centro, mas naquela época era ali. Então eles tinham que procurar um local que fosse perto e que não fosse no centro, porque era muito caro, o lado oposto estava vazio. Então, os funcionários começaram a procurar as terras ali, quando se perguntava sobre os terrenos os ferroviários falavam que iam comprar na vila do Tibério, pois vendia esses terrenos era o Tibério. E foi assim que começou o nome do bairro, tempos depois veio o loteamento Vila Tibério e aí pegou o nome mesmo. Aí, posteriormente, voltando no João Franco, ele vendeu as terras para o Schimidt, pois ele tinha essa visão de assalariado, do empregado e o João Franco não tinha essa visão moderna, ele não entendeu esses tempos modernos, ele ficou perdido naquela visão escravagista. Com a chegada da Antárctica a Vila Tibério adquiriu-se um perfil mais operário, depois em 32 o Diederichsen saiu do centro, por causa de enchente e transferiu sua parte de indústria para a Joaquim Nabuco, o antigo Banco Construtor. Em 1914 a capela da

Vila Tibério foi elevada a Paróquia, então Ribeirão ficou com duas paróquias a do centro e a da Vila. Em 1917 chegam os Claretianos, eles eram uma ordem religiosa espanhola, aí eles começaram a construção da igreja desse templo que existe até hoje, a construção começou em 1918 e foi super-rápida, porque contou com a participação dos fiéis, dos moradores da Vila Tibério, então as pessoas doavam seu trabalho e a igreja foi inaugurada em dezembro de 1919. Em 1918 tem o Botafogo que foi fundado aqui na Vila Tibério. Em 1921 a Vila Tibério ganha, na verdade era uma reivindicação dos moradores, uma escola o Terceiro Grupo Escolar, hoje que é a escola Dona Sinhá Junqueira, ficou como Terceiro Grupo até 54 que com a morte da Dona Sinhá Junqueira a escola foi homenageada com o nome dela e ela não tem nenhuma ligação da história dela com a escola, apenas foi homenageada. Eu estudei no Sinhá e na minha época tinha esse negócio de professora falar assim: Se você não se comportar você vai ficar lá no porão junto com a caveira, acho que existia uma caveira para a aula de ciências que ficou lá e aí gerou todo esse mito do porão.

P: E sobre o Botafogo que você estava falando?
R: Em 1918 foi fundado o Botafogo, em 12 de outubro de 1918 com a fusão de três times o Ideal, o Tibeirense e o União Paulistano, eles se uniram e decidiram fazer um time da Vila Tibério, um time expressivo, porque os três sozinhos não tinham força. Na época o Comercial já existia, foi fundado em 1911 e era o time da elite era o time da sociedade, o campo dele era onde hoje é a Recreativa no nove de julho. Teve um episódio que começou uma certa rivalidade que o Botafogo havia marcado um jogo e pediu o campo do Comercial emprestado e o Comercial emprestou, só que na última hora eles cancelaram e isso deixou o pessoal do Botafogo muito contrariado e isso foi um divisor. Eles tinham um campo provisório que era onde foi a fábrica de vidros, que hoje é o prédio Merit Gardem, aí eles fizeram uma cotização e compraram o terreno do antigo Estádio Luiz Pereira que depois virou o Poliesportivo, aí eles construíram o campo, fizeram as arquibancadas e lá chamava “Fortim” da vila Tibério, lá não tinha um nome e eles fizeram um pacto entre os compradores, diretores e presidente, de que daquele grupo quem morresse primeiro seria homenageado com o nome do estádio e aí foi o Luis Pereira que foi um dos compradores da área. Em 56, 57 ele subiu para a primeira divisão que era a divisão principal do campeonato paulista, a partir daí eles tiveram que adequar o campo e então eles fizeram arquibancadas de madeira e tinha uma arquibancada tradicional muito bonita, de modelo antigo foi demolida e fizeram uma de concreto, que o pessoal chamava de cativa, na época, e funcionou ali até 67. Eles tiveram um projeto de construir um estádio de concreto ali no Luiz Pereira mesmo, mas não deu certo e aí construiu o Santa Cruz e mudaram para lá.

P: E sobre os cinemas e praças da Vila?
R: A época dos cinemas, foi a melhor época da Vila Tibério, nessa época a Vila ela tinha tudo, ela era meio isolada do centro, porque a única ligação com o centro era a Luiz da Cunha. Ali, tinha uma porteira e quando o trem estava manobrando ou

passando. Fechava e não passava nem carro e nem ninguém e ficava todo mundo parado, tinha um túnel que era uma passagem para pedestres e lá era muito mal cheiroso. Mas os cinemas começaram aí, primeiro o Cine Marrocos e depois o Cine Vitória. O Marrocos começou por volta dos anos 60, o Vitória foi posterior, isso foi em uma eleição que o Oswaldo de Abreu Sampaio, ele era dono de cinemas, então ele construiu o cinema e colocou o nome de Vitória, porque ele acreditava na sua vitória na eleição. E na Praça Coração de Maria tinha futting, tinha serviço de alto-falante, aqueles de praças mesmo: "Fulano oferece para sicrano a música como prova de amor ou só quer ouvir a música", aí o locutor falava e colocava a música, tinha uma pick up, um toca disco, e colocava a música. Tinha três alto falantes e virado para cada lado e ficava tocando e a noite tinha o futting, os homens andavam para um lado e as mulheres andavam para outro e de lá saíram muito casamentos. Depois disso iam para o cinema, iam para o Marrocos ou iam para o Vitória. Hoje já não tem nada assim, hoje o pessoal vai para o shopping. Hoje tem a avenida do Café que é um corredor gastronômico, tem mais de 40, 50 pontos de refeição.

P: Quando foi feita a avenida do Café?
R: A avenida do Café foi aberta em 54 pelo prefeito Condeixa Filho, mas antes existia a estrada que levava para a USP e do lado, até 1940 e pouco, tinha a ferrovia, que era a ferrovia que ligava Ribeirão Preto a Dumont, ela passava ao lado da Mogiana, perto da Rua Augusto Severo, lá tinha uma estaçãozinha. Ela ligava a fazenda do Henrique Dumont e ligava a Fazenda Monte Alegre, tinha um ramal da Monte Alegre, ela trazia esse café, que era a grande produção do Brasil, e o transbordo era feito na Mogiana e ia para Santos.

P: E por que avenida do Café?
R: A avenida ela ligava a Fazendo Monte Alegre que era a grande produtora de café e esse ramal de Dumont que passava ali também, que seria a segunda pista, uma pista era uma estradinha de terra na outra era a ferrovia, onde hoje é a segunda pista era a ferrovia. Então o nome de avenida do Café é por essa ligação com o centro produtor de café nas duas fazendas. Depois que abriram a avenida e que urbanizou o local, eles plantaram pés de cafés.

P: Tem alguma curiosidade sobre a Vila?
R: Tem, com a demolição da estação e a desativação da linha ferroviária houve-se uma expectativa de que a Vila Tibério iria ter um progresso, o comércio iria ter mais vitalidade, até teve, por exemplo, a Confecções Pedro, vinha gente da cidade inteira comprar.

P: E sobre a Antárctica?
R: A Antártica teve a fusão da Ambev. Por causa de uma lei de monopólio a Antártica teve que vender cinco fábricas e a de Ribeirão foi uma delas que foi vendida para Kaiser. Aí a Kaiser passou o controle acionário da Molson, que era do Canadá. A Kaiser tem uma fábrica em Araraquara também e o pessoal do Canadá

viram que a fábrica de Araraquara produz mais com menos funcionários e de lá do Canadá eles mandaram fechar a fábrica de Ribeirão, simples assim, mandou funcionários embora e se encerrou uma história.

P: Braga só para gente encerrar, você comentou que estudou no Sinhá, quais são suas lembranças dessa época?
R: Na época a gente cantava o hino nacional, entrava em fila. Todas as classes formavam as filas e as professoras iam na frente e cada uma delas puxavam a sua fila até a sala de aula. Eu me lembro da primeira professora que era a dona Ilca, me lembro de ter estudado com a cartilha Caminho Suave

P: Você acha importante se preservar a história de um local?
R: Acho muito importante preservar a história de um lugar, por exemplo o Lar Santana, arquitetonicamente ele pode não ser uma beleza radiante, ele tem sua importância histórica e afetiva aqui para o bairro. Muita gente acha que deveria ter vendido a área e ter construído um prédio, daqui 50 anos, 100 anos, se você constrói um prédio ele estará somente um prédio velho, as pessoas vão passar e ninguém vai notar, mas se for o Lar Santana ele vai ser lembrado, vai ser visto, ele vai ser história, uma história viva. Agora se você derruba e constrói outra coisa, se perde o valor, é uma coisa, um lugar normal, não é uma referência de você parar olhar e refletir. Preservar, é preservar a história.

DANIEL APARÍCIO RASTEIRO - PADRE DA PARÓQUIA SANTUÁRIO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO
ENTREVISTA: 28 DE AGOSTO DE 2018

P: Me conte um pouco sobre a história da paróquia.
R: A história do Santuário, que no princípio era Paróquia, começou em 1914 e é a segunda matriz da Arquidiocese de Ribeirão Preto, tem a Catedral e depois o Santuário. Em 1917, a princípio, ficou a cargo dos padres da região, só que em 1917 os Claretianos, os Filhos do Imaculado Coração de Maria, ela veio então para Ribeirão Preto e a partir daí assumiu a Paróquia Nossa Senhora do Rosário.

P: Você praticamente cresceu na Vila Tibério, como é ser o padre do seu bairro?
R: Para mim é um privilégio muito grande, é uma graça muito grande, porque nós, missionários Claretianos, nós temos o costume de sempre realizar missões fora. Só que na época em que eu estava prestes a me ordenar, precisou-se de um padre aqui em Ribeirão Preto e então eu fui destinado para cá e quando eu soube por parte do meu provincial que eu viria para cá, foi uma alegria muito grande, porque é um lugar onde eu fui batizado, onde eu recebi a primeira eucaristia, recebi a crisma e também desde os meus primeiros passos da fé como cristão católico, então é muito significativo para mim e muito importante.

P: Como era sua vida quando criança aqui pelo bairro?
R: Era bem agitada, na verdade eu faço mais parte da Vila Amélia, que o Santuário tem uma comunidade lá, que é a Comunidade São José e já faz um certo tempo, há mais de 25 anos e ali eu fui dando, também os meus primeiros passos na fé, então mesclava muito entre aqui, o Santuário e a Comunidade São José. Participava de grupo de jovens, às vezes lá e aqui, então era muito importante isso. E é sempre uma dádiva muito grande você está entorno de pessoas que te querem muito bem.

P: Como é a sua relação com os fiéis que te viram crescer?
R: No começo essa era a minha preocupação, eu tive muito esse cuidado para não misturar as coisas. Embora às vezes seja inevitável, porque tem pessoas aqui que me viram crescer, tem pessoas aqui que me viram namorar, tem pessoas aqui fazem parte de todo o meu itinerário. Então é difícil você, agora dizer para eles que você é o Pároco, que você é o responsável por eles, então é algo para mim era até impensável, antigamente. Hoje já ficou mais claro, já ficou mais fácil de assimilar essa questão, mas no começo foi meio complicado de se fazer essa separação, agora já não é mais, tanto o amigo, mas o Pároco, então você saber separar um pouco as coisas para não confundir o trabalho.

P: Qual a importância do bairro para a sua vida?

R: Quem nasce na Vila Tibério, na Vila Amélia, com certeza tem um carinho muito grande. É interessante, que tem pessoas, com poder aquisitivo muito grande, que não deixa o bairro da Vila Tibério pelo carinho que tem ao bairro. Por se tratar de um bairro tradicional, por se tratar de um bairro bom, mas é muito importante isso, esse vínculo com o bairro da Vila Tibério.

P: Deixe uma mensagem para os moradores do bairro.
R: A mensagem que eu teria para dizer a todos que fazem parte dessa história da Vila Tibério é: Valorize sempre, às vezes a gente vive muito essa cultura do descartável e às vezes a gente acaba valorizando mais o novo que nos é apresentado, que é importante, e vai esquecendo dos antigos. A Vila Tibério é um bairro antigo, a Vila Tibério é um bairro significativo para a história de Ribeirão Preto, toda a história de Ribeirão começou em volta da Vila Tibério. Então a gente vê o Museu do Café, a USP, a Mogiana, a fábrica da Antárctica, que hoje já não tem mais, tudo isso são elementos que fazem parte da história e eu fico feliz de saber que o Santuário também faz parte dessa história de Ribeirão Preto, juntamente, com o bairro de Vila Tibério. Então que nós possamos cada vez mais valorizar este Patrimônio tão importante, este bairro tão importante que é a Vila Tibério para todos nós.

ADÔNIS VILARINHO
ZERCIR FERNANDES VILARINHO
ENTREVISTA: 28 DE AGOSTO DE 2018

P: Vocês se casaram na igreja da Vila, em que ano foi?
RA: Foi em 57

P: Por que vocês resolveram casar aqui?
RZ: Porque a gente morava por aqui também
RA: A gente mora perto do Lar Santana, mas nós entramos na igreja participando da Legião de Maria e depois entramos no Apostolado. Ela já morava aqui na Vila Tibério

P: Onde a senhora morava?
RZ: Na rua Aurora, depois nós mudamos para onde estamos hoje, na travessa Araxá e estamos lá a mais de 60 anos

P: Como era a Vila Tibério quando a senhora mudou para cá?
RZ: Quando eu mudei para cá, a rua Aurora era tudo terra, não tinha asfalto, não tinha nada. Aí depois nós começamos a construir ali na travessa e lá também era tudo terra, não tinha asfalto, não tinha nada

P: E o senhor, como era a Vila quando veio para cá?
RA: Eu morava no Campos Elíseos, aí depois a gente começou a namorar e foi indo, a gente começou a se gostar e aí começamos a preparar o nosso terreno, fomos comprando as coisas e guardávamos na casa dela.
RZ: Nós namoramos três anos e casamos em 57. Estamos há 60 anos casados.
RA: Em dezembro (2017) fez 60 anos.

P: Qual a relação de você com o bairro, porque escolheram aqui para morar?
RZ: Eu morava na Vila Virgínia e depois mudei para cá, então já faz uns 70 anos ou mais que estou aqui. Eu sempre morei aqui, então eu gosto daqui da Vila Tibério.

P: É um bairro tranquilo?
RA: Hoje não é muito tranquilo, mas já foi melhor. Eu vinha lá do Campos Elíseos a pé com os amigos, a gente namorava aqui, a gente vinha de pé e voltava a pé tranquilo, isso era em 55,56. Nosso transporte era a pé, tranquilo.
RZ: Era muito tranquilo, a Vila Tibério era muito tranquila.
RA: A cidade toda, não tinha tanta violência, tanta coisa que acontece hoje né?

P: Vocês pensam em se mudarem daqui?
RA: Não, por enquanto não, porque a casa é nossa e a gente pretende ficar por lá mesmo até que Deus queira.

P: E a relação de vocês com a igreja, como é?
RZ: É muito importante para nós, já participamos de Encontro de Jovens, o EC (Encontro com Cristo) que é o encontro de pessoas separadas, viúvas, solteiras, nós já participamos muito. A gente foi no primeiro Encontro de Casais da Vila Tibério e participamos até hoje, e a gente fala para o pessoal que participamos do primeiro encontro e estamos até hoje.
RA: Todo ano eles chamam a gente. O mês passado a gente participou da Acolhida, que é um encontro de casais, um grupo novo, que foi criado esse ano.
RZ: E como é um grupo que não precisa trabalhar muito, fazer muita coisa, é mais fácil, mas é muito bom. E agora a gente pretende continuar, as terças-feiras tem a hora santa, na quarta tem a reunião da Legião de Maria também né, e do Apostolado da Oração é na última sexta a reunião e a primeira sexta-feira é a missa.

P: E vocês vêm a pé da casa de vocês até aqui?
RZ: A gente vinha, agora não estamos vindo mais não, porque meu joelho não está aguentando mais não, então a gente vem de carro.
RA: Às vezes a gente vem mais tranquilo, mas a noite é mais difícil de sair, você encontra muita coisa no meio do caminho, apesar de ser perto, não é longe, mas, a gente evita.

P: Deixe uma mensagem sobre o bairro
RA: Eu acho que o bairro Vila Tibério, depois que saiu a Mogiana abriu mais caminhos, eu acho que é um bairro bem próximo a cidade, dá para fazer a pé o caminho. Eu ando muito a pé.

P: Você tem filhos? Eles nasceram na Vila?
RA: Temos dois filhos que nasceram aqui na Vila, foram batizados aqui.
RZ: Fizeram catequese, crisma, tudo aqui. Eles moram aqui.

P: E eles têm esse carinho pelo bairro como vocês?
RA: Tem, porque eles foram criados aqui. Só o meu filho que mora no Delboux, está um pouco distante, mas a minha filha mora aqui também, minha neta que é filha dela também mora e nós temos um bisneto também.

REYNALDO BARNUZZI
ENTREVISTA: 28 DE AGOSTO DE 2018

P: Desde quando o senhor mora na Vila?
R: Há 90 anos, desde que nasci, no dia dois de maio de 1928

P: Como era a Vila quando o senhor era criança?
R: A Vila foi sempre um bairro de operários, bairro de trabalhadores. Aqui tinha a Companhia Antárctica com 1300 funcionários, a Mogiana nem se fala quantos funcionários tinha, a Companhia Cervejaria Paulista tinha bastante também, onde

hoje é a Santa Emília era o antigo Banco Construtor, lá tinha de tudo de serralheria, mecânica, tinha de tudo, aí depois virou Santa Emília e também tinha a fábrica de garrafas com bastante empregado. A Vila era uma família.

P: O senhor trabalhou em alguma empresa aqui na Vila?
R: Não, sempre trabalhei por conta, a gente tinha um armazém e mercearia e trabalhei por 38 anos no balcão. Empregado nunca fui.

P: Onde era a sua casa quando criança?
R: Eu nasci na rua Martinico Prado esquina com a Epitácio Pessoa, com um ano vim para cá (Bartolomeu de Gusmão)

P: E como que era as ruas do bairro?
R: As ruas não tinham asfalto, era só poeira e tinha poucas casas. A Vila Tibério, que eu lembro, terminava aqui no Lar Santana, da Aurora para cima era só mato. E a Vila era fechada, para ir para a 'cidade' só passava pela Rua Luiz da Cunha, tinha as porteiras e embaixo tinha um túnel que você passava, para ir para o Ipiranga, também era uma saída só, a Rua Castro Alves tinha um muro bem alto fechado lá no fim dela, para ir para Vila Virgínia também, pegava a Rua Elpídio Gomes e atravessava a ponte do riozinho para ir para lá. Eu sempre gostei da Vila.

P: O senhor estudou aqui no bairro?
R: Estudei no Terceiro Grupo Escolar onde hoje é Sinhá Junqueira.

P: E como era estudar lá?
R: Acho que era como é até hoje. Fazia até o quarto ano, hoje faz até o oitavo.

P: O senhor frequentou os cinemas da Vila?
R: A Vila tinha dois cinemas, tinha o Cine Marrocos que ficava na Conselheiro Saraiva com a Luiz da Cunha e tinha o Cine Vitória que era em frente ao jardim da Vila e eu frequentava bastante. Tinha bons filmes, mas o dia em que mais lotava era quando passava filme do Mazzaropi. A Vila tinha dois, mas Ribeirão Preto tinha 14 cinemas. Aqui na Vila frequentei os dois, eles eram iguais. O Marrocos era mais movimentado.

P: E a praça o senhor ia muito?
R: Já no jardim (praça) eu ia sempre, o passeio era na praça, lá tinha o coreto e todo sábado tinha banda de música, então lotava, as meninas davam volta na praça e os rapazes ficavam parados nas calçadas conquistando as meninas

P: O que o senhor se lembra em termos de lugares que hoje já não existem mais?
R: Na Vila tinha de tudo. Tinha a fábrica de garrafa que hoje é um prédio na frente da praça. Tinha a Antárctica na Vila e até a Mogiana era na Vila Tibério.

P: O senhor é botafoguense, acompanhou o Bota aqui na Vila?
R: Agora o Botafogo faz 100 anos né, acompanhei quando o estádio era aqui, eu ia sempre lá, até em treino, não faltava de jeito nenhum.

P: Me fala um pouco sobre o bocha.
R: O bocha eu jogo desde os 14 anos e só parei agora com 85, porque quebrei o joelho. Na Vila foi eu que fundei o bocha. Ali já foi a fábrica de tijolo Jucel, depois foi uma oficina mecânica e depois o terreno ficou vazio. Aí eu falei com o dono da área daquela época e pedi para montar o jogo de bocha e ele me autorizou. Em 68 montei dois jogos de bocha mais o bar e ficamos ali por sete anos. Depois o filho do dono se aposentou e adquiriu o bocha. O nome de Pitiguara ainda fica ali.

P: O seu apelido é Pitiguara, como começou?
R: Recebi o apelido quando eu tinha uns oito, nove anos de idade, por aí. Na revolução de 1924, tinha um General que, não sei se era nome ou não, se chamava Pitiguara e aí, tinha um rapaz que morava aqui na Rua Aurora com a Conselheiro Dantas e ele que me deu esse apelido. Nessa época, moleque é meio bobo, discutia e brigava. E esse General era bravo, muito bravo. Aí com o apelido de Pitiguara eu ficava nervoso, e aí mesmo que acabou pegando, desde os oito anos. Mas depois eu até achei bom.
RL: Era o bullying dos anos 30.

P: O senhor trocaria a Vila por outro lugar?
R: Não saio da Vila nem pagando, você vai nesses lugares novos, você não vê passar um carro, não vê passar nada, de noite é uma fazenda ali, você não sabe quem mora do lado, o porteiro abre o portão e você nem sabe quem é. Eu nasci aqui e eu não troco aqui por nada.

P: O senhor acredita que a Vila era como se fosse uma família?
R: Era um bairro com pouca violência. Em época de calor, a gente colocava a cadeira na porta de casa, depois chegava um vizinho e logo colocava outra, aí chegava outro, até formar uma grande roda, hoje isso não existe mais. Vizinho, não pedia licença para entrar em casa, já ia entrando, comendo, bebendo, a comadre e o compadre. Eu considero a Vila Tibério uma família, a Vila Tibério, hoje eu não sei, mas na minha juventude eu considerava.

P: O pai do senhor chegou a trabalhar em alguma fábrica na Vila?
R: Meu pai veio da Itália como imigrante e trabalhou em chácara, com carrinho, com animal e tudo. Mas de empregado ele nunca trabalhou. Ele veio sozinha da Itália e minha mãe veio com a família dela.

P: Sobre a morte da sua esposa, o senhor pode me falar um pouco?
R: Eu sempre levava ela no Centro Espírita Amor e Caridade e a minha sobrinha trazia ela de volta. Aí teve um dia que o Leo decidiu levá-la a pé, aí chegando logo

na esquina começou a chover, aí ele voltou pegou o carro e levou ela de carro até lá. Chegou na Aurora, ele encostou o carro na sarjeta do outro lado da rua, ela desceu atravessou e entrou no centro, e depois ela se lembrou que eu ia precisar do carro, saiu do centro avisou o Leo, quando ela foi atravessar novamente o carro pegou ela. É o destino né. Isso foi em 2000.

P: O que mudou na Vila Tibério de 90 anos para cá?
R: Eu tinha uma mercearia aqui, ela era a única daquela época, porque para lá (sentido bairro) não tinha nada. Então, a rua Aurora, onde era o Lar Santana, ela terminava ali, dali para cima era tudo mato, só mato, era tudo da Família Junqueira. Onde é a Vila Amélia era tudo pasto. A Vila cresceu, mas todo lugar cresceu, não foi só aqui. Depois da Vila tinha a Vila Lobato, mas hoje já virou tudo Vila Tibério. Como valor (imobiliário financeiro) a Vila melhor.

P: Como era a sua diversão quando criança?
R: A gente jogava pião, bets, pique-pega, era brincadeira de correr, na praça brincava na grama, hoje entre essa molecada isso já não tem mais. Hoje é outro tipo de divertimento.

P: O senhor acha importante preservar a história de um bairro?
R: Acho. Você sente muita saudade do tempo antigo né?

ADÔNIS VILARINHO
ZERCIR FERNANDES VILARINHO
ENTREVISTA: 1 DE SETEMBRO DE 2018

P: Qual foi o padre que fez o casamento de vocês?
RZ: O Padre Ermelindo, nem sei se está vivo ainda, ele já era velho no nosso casamento.

P: Vocês já trabalharam na igreja de alguma forma?
RZ: Ele foi Ministro da Eucaristia por 17 anos e também ‘demos’ catequese por 10 anos lá na igreja.
RA: O padre Antônio, que era pároco, ele que me chamou para ser Ministro da Eucaristia.

P: Qual o nome dos filhos de vocês?
RA: Maurício Vilarinho e a Márcia Aparecida Vilarinho

P: Na Vila vocês moram a quanto tempo?
RZ: faz 60 anos que estamos casados. Nós moramos dois anos na rua Aurora e uns 58 anos aqui.
RA: Aqui era tudo terra, a avenida do Café nem era asfaltada, era um caminho da roça que falavam né?

P: A Vila era um lugar tranquilo?
RA: Eu saia dos Campos Elíseos, vinha a pé com os amigos e cada um ia para casa da namorada e depois a gente se encontrava. Tudo isso a noite, não tinha perigo aquela época, era tranquilo

P: A senhora já morava aqui na Vila na Aurora, a senhora se lembra perto da onde?
RA: Passando a rua Paraíso no meio do quarteirão.
RZ: A casa não era nossa, era de aluguel. Minha mãe morava na casa da frente e a gente morava no fundo.
RA: Na casa do fundo, antes, morava o dono da casa, aí ele mudou para outro lugar e alugou para nós. E o pai dele não queria que alugasse né?
RZ: Meu pai não queria que eu casasse.

P: Mas ele gostava do senhor Adônis?
RZ: Ele não gostava de nenhum
RA: O pai dela era ciumento, tinha que chegar umas nove ou dez horas no máximo, mas tinha que estar em casa.
RZ: Meu pai tinha que obedecer, porque se não obedecesse a ele descia a 'lenha' mesmo. A gente se conheceu em um baile. Eu aprendia corte e costura no Sesi, aí ia ter a formatura das meninas do Sesi, eu ainda não porque ainda estava 'fazendo', mas aí as meninas que já tinham terminado, foram lá falar com meu pai: "Deixa ela ir, por favor? ". Aí ele falava: "Não, vai chover! ", ele dizia para elas. Mas não deixava de jeito nenhum, mas elas imploraram, imploraram e imploram para ele, aí ele: "Dessa vez vai hein, não vem pedir de novo não! ". Aí o baile era lá na Cava do Bosque, fui no baile. Ele (Adônis) dançava, eu não, porque eu não sabia né, meu pai não deixava eu ir. Aí ele estava dançando, a gente se deu umas olhadas, mas não nos encontramos não. Mas aí como a gente ia na praça XV para dar volta né, ele estava lá, aí choveu e depois viemos embora juntos.

P: E nessa época as ruas por aqui não eram asfaltadas?
RA: Era asfaltada da rua Aurora para lá, por aqui não. E não chegava na casa do pai da Zercir.
RZ: Quando a gente casou, teve uma vez que choveu. E eles estavam mexendo na rua, mas que barreiro que virou. E para sair da minha casa com aquela lama, foi um sufoco
RA: A sarjeta era de cimento, mas a rua não era asfaltada não.

P: Voltando a falar sobre o Encontro de Casais que vocês participaram, vocês frequentavam a igreja antes do encontro ou não?
RA: Casamos em 57 e depois de 26 anos fomos no primeiro encontro que aconteceu em 83, e aí que começamos a ir na igreja, e até hoje o encontro é durante três dias.

AURÉLIO CARDOSO
ENTREVISTA: 1 DE SETEMBRO DE 2018

P: Quando foi inaugurado o Cine Marrocos?
R: Se eu não me engano foi em 58. O cinema era de esquina e frequentei ele no final dos anos 60, começo dos anos 70. Ele fechou em 74, 75 por aí.

P: E o Vitória?
R: O Vitória foi inaugurado na década de 60, era do empresário Oswaldo de Abreu Sampaio. Era um cinema bem moderno, era CinemaScope, tela grande e as cadeiras eram de madeira. O Vitória, em termos de projeção e estética ele era mais moderno, já o Marrocos era mais antigo. Uma coisa interessante do Marrocos era a pintura que tinha nas paredes laterais.

P: Como era o interior do Marrocos?
R: Ele era bem grande, cabia cerca de 600 a 700 pessoas, o Vitória era um pouquinho menor. No prédio do Vitória, em cima era apartamentos e embaixo era o cinema, a arquitetura dele era legal, eram azulejos branco e preto, se você olhar hoje só não tem mais aquela caída, aquele desnível para cinema, está tudo nivelado e o prédio desocupado.

P: Quais são suas memórias nos cinemas da Vila?
R: Quando eu mudei para Ribeirão no final dos anos 60, fui morar no Ipiranga, enquanto era construída nossa casa em outro bairro. No Ipiranga a gente saía e fazia tudo a pé e a criançada ia no cinema de domingo, eu ia com meu irmão no Marrocos ou no Vitória. No Marrocos eu ia mais porque era mais barato, então meu pai dava o dinheiro e eu ia no Marrocos. Na época passava muito faroeste italiano, western italiano, e eu conseguia entrar em filmes com censura de 10 a 14 anos, isso no Marrocos. No Vitória eu fui mais nos anos 70, eu já morava no Jardim Paulista, mas mesmo assim eu ia ao cinema a pé, mas agora sozinho, eu já tinha uns nove, dez anos, naquela época não tinha perigo. E como no Vitória a projeção era melhor, eu ia mais lá. Uma curiosidade, o Cine Marrocos era administrado por uma empresa de Uberlândia chamada Triângulo Mineiro e o Cine Vitória era de uma empresa chamada Teatral Paulista. O Cine Vitória recebeu esse nome, porque o dono da Teatral Paulista que estava disputando as eleições municipais de 1963 aqui em Ribeirão, ele já havia disputado as eleições umas seis vezes, mas nunca havia ganhado, e desta vez ele acreditava muito que iria ganhar e daí inaugurou o cinema com o nome de Vitória. Mas nessas eleições ele acabou ficando como o quarto mais votado, quem ganhou essa eleição foi o Welson Gasparini

P: E como os filmes chegavam aos cinemas?
R: O filme era lançado no cinema lançador do centro de Ribeirão, que era o Plaza, Centenário, Pedro II e outros, depois os filmes iam para os bairros, que tinha os Campos Elíseos, Vila Tibério e outros. Eu não conseguia entrar no centro, por

exemplo, em filmes de 18 anos a gente não entrava porque ficava o juizado de menor na porta né! Inclusive, eu já fui expulso de vários já. E lá no Vitória eu conseguia entrar, no Marrocos também.

P: Quais foram os filmes mais marcantes que você assistiu no Vitória e no Marrocos?
R: Marcante? "Os Doze Condenados" eu vi no Vitória em 1970, eu tenho marcado, eu tinha esse hábito de deixar tudo anotado, e como eu queria muito ver esse filme foi o primeiro filme que eu anotei e depois comecei a anotar todos. Tenho anotado "O Homem de Kiev" que também vi nessa época, um filme que me marca até hoje. No Vitória eu também vi "Perdidos na Noite", foi o primeiro filme a ganhar o Oscar que era proibido até 18 anos e eu tinha uns 11 ou 12 anos, mas eu era grandinho e entrava. No Marrocos eu assistia mais western mesmo, lá tinha uma programação bem legal, passava filmes de gabarito né! Também vi "A Conquista do Oeste"

P: O que são filmes Western?
R: Era filme de Cowboy

P: Havia alguma rivalidade entre esses cinemas?
R: Na verdade, essas duas empresas que disputavam o mercado o Teatral paulista e o Triângulo Mineiro, comandavam boa parte dos cinemas de Ribeirão Preto, aí veio um empresário de Minas, o Wilton Figueiredo tinha a empresa Cinefilmes com sede em Ribeirão e comprou as duas redes, ele ficou dono de tudo e acabou a 'briga' entre essas duas empresas. Com os cinemas nas mãos dele ele fechava um e ficava com o outro, analisava qual estava dando mais dinheiro e qual não estava, aí fechava o que não rendia e ficava com o outro funcionando e aí ele fechou o Marrocos em meados de 72 e ficou com o Vitória. O Marrocos ele deixou para depósito de filmes por muito tempo e o Cine Vitória continuou funcionando até o final da década de 70. E essa época foi o auge dos cinemas de ruas em Ribeirão havia muitos cinemas de rua na cidade, em torno de uns 12 ou 13. O Wilton queria formar um monopólio cinematográfico não só em Ribeirão, mas em outras cidades também, porque ele comprou vários cinemas de outras cidades também. Isso aconteceu até a década de 80.

P: Eu li uma matéria no Facebook, sobre um terceiro cinema na Vila, você sabe alguma coisa sobre isso?
R: Sim, um aventureiro. O Cine Scalla eu não cheguei a conhecer, mas pelo que eu li, eu acredito que foi um sonhador que achou que cinema deva dinheiro. Ele sozinho alugou o salão paroquial dos fundos da igreja Nossa Senhora do Rosário e uns projetores e começou a exibir filmes de 35 milímetros, mas o problema de o empresário 'criar' sozinho um cinema é que ele não tem como enfrentar os "grandes" e me parece que ele ficou aberto pouquíssimos meses e parece que o filme que mais fez sucesso foi o "Mazzaropi", isso foi no início dos anos 70. Ele pegava cópia bem detonada e acabava arrebentando, assim não teve como ele concorrer. Fechou.

P: Como era essa relação dos cinemas da Vila com a Praça Coração de Maria?
R: Existia essa convivência, primeiro ia na igreja, depois ou ia no cinema ou ficava ali comendo uma pipoca, passeava na praça, e quem estava lá esperava a sessão acabar para ver quem estava saindo, ver as meninas, ver os meninos, existia essa relação saudável entre o cinema, praça e igreja né, era tudo ali perto. E com o fim do cinema atrapalhou muito relação, o pipoqueiro não foi mais, o pessoal não ia mais na praça passear e acabou essa convivência.

P: De tudo que você viveu nos cinemas da Vila, do que você mais sente saudade?
R: Na época a diversão da molecada era ir ao cinema e era a forma da gente ter contato com o mundo, naquele tempo ninguém tinha televisão. Hoje você passa lá é uma tristeza, eu passo ali às vezes tiro foto. O Cine Marrocos hoje é um banco, o Cine Vitória foi igreja, mas agora está vazio. E esse vazio, realmente, esvaziou toda a noite por ali, depois das oito horas da noite você não anda por ali, morreu essa convivência, hoje as pessoas ficam mais fechadas, infelizmente.

MÁRIO ASSUMPÇÃO
ENTREVISTA: 3 DE SETEMBRO DE 2018

P: Senhor Mário, como você chegou em Ribeirão?
R: Eu nasci numa estação ferroviária chamada Santos Dumont, onde meu pai era chefe da estação, ele chamava Sebastião Mariano Assumpção, e essa estação fazia baldeação para o ramal de Cajuru e fui registrado em Santa Rosa de Viterbo. Vim para Ribeirão Preto em 1943, com 13 anos.

P: Quando o senhor começou a trabalhar na Mogiana?
R: Eu comecei a trabalhar na Mogiana não tinha 16 anos, entrei no dia sete de novembro de 1946. Eu entrei como praticante de escriturário no escritório de mercadorias. Eu registrava as faturas dos despachos que eram feitos na ocasião. Entrei e fiquei um tempo nesse escritório de mercadoria, depois eu fui requisitado para o escritório do RCM, que é o rodoviário da antiga CMT, o rodoviário da Mogiana mesmo, e lá fiquei mais ou menos um ano, aí a companhia dividiu a ferrovia em dois distritos, um em Campinas, na Estação de Guanabara, que é a primeira Estação da Mogiana e outro distrito em Ribeirão Preto. Lá ficou como primeiro e aqui como segundo distrito. Como precisava de um datilógrafo e não havia, na época, muitos datilógrafos, na Mogiana havia só um e eu fui requisitado para o serviço onde fiquei até a aposentadoria.

P: E como era a sua relação com seus colegas de trabalho?
R: No começo da administração éramos eu, o engenheiro e o chefe do escritório, depois é que foi aumentando o serviço e mais funcionários chegaram, um relacionamento muito bom com todos eles. Nunca houve uma desavença, porque todos eram filhos de ferroviário, a maioria. A Mogiana sempre deu preferência para

os filhos de ferroviários. Trabalhei com Vicente Pedro Ribas, Natanael Vieda, Reinaldo Rossi, Milton Barbosa de Sousa, Tancredo Spindola que era chefe do escritório, João Gomes Marcondes que era o auxiliar de estações, e Odon Martins Palma, que era pai da? Walderez de Barros, atriz.

P: Como era a estação, como ela funcionava?
R: A plataforma era bem grande e extensa e tinha diversos escritórios, o de movimento, da administração que era o distrito, tinha a cobrança e o telegrama, o despacho de encomendas, o RCM e tinha o departamento florestal. Perto da Rua Duque de Caxias e Coronel Luiz da Cunha tinha o restaurante. A porteira era um desastre, porque todo mundo queria passar e o trem estava fazendo manobra e ela sempre interrompia a passagem. Tinha dois funcionários que abriam e fechavam a porteira manualmente. Na passagem tinha um túnel, mas ele não era utilizado, pois cheirava mal, era muito sujo, era intransitável, então as pessoas preferiam esperar, para depois passarem. Ah e outra coisa, naquela época em 1943, 1944, não havia muito táxi ou automóvel, mas havia o cabriolet, sabe o que é? Era uma charrete coberta puxada por cavalo. E lá ficava uns cinco, seis parados na esplanada da estação e em vez de você pedir um táxi, você pedia a charrete. Inclusive na esplanada, havia uma cobertura, e a frente da estação era virada para a rua General Osório. Tinha a rotunda também, ela ficava ali, onde agora é o Parque Maurílio Biagi, e ela servia para conserto de locomotiva e para virar as locomotivas. Quando a locomotiva entrava de ré e precisava sair de frente, eles viravam a locomotiva na força, manualmente, lá havia uma roda que girava e a locomotiva virava, mas eles não faziam tanta força porque tinha bastante graxa, era bem lubrificado. E também servia de banca dos mecânicos para consertos, oficina mecânica.

P: Por onde os trens da Mogiana passavam?
R: Ah sim, começavam em Campinas e passava por Jaguariúna, Mogi-Mirim, Mogi-Guaçu, Cravinhos, Casa Branca, São Simão, Ribeirão Preto, Estação do Barracão, aquela do Ipiranga e Estação do Entroncamento que separava o ramal de Igarapava e Franca, a linha de Franca passava por Batatais, Franca, Sacramento e Uberaba e a linha de Igarapava passava por Jardinópolis, Orlândia, Sales Oliveira, São Joaquim da Barra, Ituverava, Guará, Igarapava e Uberaba, não necessariamente nessa ordem e em Uberaba essas linhas se encontravam, e depois iam para Uberlândia e Araguari. Ah, e sabe aquela locomotiva que fica ali ao lado do posto central na praça? Ela era da Mogiana, mas quando houve a substituição das locomotivas a vapor pelas de diesel, a Mogiana vendeu ela para a fazenda Amália, do Francisco Matarazzo, que ficava em Cajuru, lá eles tinham uma usina. Depois que essa usina fechou, foi doado a locomotiva para Ribeirão Preto e por isso dos escritos U. S. Amália na Maria Fumaça, de Usina Amália.

P: O que as locomotivas levavam?
R: Passageiros e todo tipo de carga. Combustível, óleo, cereais e outros.

P: Como o senhor ficou ao saber que a Estação da Mogiana iria acabar?
R: Nessa ocasião nós já estávamos preparados e cientes que haveria a mudança, devido ao novo traçado das linhas. O antigo caminho tinha muitas curvas e o novo era mais reto para desenvolver melhor velocidade dos trens. Então a gente já estava preparado para isso, e quando houve a mudança a nova estação já estava praticamente funcionando. Então não houve muito choque para nós funcionários, até foi muito bom. Era falado somente da mudança, que era bom devido ao novo traçado. Não é feito de uma hora para outra, tem os projetos e eu na administração já sabia, mas todo mundo sabia que haveria essa mudança. Eu fui transferido para lá e foi lá que eu aposentei.

P: Dessa época que o senhor trabalhou na Mogiana, o que o senhor mais sente saudade?
R: Para mim trabalhar na Mogiana era bom, era diferente, eu era moço, estava iniciando, né?

JOSÉ ANTONIO LAGES - PROFESSOR E HISTORIADOR
ENTREVISTA: 7 DE SETEMBRO DE 2018

P: Me conte detalhadamente a história de Ribeirão.
R: Ribeirão Preto é uma cidade que surge aqui no Oeste Paulista, em meados do século XIX, em uma região que teria sido, muito antes disso, habitado pelos índios Caiapós, mas que foi, inicialmente, desbravado pelos paulistas, quando eu falo paulistas é o pessoal da Vila de São Paulo de Piratininga naquele movimento de entradas de bandeiras, daqueles movimentos de penetração de conquista do interior. As primeiras presenças do homem branco foram, exatamente, já no século XVI, logo no início da colonização, atrás de índios para a escravidão e atrás de metais preciosos. Por esse contexto foi aberta a estrada, o caminho de Goiases, que passava próximo aqui de Ribeirão Preto, mais especificamente, passava em Cajuru, Batatais, caminho esse que chegava até a região centro-oeste, até as minas de Goiás, que foram descobertas pelo bandeirante Anhanguera no século XVIII. Agora, num segundo momento, mais recente, já no finalzinho do século XVIII, principalmente, no início do século XIX, toda essa região do Oeste Paulista em particular, o nordeste Paulista onde está Ribeirão Preto localizada, ela começa a ser povoada por correntes migratórias vindas do Sul de Minas, então foi, basicamente, um povoamento mineiro. Isso está relacionado com fim do ciclo do Ouro em Minas Gerais, com uma certa expansão da economia mineira, não só expansão territorial dela, geográfica, de ocupação de novas terras, mas, principalmente, uma expansão econômica, em termos de novas atividades econômicas que passaram a se impor na antiga capitania de Minas, depois província de Minas e abrangeu, também, essa nossa região. Então foi, basicamente, povoada por pessoas vinda do sul de Minas, oeste de Minas, etc. Agora, esse adensamento populacional aqui no interior de São Paulo, ele acabou resultando na formação de pequenos núcleos de povoamento.

Alguns desses núcleos ou talvez até a maior parte deles vão evoluir para a formação de vilas e cidades, como foi o caso de São Simão, como foi o caso de Batatais, Franca e Ribeirão Preto também. Se bem que Ribeirão Preto é, talvez, uma das mais recentes nesse processo de formação.

P: Quais foram as primeiras cidades a se formarem na nossa região?
R: Na nossa região foi Franca e Casa Branca, vamos dizer assim. É difícil falar em região, porque você teria que delimita muito bem determinado espaço geográfico para isso. Mas se você pegar essas duas bacias do Rio Pardo e Rio Mogi Guaçu, região esta que antes do povoamento mineiro era chamado de sertão desconhecido nos antigos mapas, podemos dizer que Casa Branca e Franca, ainda bem no início do século XIX, isso aí já por volta de 1805, 1810, 1815, esses núcleos já estavam em formação. Os demais vieram depois. Agora, especificamente, o caso de Ribeirão Preto a documentação mais antiga que nós temos a respeito daqui da nossa área, específica, que constitui o município de Ribeirão Preto, se refere a uma disputa judicial entre duas famílias. Uma de raízes aqui do Caminho de Goiases, quer dizer, praticamente paulistas, a família Reis de Araújo e outra família vindo do sul de Minas, a família Dias Campos. Essas duas famílias já tinham suas propriedades e seus negócios lá em Batatais e resolveram atravessar o Rio Pardo em nossa direção aqui para ocupar uma área ainda devoluta, ou seja, uma área sem dono, que até ter sido distribuído em forma de sesmarias, muito antes desse momento, mas que não foram ocupadas pelos sesmeiros. Aliás é por isso que se chama devoluta, devoluta quer dizer devolvida.

P: O que é sesmaria?
R: Sesmarias eram grandes áreas tipo fazendas enormes, grandes latifúndios, que eram concedidos pelo coroa Portuguesa ou pelos governadores gerais daqui do Brasil no período colonial e durante, também, no início no período do Brasil Independente com a condição de que a pessoas agraciadas com essas terras deveriam ocupá-las e muitos não tinham condições econômicas para isso. E a lei determinava então, que essas terras deveriam ser devolvidas ao estado, por isso chamadas de devolutas, então foram essas terras sem dono, que forma ocupadas, por assim dizer… Essas duas famílias de Batatais, poderiam ser chamadas por nós de posseiros, que entraram em conflito, exatamente, porque estavam ocupando uma mesma área, um mesmo território. Esse processo judicial começa em São José de Mogi Mirim, que era a antiga comarca que abrangia toda essa região. Esse processo ele se inicia em 1834, depois ele é transferido para Casa Branca, quando se criou a comarca de Casa Branca, então o processo foi para lá e ele transcorreu aí entre 1834 até 1846, portanto 12 anos. É um documento de grande importância para a origem da cidade, é quase o nosso atestado, nossa certidão de nascimento, nosso atestado de batismo, de Ribeirão Preto. E no final houve um acordo na justiça em que os Dias Campos abriram mão da disputa desse terreno em troca de um pagamento de quatro contos de réis por parte da família Reis de Araújo. Aí eles são considerados os primeiros proprietários de terrenos aqui em Ribeirão Preto.

P: Me fala agora um pouco sobre o núcleo urbano de Ribeirão
R: Exatamente um descendente dessa família Reis de Araújo se torna proprietário por herança daquela região do Bairro das Palmeiras, onde hoje nós temos aquele grande complexo de bairros do Ribeirão Verde, e parece que dentro de todo município, ali foi o primeiro ponto, realmente, de fixação dessa família de Reis de Araújo, tudo indica pela documentação e, já tendo ali vários posseiros, vários fazendeiros que se fixaram ali, ele tenta seguir, exatamente, o modelo, que é o modelo que a gente encontra em todo período colonial e império aqui no Brasil para a formação desses núcleos que é a doação de um terreno para a igreja, para que a igreja recepcionasse esses terrenos e autorizasse a construção de uma capela dentro desse terreno. Ele fez isso e não teve êxito, a igreja não aceitou essa doação, porque, primeiro, era um terreno, me parece muito pequeno em termos de metragem de tamanho, com um valor muito inferior daquele que normalmente a igreja recebia nesses casos. E sem falar que nesse momento, 1844, ainda estava a disputa entre as duas famílias, então era um terreno litigioso, que a igreja também por isso não aceitou com certeza. De repente a igreja aceitava essa doação e perdia depois na justiça, porque estava em litígio, então essa deve ter sido uma das razões e outra coisa também, geralmente, esse modelo de doação de terra para igreja, patrimônio eclesiástico com se chamava, isso era feito por mais de uma pessoa, era geralmente por grupos, ali não, ali foi apenas o Matheus dos Reis que fez essa doação e acabou não dando êxito. Agora, parece que há também outras condicionantes, por que que Ribeirão Preto acabou não surgindo na beirinha do Rio Pardo? Porque ali também não era o centro de gravidade de um conjunto de interesses econômicos, principalmente, comerciais dessa região aqui. Então você percebe que quando se escolhe o local para construir a capela, não é, simplesmente, uma escolha sem ter uma razão definida, geralmente, era um lugar mais central que ficasse na mesma distância de todos, por exemplo, os moradores ali daquela zona rural e lá ficava muito deslocado. O centro de gravidade, realmente, foi aqui, na antiga fazendo Barra do Retiro, que corresponde a essa região central de Ribeirão Preto, por isso que alguns anos depois houve uma nova tentativa mais bem organizada de várias pessoas fazendo uma doação, em conjunto, cinco famílias, cinco fazendeiros se cotizaram para fazer essa doação para a igreja, aí sim, essa doação foi aceita, foi passada na justiça, foi legalizada judicialmente, inclusive dia 19 de junho, dia que se comemora o aniversário de Ribeirão Preto, foi o dia da legalização dessa doação de terrenos para a igreja. Geralmente, prevaleciam nesses casos o interesse mais comercial, Família Castilho por exemplo, que eram dois irmãos, o Antonio de Castilho que já tinha negócios aqui nessa área, já tinha vendas, eles queriam que esse núcleo se localizasse em uma região que fosse mais central, por isso que eu falei, centro de gravidade de interesses comerciais, para facilitar, inclusive, o deslocamento, que não fosse um lugar tão distante como Palmeiras. Então, por isso que essa organização, esse movimento para trazer esse núcleo aqui para onde ele acabou ficando, foi um movimento mais organizado e mais forte. E daí que teve todo esse processo depois da legalização da doação a demarcação do terreno onde seria

construída a igreja, que foi a Praça XV, já tendo, inclusive, quando se tomou essa decisão, já tinha, inclusive, um pequeno núcleo de moradores ali perto da atual prefeitura, ali que seria o marco zero, realmente, de Ribeirão Preto e não aqui, propriamente, na Praça XV onde tem uma placa dizendo ser o marco zero. Então mesmo antes de construir a capela oficial, legalizada, autorizada pela igreja que foi, exatamente, aqui onde é nossa fonte luminosa. Essa construção ela vai de 1861 a 1864, mesmo antes disso, já na década de 50 já existiu um pequeno núcleo de povoamento lá onde hoje temos a prefeitura, o Palácio Rio Branco, inclusive com uma capelinha também lá.

P: Quais eram as "famílias" que fundaram Ribeirão?
R: João Alves da Silva Primo e sua mulher Ana Delfina Bezerra, Severiano João da Silva e sua mulher Gertrudes Maria Teodora, José Borges da Costa e sua mulher Maria Felizarda, Inácio Bruno a Costa e sua mulher Maria Izidora de Jesus, Mariano Pedroso de Almeida e sua mulher Maria Lourenço do Nascimento e José Alves da Silva e sua mulher Pulcina Maria do Jesus. Esses que a gente tem melhores condições de dizer que poderiam ser considerados fundadores de Ribeirão Preto. Doaram os terrenos para a construção da igreja e da igreja veio a cidade. A cidade se forma entorno, exatamente, da capela de São Sebastião, que depois com a criação da freguesia, paróquia, se torna matriz de São Sebastião.

P: Qual a relação de São Simão com Ribeirão Preto?
R: São Simão é o núcleo mais antigo que se tornou vila e se tornou paróquia antes de Ribeirão Preto, isso já em 1846, enquanto que Ribeirão Preto se torna vila em 1870, então alguns anos depois, Ribeirão Preto se separa de São Simão e adquire sua autonomia política, um ano depois é formada a paróquia e se separa, também, do aspecto religioso e mais tarde ainda se torna comarca, com a instalação de um juiz da comarca e se torna, também, independente de São Simão, do ponto de vista judicial

P: Quais os nomes que Ribeirão já teve?
R: Tem algumas coisas que foi na minha pesquisa de mestrado que foram descobertas. A definição dos títulos de propriedade das terras onde vão surgir Ribeirão Preto, foi graças a minha pesquisa lá no Fórum de Casa Branca quando descobri o processo entre as duas famílias. Mas por exemplo, o primeiro nome que Ribeirão Preto teve, eu descobri em uma documentação eleitoral da antiga província de São Paulo, quando dentro do município de São Simão aparece pela primeira vez, em 1853, o registro de uma localidade onde existiam eleitores, com o nome de arraial de São Sebastião. Uma coisa interessante e eu faço uma comparação no meu livro, que parece uma criança que nasceu e antes de ser registrada no cartório ou ser batizada na igreja, começa toda aquela disputa, cada um querendo dar um nome diferente para a criança. Aparece isso aqui em Ribeirão Preto também. Então você tem, arraial de São Sebastião, na mesma documentação, um ou dois anos

depois, aparece arraial do Retiro, depois aparece São Sebastião do Retiro. Isso tudo, são nomes que existiram, que as pessoas davam para o lugar. Até, sim, que quando foi criado oficialmente a vila, com a instalação da primeira Câmara de Vereadores e oficializada essa autonomia local, aí o primeiro nome foi São Sebastião do Ribeirão Preto. Interessante essa coisa de Retiro e Ribeirão Preto, quer dizer, parecia que tinha uns que puxava mais para o Córrego do Retiro, aquele da avenida Francisco Junqueira, outros puxavam mais para o Córrego Ribeirão Preto, que é o da avenida Jerônimo Gonçalves, quer dizer, acabou se decidindo pelo Ribeirão Preto, mas houve nomes anteriores ligados ao Retiro. No final da década de 70, houve uma proposta, que foi inclusive oficializada pela Assembléia da Província de São Paulo, mas que depois a população reivindicou a volta do nome anterior, que a cidade passou a se chamar Entre Rios. Talvez seja até uma forma de conciliar os interesses entre Retiro e Ribeirão Preto. Ficou dois anos, me parece, esse nome. Aí parece que não pegou bem, porque tinham outros lugares pelo Brasil a fora chamado também de Entre Rios, então voltou para São Sebastião do Ribeirão Preto. Só com a proclamação da República é que caiu o São Sebastião e ficou só o Ribeirão Preto.

P: Qual a diferença entre e município?
R: Município, naquela época era chamado de termo. Município é um nome, mais recente, mais novo, mas é a área territorial que dispõe de uma autoridade local, então é uma área que tem uma autonomia política local. Então se fala, município de Ribeirão Preto, você pega a cidade mais a sua zona rural. E vila era, exatamente, o centro urbano deste município. Veja que hoje nós não temos mais essa categoria administrativa de vila. Vila era o lugar, era a sede do termo, ou seja, sede do município que tinha autonomia local, qual era o órgão de governo na época que concretizava essa autonomia local? Era a Câmara de Vereadores, não tinha nem prefeitura ainda, prefeitura é uma coisa bem mais recente, a Câmara que se responsabilizava, não só, pelo poder legislativo local, mas também, pelo judiciário e pelo executivo. Administrar a cidade, os problemas da cidade, calçamento, água, esgoto, isso tudo é passado pelo Câmara. E tinha cidades naquela época, algumas vilas maiores, como por exemplo, Salvador, São Paulo que já tinham o título de cidade, era como se fosse uma vila mais importante, mas geralmente esses núcleos urbanos que tinham autonomia política, eram chamadas de vilas. Hoje vila não é mais uma categoria oficial, vila ficou, o nome, mais para a história.

P: Me conte um pouco sobre a história da Vila Tibério.
R: Antes de se criar a Vila de Ribeirão Preto, você tinha vários núcleos de povoamento rurais, dá pra perceber isso, inclusive, daquela disputa judicial, no processo você percebe, que dentro da área litigiosa você tinha cinco assentamentos que se destacavam, era Palmeiras que era a mais antiga, Laureano que é essa região mais próxima de Sertãozinho, pegando USP, essa parte toda aí, você tinha Ribeirão Preto abaixo que era a parte da bacia do Ribeirão Preto próximo do Rio Pardo, chamado também de Pontinha, você tinha Ribeirão preto acima que é a parte

alta da bacia do Ribeirão Preto, indo para Bonfim Paulista e tudo mais e você tinha a Fazenda do Retiro. Com o passar do tempo, essas fazendas foram sendo fracionadas por esse processo de herança, de venda, enfim. Você tem todo um processo de fracionamento territorial desses núcleos iniciais e isso coincide com o início da lavoura de café na região, isso nós já estamos na década de 70, 80. A ferrovia não havia chegado ainda, ela vai chegar em 83, mas de qualquer forma você vê que já havia uma pequena produção de café que era transportada, inclusive, em lombo de mulas até o porto de Santos, de onde o café era exportado. Claro que nessa época, o núcleo maior de produção era Campinas, essa região mais próxima de Campinas. Em um segundo momento que o Oeste Paulista vai se impor como o grande produtor, até mundial, de café. Ribeirão Preto foi até chamado de capital mundial do café. Mas nesse processo todo de investir na terra para ela produzir um bem precioso de exportação, é claro que começaram a chegar aqui na região muitas famílias, muito homens de negócios, que já tinham até acumulado dinheiro com outras atividades, principalmente de comércio e chegam aqui e começam a comprar, dos antigos proprietários esses terrenos. Já encontram um fracionamento, só que eles começam a comprar e aglutinam novamente esses terrenos, então passa por um processo de aglutinação daquilo que já estava, inicialmente, fracionado, porque o café vai precisar de grandes propriedades, você não vai produzir café em pequenas propriedades, o modelo de exportação do café vai exigir a grande propriedade, latifúndio. E é aí que chegam figuras como Coronel Schimidt, João Franco de Moraes Octávio, o Arthur Diederichsen. Esses grandes produtores de café, que vão se fixar aqui em Ribeirão Preto e nas áreas vizinhas, eles não vieram direto para cá, por exemplo, o Coronel Schimidt era de uma família de alemães e eles se fixaram primeiro no Rio Grande do Sul, depois ele montou um armazém de secos e molhados em Descalvado, ganhou muito dinheiro com esse negócio e depois que ele vai comprar os terrenos aqui em Ribeirão Preto onde ele vai iniciar uma grande produção de café. Foi o primeiro “rei do café”. Mas, depois tem os Barretos em Campinas, tem a família Dumont, do Alberto Santos Dumont, é um dos “reis do café” aqui, mais próximo dessa região de Dumont mesmo. Nesse processo todo de início da lavoura cafeeira, com essa aglutinação de terrenos, que antes já estavam fracionados, o Coronel João Franco de Moraes Octávio, ele, depois que morre, deixa como herança para sua filha e genro, vários terrenos que faziam parte da sua gleba inicial onde ele já produzia café, inclusive, com escravos. Essa produção inicial dependeu, diretamente, de mão de obra escrava, os Barretos, em Cravinhos, as primeiras plantações de café foi com mão de obra escrava, foi depois da abolição que se consolidou a vinda de imigrantes europeus para essas fazendas de café. Voltando a falar do João Franco, ele deixa uma grande herança, uma grande gleba de herança para o seu genro que era, justamente, o Tibério Augusto Garcia de Senna. Tibério era agrimensor de profissão, então ele era um cara que tirava o seu sustento medindo terreno, porque tinha essa obrigação de medir terreno para venda, compra, para constar em inventários e etc, e ele como agrimensor já começou a dividir também essas glebas de terras em pequenos lotes que eram vendidos por cinquenta mil réis, para os imigrantes que estavam chegando nessa época. Então

vamos dizer assim que os primeiros quarteirões, as primeiras ruas já foram abertas ainda na época do Tibério Augusto, que é também um migrante que vinha de Minas Gerais, a família dele era do Sul de Minas, passou aí por Atibaia, ele também passou por Descalvado, como o próprio Coronel Schimidt e como seu sogro também que passou por Descalvado antes de vir para Ribeirão Preto. Então a origem da Vila Tibério é, exatamente, a partir do seu patrono que é o Tibério Augusto. Um bairro, durante muito tempo considerado um bairro dos italianos, até hoje, porque boa parte das famílias que vivem na Vila Tibério, ainda guarda o nome de origem dessas famílias de imigrantes italianos, que vinham comprar esses lotes do Tibério Augusto. Ele montou, inclusive, uma olaria para vender tijolos, telhas, foi um complexo que ele montou para poder ganhar dinheiro em cima dessa venda dos terrenos.

P: Me fale um pouco sobre o bairro ser, basicamente, formado por operários.
R: Sim, grande parte desses imigrantes que se fixaram, inicialmente, na Vila Tibério vão trabalhar nas pequenas indústrias que vão surgir, principalmente, no ramo da cervejaria, de bebidas. Veja que aí você tem a Antárctica, a Paulista, então essas duas grandes cervejarias, os seus operários, quase todos, moravam na Vila Tibério e também os funcionários da ferrovia, pelo menos os que eram de Ribeirão Preto, até pela proximidade, quer dizer, a Vila Tibério está ao lado, exatamente, da antiga estação da Mogiana.

P: Qual a importância da Vila Tibério para Ribeirão Preto?
R: A Vila Tibério abrigou, exatamente, essa mão de obra operário da cidade. Que em uma história oficial, de repente é conhecida, apenas, pelos seus grandes homens de negócios, os coronéis como Quinzinho da Cunha e o Francisco Schimidt, ou por essa elite cafeeira e política que fazia parte da política do café com leite da primeira república. Veja que não é uma história completa, a gente tem que lembrar quem produzia, quem plantava, quem colhia, então, a Vila Tibério nosso primeiro bairro operário, eu acho que significa muito para Ribeirão Preto, quer dizer, ali estão as pessoas, estão ali os verdadeiros construtores da cidade. Aqueles que por uma luta de sobrevivência vão se fixar aqui, vão formar suas famílias, educar seus filhos, vão construir suas casas, vão deixar e vão dar uma contribuição grande para cidade, nesse sentido, de que eles construíram também a cidade, não foi só seu bairro.

P: Tem mais alguma coisa que o senhor acha importante comentar sobre esses assuntos que eu não tenha perguntado?
R: A Vila Tibério tem muita história. É um bairro, talvez de todos os nossos bairros, é aquele que soube melhor preservar a sua história, exatamente, porque ali você tem uma preocupação muito grande de seus moradores de não deixar essa história se perder. Então, só de você ter lá na Vila Tibério o Jornal da Vila do Fernando Braga, que tem como um dos seus objetivos, mais importantes, que é não deixar essa memória morrer e em toda edição você tem matérias falando sobre a história do bairro, falando da história das famílias mais antigas, falando das histórias das ruas

do bairro, da igreja do bairro, do Sinhá Junqueira, do Botafogo, de tudo isso, quer dizer, é muita história. E é uma história que está aí.

NATÁLIA CASTILHO BARBIERI
ENTREVISTA: 7 DE SETEMBRO DE 2018

P: Quando a senhora chegou na Vila?
R: Eu nasci na véspera de Natal, por isso do meu nome Natália. Já moro aqui na Vila há 70 anos. Nasci onde hoje é o bairro Ipiranga e vim para a Vila com uns seis, sete anos de idade. Meu pai comprou uma casa ali na Epitácio Pessoa, perto na avenida do Café, lá eu fiquei por 21 anos, aí casei e fui morar na rua Conselheiro Saraiva, depois fui para a Aurora e agora aqui na Constituição.

P: E como era o bairro na época que a senhora se mudou para cá?
R: A casa que a gente morava era própria, mas o progresso não chegava, lá não tinha asfalto, não tinha água encanada, não tinha eletricidade e a casa não tinha nem muro, era uma cerquinha que pai havia feito com bambu, mas não tinha perigo aquele tempo e a noite usávamos lamparina.

P: A senhora chegou a estudar no Sinhá?
R: Sim, estudei na época do Terceiro Grupo Escolar. Eu tive várias professoras boas, mas eu tive a professora Laine, que me deu um lindo casaquinho, porque naquela época a gente não tinha muito dinheiro né? Aí ela me via com umas roupinhas meio assim né? E me deu esse casaquinho. Era quentinho e lindo o casaquinho, mas aí minha mãe não deixou eu usá-lo para ir na escola, ela disse que ele era muito bonito, então era para só usá-lo para sair. Eu era uma boa aluna, mas teve um ano que a professora não era muito boa e eu senti muito isso e acabei repetindo um ano. No quarto ano eu consegui passar. Teve festa para entregar o diploma, mas aí eu peguei caxumba, uma bem forte mesmo, em casa quase todos pegaram, e então eu não pude ir receber o meu diploma, quem foi receber para mim foi minha mãe. Ela foi lá, recebeu os parabéns no meu lugar e pelo menos ela voltou contente.

P: E como eram as ruas da Vila naquela época?
R: Na Rua Augusto Severo não havia ‘calçamento’ e tinha uma descida muito grande, um barranco alto, só de terra, que descia até a linha do trem. E a gente vinha pelo estradão, que é a avenida do Café, junto com meu pai, pegava a Augusto Severo e descia aquele barrancão de terra, tudo para cortar caminho. A Praça José Mortari não existia, era um terreno grande cheio de mato que tinha uma trilha no meio, que a gente acabava fazendo pelo tanto que passava, para economizar caminho. Da Rua Barão de Cotegipe até a Rua Conselheiro Dantas também tinha uma trilha desse tipo, porque era muito mato e aí o povo fazia uma trilha por ali.

P: E como o senhor conheceu seu marido?
R: Aqui na Vila, na rua. Eu tinha 15 anos e passei na rua que ele morava, eu não conhecia ele, e ele estava na porta e ficou olhando, naquele tempo se chamava de flerte. Aí ele me seguiu, para ver secretamente onde eu morava, aí ele sempre forçava os encontros e acabamos namorando. No começo era escondido, mas meu irmão acabou contando para os meus pais, e minha mãe que era muito brava falou que se eu quisesse namorar era para namorar dentro de casa, não podia ficar namorando na rua porque ficava mal falada. Eu achei que ele não ia, mas ele foi pedir para o meu pai para a gente namorar. E naquela época os homens andavam chiques, de terno e gravata, até para dar uma volta no jardim eles iam de terno.

P: E a praça, a senhora frequentou?
R: Sim, lá lotava de meninos e meninas, tinha o coreto onde sempre tinha banda tocando música e tinha também o serviço de alto-falante. Nesse alto-falante os meninos ofereciam músicas para as meninas, tinha o pessoal que fazia reclame, naquela época era reclame hoje é propaganda, aí se pagava baratinho para oferecer uma música. Meu marido mesmo ofereceu música para mim, o nome da música era 'Lembranças de Icaraí'. Eles ofereciam umas valsas também, todas músicas antigas, Luiz Gonzaga, entre outros e dali saia namorados. Eu conheci meu marido na rua, mas eu encontrei com ele várias vezes ali na praça. Namorei com meu marido por cinco anos, em 63, depois a gente casou na igreja da Vila e fomos morar no fundo da casa da minha sogra, lá na Conselheiro Saraiva.

P: E a senhora frequenta a igreja?
R: Eu vou às vezes, mas não sou carola não.

P: E os cinemas, a senhora ia bastante?
R: Ah, eu morava perto dos cinemas então eu ia bastante e eu ia mais no Marrocos, lá dentro tinha uma tela bem grande e era muito bonito. Quando eu tive minha filha eu trazia ela para ver os filmes de criança, era muito legal. No Vitória eu fui, mas pouco, porque também tinha um tio do meu marido que era vereador e a gente não pagava no Cine Marrocos. Tinha umas carteirinhas que eles davam e a gente entrava, então a gente ia mais no Marrocos mesmo.

P: É botafoguense?
R: Claro.

P: Chegou a ir no estádio?
R: Durante o jogo minha mãe não deixa eu ir, naquele tempo não ia muita mulher no campo, eram raras as que iam, a maioria eram homens, então ela não deixava para não ficar mal falada. Mas durante o dia, tinha um senhor benzedor, que tomava conta ali do Botafogo e aí a gente entrava e a gente via. Depois que virou poliesportivo eu tinha o título do clube e ia com a minha filha.

P: Depois de mora na Conselheiro Saraiva a senhora foi para a Aurora, é isso?
R: Isso, moramos lá por mais de 30 anos, aí em 2007 meu marido faleceu e eu vim para cá e já faz dez anos que estou aqui. Hoje a casa da Aurora virou um sobrado.

P: E de tudo que a senhora viveu na Vila, do que mais sente saudade?
R: De tudo né, a Vila é como se fosse um berço da gente, uma coisa querida, parte da família. Eu não me vejo morando longe da Vila Tibério, vou morrer aqui. Gosto demais e não admito que fale mal da Vila.

DOROTÉA CASTIGIO
ENTREVISTA: 10 DE SETEMBRO DE 2018

P: O que é esse Encontro das Mocinhas Virtuosas?
R: É um encontro que eu realizo na minha casa com várias moradoras da Vila Tibério toda segunda e sexta-feira. Aqui a gente trabalha a nossa mente, faz trabalhos manuais, fazemos ginásticas, não ficamos paradas em nenhum dos nossos encontros. Às vezes temos convidados especiais, algum profissional que nos dá alguma palestra, exercício e coisas do tipo.

P: Você já fez parte da AMOVITA?
R: Já sim, faz mais de 15 anos que mora na Vila e sempre gostei de fazer trabalhos sociais. Na minha época tudo era muito bem organizado, hoje já não é mais assim. Quando eu estava na associação, a gente tinha um espaço aqui na rua Machado de Assis e lá, além de ensinar artesanato, a gente fazia o curso de culinária, era gostoso e gratificante demais. Também tínhamos um espaço na ACI da Vila e vários outros espaços para nossas atividades, tínhamos também alfabetização na igreja, na avenida do Café e o interessante é que gente nunca saímos do nosso bairro para ir a uma reunião nas secretárias, eles que vinham até nós.

P: Sobre o Encontro ainda, o pessoal que frequenta o grupo gosta?
R: Elas adoram, se deixasse elas viriam todo dia aqui. Mas eu gosto disso.

RITA APARECIDA DA SILVA FERNANDES
ENTREVISTA: 14 DE SETEMBRO DE 2018

P: Quando você entrou no Walter Ferreira?
R: Em 1969, faziam uns dois anos que a gente estava morando na rua Eduardo Prado e foi quando a gente notou que eles fecharam o espaço que antes era um campinho, que os próprios meninos, as meninas, os moradores fizeram como área de lazer, tinha até trave de futebol de madeira que colocaram lá, a gente usava ali como área de lazer mesmo. E de repente a gente notou as placas do estado e que foram fechando em volta com madeira, porque iam começar a construir. Aí foi uma festa, porque ninguém esperava e todos os vizinhos amaram, uma escola ali perto

iria valorizar o bairro e para a gente, criança... ficamos deslumbrados, ‘ah, vamos estudar pertinho de casa, que coisa boa’.

P: Quais são suas recordações dessa época escolar?
R: Na minha época, nós tínhamos o sistema de ditadura no Brasil. E as escolas tinham um regime, não era de autoritarismo, mas nós tínhamos um respeito implantado, a gente tinha o uniforme que tinha que ser cuidado, impecável, ninguém entrava sem uniforme. A gente mesmo aprendia a cuidar dessa roupa, lustrar o sapato, que era sapato e meia branca até a canela, então era assim… um zelo pela educação desde casa. Eu fui umas das primeiras a se matricular no Walter em 1970, eu tenho muito contato com vários adolescentes que estudam na escola, meus filhos estudaram no Walter e lá continua uma escola muito boa. Me lembro também que todo mundo ficava em fila no pátio, hasteava a bandeira a meio mastro e a gente cantava o hino com a mão no peito e aí que entrava para sala. Naquela época a escola oferecia odontologia, tinha um dentista que ia toda semana, eu mesma, enquanto fiquei lá, meus dentes foram tratados na escola pública. Os professores eram dedicados com a gente. A educação física, naquela época, tinha muitas modalidades, inclusive ginástica olímpica que eu fiz durante muito tempo. Eu participava das aberturas dos desfiles de sete de setembro, as balizas. Tudo aprendido dentro da escola, ali no Walter Ferreira. Eu tive também um professor de Português, não me lembro o nome dele, ele era brincalhão, mas na brincadeira ele conseguia impor a autoridade dele, a gente não deixava de gostar dele por causa disso, ele não era um professor chato, e Português não qualquer um que gosta, então, ele tinha essa proeza, com todo jeito dele ele ainda fazia a gente gostar da matéria, uma pena eu não conseguir lembrar o nome dele, eu to vendo ele aqui na minha frente, me lembro que ele tinha a língua travada, mas ele era muito, mas muito bom, isso foi mais ou menos no quarto ano Me lembro também da dona Hermínia, professora também de Português. Acho que eu tinha alguma coisa com Português né? Ah! Lembrei o nome do professor, era Jair, isso mesmo, Jair, professor de Português. Os trabalhos da escola que os professores davam, a gente se reunia nas casas e fazíamos. A gente mesmo que se organizava, tal dia na casa de um, tal dia na casa do outro. Daquele momento de estudo e de pesquisa, depois já saia um momento de lazer, conversávamos, era gostoso. E com isso a gente ia conhecendo o pessoal da comunidade de perto, conhecíamos a mãe e o pai do amigo, e também acontecia o inverso, fazíamos mais amizades. Era tudo de bom.

P: Durante algum tempo a escola era dividida em Walter Ferreira e Edgardo Cajado, você chegou a estudar nas duas?
R: Sim, tinha a escola de primeiro grau e a de segundo grau separadas em determinada época, eram desmembradas e depois uniram, estudei até o quarto ano no Walter Ferreira e depois eu fui para a outra fase da escola, para o outro lado. Uma coisa interessante, é que nessa época de escola a gente podia ir lanchar em casa, a gente saia da escola para ir em casa lanchar.

P: Me conte mais sobre isso.
R: Na escola não havia muro, era somente uma cerca e nós saiamos na hora do recreio, os portões eram abertos e então nós saiamos para lanchar. Eu ia até a minha casa, tomava um lanche, e olha só, a gente voltava para a escola, tínhamos o prazer de voltar. E para o pessoal que morava um pouco mais longe, havia as mercearias em volta que ofereciam lanche, e na porta tinha o pipoqueiro, o algodão doce, o pasteleiro que fazia o pastel na hora, mas tinha que pagar né! E quem tinha o privilégio, como eu tinha de morar por perto, ia até em casa tomava lanche, voltava e quando acabava o recreio os portões eram fechados e a gente continuava.

P: De tudo isso que você viveu na escola, o que você mais sente saudade?
R: Tudo dá saudade! A saudade que eu tenho mais é da maneira de como era a escola mesmo, da forma que era conduzida, porque nós aprendemos a cuidar e a zelar daquele patrimônio. Meus filhos estudaram lá, o mais velho estudou, a do meio estudou e eu cheguei a acompanhar eles, muito, enquanto estudavam. Frequentava as reuniões e nessas reuniões eu ficava triste quando entrava e via as carteiras todas estragadas, tudo pichado dentro da escola, na minha época não existia essas coisas, ai de nós se fizéssemos isso. Então, eu sinto saudade porque eu tive a consciência de que é um patrimônio público, que a gente está pagando por isso, aquilo ali não é de graça, então vamos procurar cuidar, porque um dia a gente vai sair dali, mas outros vão entrar. Então eu sinto falta e saudade dessa época. Sinto mesmo, porque acho que isso é importante e está fazendo falta.

IGOR RAMOS
ENTREVISTA: 15 DE SETEMBRO DE 2018

P: Como surgiu o Botafogo?
R: Botafogo surgiu da fusão de três times, do União Paulistano, Tibeirense e Ideal Futebol Clube, que eram equipes daqui da Vila Tibério.

P: Quem fundou o Botafogo?
R: Existe uma figura central que é o Domingos Borges, ele era um dos entusiastas do futebol na época e foi na casa dele que aconteceu a reunião de fundação do clube. Muitos comentam sobre o tal Bar do Piranha, mas esse bar surgiu bem depois que essa reunião de fundação aconteceu, então o início do Botafogo não foi no Bar do Piranha e sim na casa de Domingos Borges onde, posteriormente, veio a funcionar esse bar. Outra curiosidade é sobre a data de fundação do clube. Ela aconteceu no dia 12 de outubro, porém jornais da época já relatavam sobre um novo time de futebol que havia surgido no bairro de Vila Tibério no mês de setembro.

P: Pode-se dizer que o Botafogo é o time do povão?
R: Sim, o Botafogo é tido como um clube popular, de fato, porque a Vila Tibério era separada por uma porteira, no entanto que surgiu um apelido de chulé, porque as

pessoas do bairro tinham que passar por estradas de terra e tal. Mas então é por conta disso, da origem humilde do time.

P: Quem foram os primeiros jogadores do time?
R: Na origem do Botafogo, teve o apoio da Cervejaria Antárctica e muitos dos jogadores trabalhavam lá, que foi o alicerce que ele continuasse.

P: Me fala um pouco sobre o estádio Luiz Pereira.
R: O estádio ocupava todo esse quarteirão e a única coisa que ainda resiste é a arquibancada, o resto foi demolido. Na época as arquibancadas eram de madeira, posteriormente que outras foram construídas de concreto. Havia muita proximidade dos torcedores com os jogadores, porque havia somente um alambrado que separava a arquibancada do campo, então muitos torcedores conversavam com eles.

P: Qual a importância do Botafogo para a Vila Tibério?
R: A história do Botafogo e da Vila Tibério se misturam, é difícil você desassociar as coisas. Eu acho que a Vila Tibério é conhecida pelo Botafogo, é um bairro importante, histórico, mas é impossível falar em Vila Tibério e logo não associar ao Botafogo, até quem não é do futebol sabe que a Vila é o berço do Botafogo. É o bairro, onde, durante muitos anos a sua torcida se concentrava nele. Pela grandeza do Botafogo essa torcida se ampliou pela cidade, mas a origem do Botafogo, enraizada aqui criou essa marca.

SHEILA BUENO FACIOLLI
ENTREVISTA: 16 DE SETEMBRO DE 2018

P: Me fale sobre sua passagem pelo Sinhá Junqueira
R: Fiquei por oito anos na escola, saí de lá em 1994. Me lembro de muita coisa, era muito bom estudar lá. Lembro do porão da escola, que todo mundo morria de medo. Uma vez eu e mais uma turma entramos lá e conforme você vai entrando o teto vai ficando mais baixo, dava muito medo. Todo mundo falava que o corpo da dona Sinhá Junqueira estava lá dentro, a gente não sabe se é verdade ou se era mentira, mas muita gente falava isso. Me lembro da minha primeira professora, a “dona” Fátima, ela era muito boazinha, mas ao mesmo tempo ela era brava. Eu lembro que uma vez ela me chamou a atenção por coisa boba e eu chorei muito por isso.

P: Do que você sente saudade?
R: De tudo, era muito bom estudar lá, era uma escola muito boa. Eu senti muito falta dos amigos e do pessoal da escola quando eu saí de lá.

P: Você que sempre morou na Vila, do que você se recorda?
R: A época que eu mais lembro é da época em que eu morava na Barão de Cotegipe, eu não via a hora de chegar da escola para brincar na rua. Eu estudava de manhã, almoçava e umas quatro, cinco horas eu já ia para a rua e a gente ficava até à noite. Me lembro do vendaval de 94, acho que nunca senti tanto medo como dessa vez. A janela do quarto ficava virada para a rua, aí as pedras batiam na janela e parecia que era tiro. Quando acabou e a gente saiu de casa estava as telhas estavam quebradas o chão cheio de gelo, tinha telha da quadra do Botafogo, que voou lá para o Hermínia. Foi muito feio, nós ficamos uns dois, três dias sem água e sem energia, aí quando a gente via um caminhão pipa a turma saía correndo atrás para pegar água, foi um momento complicado, mas para mim que era criança, foi tudo muito divertido. Tudo que eu vivi aqui foi muito bom, hoje eu não moro mais na Vila, mas pretendo voltar, se você me perguntar se eu prefiro morar em um lugar nobre de Ribeirão, eu te respondo, não, prefiro morar na Vila Tibério.

TALITHA DA SILVA BUENO
ENTREVISTA: 16 DE SETEMBRO DE 2018

P: Você estudou quando no Sinhá?
R: Eu entrei em 92 e fiquei até 95. Me lembro da minha primeira professora, ela se chamava Berenice, me lembro também que na hora do intervalo eu escorregava no corrimão da escadaria, no porão tinha uma caixa escrito vida e o pessoal falava que o corpo da “dona” Sinhá Junqueira estava ali dentro. Sempre que passo lá na frente da escola eu fico com saudade de lá.

P: Depois que você saiu do Sinhá foi para o Santo Dumont?
R: Isso, em 96 fiz a quinta série lá, mas eu não gostei, porque eu já estava acostumada com o Sinhá, mas com o passar do tempo eu comecei a gostar. Lá no Santos Dumont a gente fazia o rodízio de sala e quando tinha interclasse os jogos eram de sábado e a gente treinava depois da aula.

P: Você sempre morou na Vila?
R: Sim, eu nasci aqui, nunca morei em outro lugar.

P: E do que você sente falta?
R: Sinto falta da Praça José Mortari, eu ia muito lá com o meu avô e a gente brincava muito lá. Tinha vários canteiros e a gente falava que cada um morava em um canteiro. Lembro que lá tinha um jardineiro e a gente falava que ele morava debaixo da fonte, onde hoje é uma espécie de coreto, mas hoje eu sei que ele não morava lá e sim só guardava as coisas dele lá embaixo. Me lembro da Figueira, a gente brincava muito lá. Lembro que na frente tinha uma sorveteria na frente e lá tinha um sorvete de danone muito gostoso. Nunca morei em outro lugar, então não trocaria a Vila por nenhum outro lugar. Gosto muito daqui!

SILVIO DE ALMEIDA FILHO
ENTREVISTA: 18 DE SETEMBRO DE 2018 - VIA E-MAIL

P: Me conte num breve resumo sobre a história da Escola Dona Sinhá Junqueira.
R: A Escola Dona Sinhá Junqueira teve a sua construção terminada em 1.916 cuja finalidade era atender a demanda da Vila Tibério. O espaço foi doado pela prefeitura da época e a edificação ficou por conta do Governo do Estado. A Escola que era o 3º Grupo Escolar atendia a priori, apenas alunos do Ensino primário.

P: O senhor chegou a estudar no Sinhá?
R: Não. Na época eu estudava na Usina Junqueira de onde a Dona Sinhá era oriunda. Todavia, meus filhos estudaram até a oitava série que era a última série atendida pela escola.

P: Em sua época de diretor, quais as lendas mais contadas pelos alunos?
R: Duas. Uma é que a Dona Sinhá estava enterrada no porão da escola o que não era verdade mesmo porque ela foi sepultada em Franca. Outra lenda era que havia uma mulher loira que percorria os banheiros. Inverdade!

P: Qual era a história do porão?
R: Simplesmente que Dona Sinhá poderia estar ali sepultada. Logo no início da minha gestão, juntamente com a assessoria da minha vice-diretora, procedemos a limpeza do mesmo através de uma empresa com produtos químicos pois tinha gatos mortos, ratos igualmente mortos ou não e baratas e escorpiões. Recuperamos carteiras antigas, fotos de ex-diretores, livros-ponto, relógios com pêndulos e não encontramos os lustres português, lamentavelmente. O local serviu para reuniões dos escoteiros e ainda persistem nas paredes os apelidos dos grupos.

P: E quando ele foi limpo, qual foi a reação de alunos e ex-alunos que você tinha contato?
R: Ficaram extasiados porque quando limpo o porão, foi possível visualizar os arcos de alvenaria dispostos como se fossem uma espinha de peixe. Longitudinal e laterais. Os alunos adentraram no recinto e foram aprofundando até embaixo da secretaria. Correram, brincaram e levaram informações para Pais e amigos que solicitaram e foram atendidos para conhecerem o local. O Jornal da Vila fez fotos e discorreu comentários a respeito. Em tempo: foram retirados dali uma enorme quantidade de móveis em deterioração e que foram vendidos para o ferro velho e os recursos obtidos, direcionados para a APM (Associação de Pais e Mestres).

P: Qual a história mais bonita, ocorrida com algum aluno, o senhor se lembra enquanto diretor?
R: Alguns alunos que já não residiam em Ribeirão Preto, mais especificamente na Vila Tibério, retornaram para dar depoimentos sobre a época em que foram estudantes na referida escola. Recordo que tinha médico, dentista, advogado e um

caso me chamou atenção. Era um casal que estavam residindo na Europa e a passeio em Ribeirão Preto, solicitaram que pudessem tirar fotos da escada de madeira que dá acesso ao pavimento superior. Teve uma senhora de idade avançada que chorou ao rever a escola e teceu comentários da sua época de estudante.

P: Qual a importância do Sinhá para a Vila Tibério?
R: Atendimento da comunidade para conforto de não necessitar de remoção para outras escolas que ficavam mais distantes. O Sinhá foi tida como uma escola modelo pela capacitação de seus professores, funcionários e pela colaboração dos pais que aderiram se disponibilizando em ajudar a escola em sua manutenção. Constituiu-se uma família Sinhasense. Tinham e ainda o fazem, orgulhosamente o fato de terem estudado numa escola que foi o marco de longevidade e de bons serviços prestados à educação no contexto da Vila Tibério.

P: Qual mensagem o senhor poderia deixar para todos que forma alunos do Sinhá?
R: Simplesmente que contem para seus filhos a importância da escola pela formação da cidadania e que demonstrem seu orgulho de ter frequentado uma escola que prosperou desde a sua inauguração que se deu em 16 de outubro de 1916, justamente na primeira República.

ANTONIO ALBERTO SOUZA FRANCO
ENTREVISTA: 20 DE SETEMBRO DE 2018

P: Antonio há quanto tempo mora na Vila?
R: Moro há mais de 40 anos. Morei na avenida do Café e aqui na rua Paraiso, onde minhas filhas nasceram e cresceram.

P: O senhor é parente do ex-vereador José Mortari, me fala um pouco dele.
R: José Mortari era meu tio e por 12 anos ele foi vereador. Ele trabalhava para o “povão” mesmo, gostava muito de ajudar as pessoas, não importava a hora, ele sempre ajudava e a gente tinha uma relação boa também. Ele morreu há mais de 30 anos e como presente pelos serviços prestados em vida, a Câmara Municipal homenageou meu tio dando o nome dele na pracinha daqui da Vila Tibério.

P: Faz tempo que ele morreu?
R: Faz mais de 30 anos, minhas filhas nem conheceram ele. Ele estava pescando lá na lagoa da Usp, aí ninguém até hoje sabe explicar, mas ele caiu no rio e morreu.

P: E como era a relação de vocês dois?
R: Era boa, não era muito próxima, mas era boa.

JOSÉ RUBENS PADILHA
GENI APARECIDA PADILHA
ENTREVISTA: 24 DE SETEMBRO DE 2018

P: Como vocês chegaram à Vila Tibério?
RJ: Eu vim para cá, exatamente, com um ano de idade, em 1949. Morava na Bartolomeu de Gusmão, minha família morava ali e de lá nos casamos, fui para a Epitácio Pessoa e em 72 viemos para cá (Jorge Lobato)
RG: Eu vim com dois anos de Guará, nasci em Guará, pertinho de Ribeirão. E daqui não sai mais, fiquei na Vila Tibério o tempo todo. Morei na rua Castro Alves, Padre Feijó, Álvares de Azevedo, Aurora e Jorge Lobato.

P: Quando vocês entraram no Sinhá?
RJ: Eu entrei com oito anos, em 1956 e fiquei lá por seis anos, fiz o primário e a admissão. Repeti o segundo ano e a admissão, depois disso fui para o Colégio Brasil, depois fui para o Colégio Mário Cavalcanti, voltei para o Colégio Brasil e me formei lá.
RG: Eu entrei no Sinhá 1958, também com oito anos, fiquei lá por nove anos e também fiz admissão.

P: O que é admissão?
RG: É um curso que era feito para você entrar no Ginásio.

P: Então me contem das lembranças de vocês vividas no Sinhá.
RJ: Hoje já não é como era na minha época, é modificado. Lá no fundo só tinha dois corredores de salinhas e lá ficava o primeiro e o segundo ano, terceiro e quarto ano era feito no prédio. E me lembro bem dos professores do primeiro, do terceiro e do segundo ano. No primeiro e terceiro foi uma professora só, era a 'dona' Bete, no segundo ano era o professor Olavo e do quarto ano não me recordo agora. O seu Olavo era um senhor que, independente, se fazia chuva ou sol, ele andava com um guarda-chuva, uma pastinha, andava e dava aula de terno. Ele que nos ensinou a empunhar uma caneta com tinta. Tinha umas cadeiras que tinham um tinteiro, o mata borrão e ele que nos ensinou a usar as canetas. Tinha o senhor Amâncio também, era um senhor grandão, tinha um sino que fazia 'plan, plan, plan'. Ele era o servente, ele que nos colocava para dentro da sala de aula e para o recreio. Tinha um outro também, mas não vou me recordar o nome dele agora. Mas o que mais marcou era o Amâncio, ele era meio bravo.
RG: Que recordação mais maravilhosa, recordar Sinhá Junqueira. 'Dona' Felicidade, olha o nome, uma senhora toda fina, sempre andando de salto, elegante, morava perto do bosque. Era uma senhora elegante, bonita e tinha que dar um respeito com ela, era tudo disciplinado, 'dona' Felicidade ficou muito na minha memória e as professoras também, tinham duas 'Íradis' uma delas era Íradi Fressati, muito boa, elegante, enérgica, professora de Português. E a gente estudava, assim, todo tipo de aula, Matemática, Português, tinha o Inglês, à noite, principalmente, a gente tinha

até o Francês, tinha outras línguas também. E eu apaixonada pela escola. No pátio, tínhamos que estar todos em fileira, cantar o Hino Nacional, tudo era disciplinado, a gente conseguia entrar um de cada vez, cada fileira tinha sua classe e subia para dentro da escola. No começo eu estudava em baixo, depois fomos mudando os anos e então subíamos a escadaria sem fazer barulho, não podia bater, tinha que fazer silêncio, subíamos aquela escada de madeira para chegarmos até a classe. Lá, todos sentados e comportados, e tem mais, se algum outro professor ou alguém entrasse dentro da sala, todos tinham que levantar e cumprimentar a pessoa em respeito ao adulto que estava entrando. E durante as aulas todos respeitavam, ninguém fazia bagunça, porque o professor era severo, então só de olhar a gente já entendia. Tinha intervalo e todos iam, tinha a nossa cantina, eu vou falar cantina, mas antigamente fala merenda. Era dado pela escola o leite de soja, o leite com pão e sempre tinha alguma coisa diferente. Nessa época a gente tinha alimentação certa, nada de comer coisa errada, sempre tinha fruta.

P: E sobre o porão, o que vocês ouviam sobre?
RJ: A gente não ia no porão de jeito nenhum, eles falavam que era mal-assombrado
RG: Eles falavam que tinha assombração, vozes, tinha sempre algum motivo para ninguém chegar perto do porão, mas nunca ouvi nada, só mito.

P: E sobre os uniformes? Vocês usavam?
RG: Sim, o uniforme, a fita na cabeça, tinha que estar impecável. Não podia usar calça comprida, era saia e a blusa branca com o emblema do Sinhá Junqueira e fita no cabelo.
RJ: Já os meninos era calça azul e camisa branca com o distintivo bordado no peito.

P: E vocês se conheceram no Sinhá?
RJ: Sim, a gente se conheceu lá e começamos a estudar na mesma classe. Conheci a Geni muito nova, ela devia ter de 12 para 13 anos, eu sou dois anos mais velho que ela, e com essa idade eu comecei a trabalhar em uma firma ali na rua Padre Feijó e ela morava nessa rua, e então, mais próximos um do outro, foi onde se iniciou… a gente já estudava juntos e ainda nos víamos quase todos os dias nessa rua, aí começamos a namorar. Era diferente do que é namorar hoje, no máximo que podíamos fazer era ir ao cinema e eu ainda tinha que devolver ela em casa até umas oito e meio ou nove horas na casa dos pais.

P: Vocês namoravam na praça?
RG: Mais ou menos, mas na pracinha a gente dava voltinha.
RJ: A gente dava uma voltinha lá, nos encontrávamos ali, ficava só um pouquinho e depois levava embora. Era assim, era um namoro diferente, era mais sério né?
P: E de tudo que vocês viveram aqui, o que vocês mais sentem saudade?
RG: A gente era feliz e não sabia! É a coisa mais gostosa que tem, época de estudante, Sinhá Junqueira que foi a nossa paixão. Vivendo dentro dessa Vila

Tibério até hoje, não vamos, nunca, sair daqui só quando a gente mudar de endereço.
RJ: De tudo né?

GILBERTO MORESCHI
ENTREVISTA: 26 DE SETEMBRO DE 2018

P: O senhor trabalhou por quanto tempo na cerâmica?
R: Entrei com 15 anos. Eu vim de Rio Claro com a minha família e trabalhei por 35 anos na cerâmica. Meu pai era queimador de forno, queimava telha, manilha, essas coisas. Meu pai trabalhava na Bianchini em Rio Claro, aí aqui ninguém conseguia queimar forno, até queimava, mas faziam tudo errado, então buscaram meu pai. Aí meu pai veio para cá e me aposentei lá. Fora de lá eu também era pintor, pintava casa, sabe? Meu irmão também trabalhou na cerâmica, ele fazia formas, sabe? Formas para telhas e outras coisas.

P: Qual era o seu serviço na cerâmica?
R: Eu fazia de tudo lá dentro, uma hora fazia telha, outra hora manilha, telha francesa, telha cumeeira e já trabalhei de queimador, colocava e tirava peças no forno de telha.

P: E lá era um bom lugar para trabalhar?
R: Era, era sim. Ali era um lugar muito bom, trabalhava muita molecadinha, quantos meninos de idade não trabalhava ali? Aí, durante a semana a gente trabalhava e fazia hora extra a noite e já recebia no sábado, só o pagamento que era no fim do mês mesmo. Então trabalhava a semana, chegava no sábado e o patrão já pagava a hora extra. Ali era uma indústria muito boa, pagava tudo direitinho. Para mim os patrões sempre foram bons, a gente trabalhava direito, no entanto que aposentei lá, mas era muito bom. Pena que os filhos não souberam continuar né? O pai passou para os filhos ‘funcionar’ e os filhos não aguentaram, pegou e fechou.

P: De tudo que o senhor viveu na cerâmica, do que o senhor mais sente saudade?
R: Saudade a gente tem dos amigos né? Depois que fechou sumiram todos, aí você tem aquela recordação daquele tempo, das coisas que fazia lá, dá saudade sim.

ALCEU BIGATO
ENTREVISTA: 27 DE SETEMBRO DE 2018

P: Quando o senhor começou a trabalhar na Antárctica?
R: Trabalhei lá por 25 anos, entrei no dia 20 de janeiro de 1969 e sai em 1994, só não me lembro exatamente o dia, mas foi em 1994, quando me aposentei. Por dez anos trabalhei na parte de engarrafamento da fábrica, aí depois com os filhos né, a gente quer sempre ganhar um pouquinho mais, então eu fui para o setor de

fabricação e produção de cerveja. No engarrafamento eu trabalhava mais na cesta. E por 15 anos trabalhei fabricação mesmo, comandado pelo químico senhor Carlos Hauser, gente boa, ele não queria coisinha ele queria produção, gente muito boa, ele era o responsável pelo padrão da cerveja. Na produção eu era operador de moinho, preparava o malte, pegava ela pronta (malte) e era responsável por moer a grande quantidade que precisava.

P: Então o senhor sabe fazer cerveja?
R: Sim, mais ou menos. Atrás da carta de agradecimento que eu ganhei por ter trabalhado por 25 anos na cervejaria tem a receita, depois você olha. Mas a fabricação acontecia assim, de cima para baixo. Em uma caldeira, primeiro descia o arroz já semi cozido, em seguida a gente jogava o gritz, que era uma quirela de milho, se jogava também um produto para a panela não 'grudar', depois de fervido, esse preparado, se passava para outra caldeira para mexer bem o 'material', depois de, mais ou menos, uns 40 minutos, se passava para uma nova caldeira para fazer a filtragem, tinha umas placas para segurar o 'material' em cima e o líquido embaixo, esse a gente chama de mosto. Tirava o mosto, colocava em uma caixa reserva, daquela caixa ia para fazer a fabricação. Até aí a cerveja estava pronta fervida, mas ainda tinha muita etapa para frente, mandava para o resfriamento e assim adiante.

P: E como era a sua relação com seus companheiros de trabalho?
R: Era boa. Tenho uma história boa para te contar. Tinha um funcionário chamado Pedro, já é falecido, ele trabalhava lá há muitos anos. Depois da limpeza que a gente fazia aos sábados, a gente estava fazendo uma reunião entre a gente mesmo, estávamos conversando eu, nosso chefe, a turma. De repente um colega, o Milton, tocou no assunto do leite tipo B e tal, e esse Pedro, falou assim: "Agora você falou bonito, agora você falou bonito mesmo". E a gente parou para ouvir o que ele ia falar do leite B, aí ele falou assim: "O leite tipo B, o leite tipo B, é tirado da teta da vaca". Aí a turma começou a rir sem parar.

P: O que era essa limpeza que o senhor falou?
R: Era uma limpeza que era feita aos sábados nos equipamentos da cervejaria. E lá no nosso setor de fabricação nós tínhamos a nossa cerveja disponível na nossa geladeira e é claro que tinha controle e disciplina, nós não tínhamos um tempo de parar, mas conforme dava uma folguinha no trabalho a gente tomava um pouco e quando a gente ia embora tomava também. Na saída tinha chope, mas a gente preferia cerveja mesmo. Cerveja gostosa né?

P: Quando o senhor passa e vê a Antárctica toda detonada, o que o senhor sente?
R: Eu tenho saudade. Não sei porque essa firma foi embora, não existe firma, ou pelo menos não existia firma igual a ela. Para o nosso padrão de vida, a gente ganhava bem, você não gastava dinheiro em cada, você tinha tudo. Eu tenho roupa até hoje daquele tempo. Sei lá, eu acho que essa firma não devia ter ido embora. Eu me sinto feliz de ter tido a oportunidade de ter trabalhado lá nesses 25 anos em uma

firma maravilhosa. Ela era uma mãe para gente. Ah! E eu fiz um poema de lá também chamado “Reforma”.

LÚCIA HELENA CALLEGARI DOS SANTOS
ENTREVISTA: 4 DE OUTUBRO DE 2018

P: Há quanto tempo você trabalha no Hermínia?
R: Eu estou na escola há 27 anos, passei em várias sessões aqui da escola, aí passei no concurso e por 20 anos trabalhei na secretaria e hoje sou inspetora de alunos.

P: Como era a escola quando você entrou?
R: Era diferente, tinha ginásio até a oitava série. Eu entrava de manhã, saía para almoçar e depois a tarde eu voltava. Tinha o vespertino também, que era para as crianças maiores e em 2000 houve a separação dos alunos maiores e agora a escola só atende até o quinto ano.

P: Do tempo que você está aqui, teve alguma criança que te marcou ou algum fato?
R: Antigamente tinha classe especial, hoje não tem mais, e nessa época tinha um garotinho que me marcou bastante. Ele era autista e a gente conversa bastante com ele, gostava muito de cor-de-rosa, cantava o hino nacional inteiro, ele era muito inteligente, daquele jeito no mundinho dele, mas ele era muito esperto mesmo. Às vezes também a gente encontra ex-aluno é bem legal isso.

MAFALDA ALVARES
MARLI PERAZOLLI
ENTREVISTA: 5 DE OUTUBRO DE 2018

P: Mafalda, há quantos anos a senhora mora na Vila?
RMA: Eu nasci em 29 de março de 1939, aqui mesmo na rua Aurora. Aí fiquei por 24 anos e depois que eu me casei fui para rua 21 de abril, fiquei lá por cinco anos, aí depois voltei para morar na casa onde minha mãe morava e depois vim para cá, onde estou há 19 anos.

P: E você Marli?
RMP: Eu nasci na rua 21 de abril, em 1965 e vim para a rua Aurora onde fiquei por 30 anos.

P: E como era o bairro na sua infância?
RMA: Com sete anos de idade só tinha minha casa e uma outra atrás, em frente tinha um campinho e olhando da janela do quarto da minha mãe dava para ver vacas e cavalos lá na Vila Virgínia. Toda semana a boiada passava na rua sentido ao matadouro e quando eu tinha 13 anos, aqui (Rua Aurora) foi a primeira rua a ser asfaltada da Vila.

P: A senhora estudou no Sinhá?
RMA: Sim estudei, no Terceiro Grupo Escolar. Como aqui não tinha muitas casas, para chegar na escola a gente ia por um caminho no meio do mato. E a escola não era desse tamanho que é hoje não, era a metade, tinha somente o prédio da frente, o sobrado, aí depois que foi aumentando. Nessa época era só até o quarto ano, salas de meninas de um lado e salas de meninos de outro, as salas não eram misturadas e tinha que usar uniforme que era um vestido todo branco escrito no canto o nome da escola, já o uniforme dos meninos era camisa branca e um calça curta azul
RMP: Eu também estudei no Sinhá, fiz até a oitava série e eu era peralta, subia aquela escada de madeira com tamanquinho malandrinho, sabe o que é tamanco malandrinho? Era um sapato tipo tamanco de madeira, que de tanto usar ficava sem a sola, aí ele fazia muito barulho né? Aí eu subia a escada fazendo barulho e o diretor ficava bravo, eu era danada, eu tenho um irmão mais novo e naquela época a molecada batia nele e eu ia lá e batia na molecadinha, mas nunca fui para a diretoria. Tinha o dentista também, que arrancou um dente permanente meu.

P: E como foi sua juventude Mafalda?
RMA: Quando eu era mocinha, eu queria trabalhar né, mas minha mãe não queria. Eu cheguei a trabalhar numa fábrica de caixas que tinha lá perto da onde é o banco Itaú na Martinico Prado. Eu trabalhava lá e gostava muito, todos os filhos trabalhavam, mas a minha mãe queria que eu ficasse em casa para ajudá-la, mas eu não queria, eu ganhava meu salário né. Naquele tempo a gente era muito obediente, aí na hora do almoço minha mãe mandava eu ir lá no empório, que era na rua Bartolomeu de Gusmão esquina com rua Gonçalves Dias, comprar comida e eu ia. Acabei perdendo a hora e fui mandada embora do serviço e era isso que minha mãe queria. Ah, meu pai, trabalhou lá na Mogiana, ele era mecânico e naquela época a gente nem precisava usar relógio porque sempre tinha uma sirene que tocava às seis, às seis e meia e às sete. Quando era seis horas da manhã a sirene da Companhia Paulista tocava, aí a gente já sabia que era seis horas, às seis e meia o trem apitava, meu pai entrava às seis e meia da manhã, aí todo mundo escutava já sabia que horas eram, depois às sete horas tocava a sirene da fábrica de vidro que tinha em frente a pracinha, na Martinico Prado, onde hoje é um prédio, em frente o jardim.

P: E a igreja, a senhora frequentou bastante:
RMA: frequentei e ainda frequento, todo domingo vou na missa. Eu fiz minha primeira comunhão, fui Cruzada e usava uma fita amarela, fui Filha de Maria e usava a fita azul e em 1963 me casei com Rubens Alvares e quem me casou (92) foi o Padre Conrado.

P: O que era a Cruzada e Filha de Maria?
RMA: Cruzada é uma Irmandade Católica de meninas até se tornarem mocinhas, já Filha de Maria é uma Irmandade Católica de moças solteiras.

RMP: Lembra mãe, o que a vó falava sobre a pedra da igreja? Ela contava que viu a primeira fundação, a primeira pedra ser colocada na construção da igreja. E isso foi quando foram construir a igreja em 1918.

P: E na praça, a senhora ia bastante?
RMA: Ia bastante. Lá no 'jardim' era muito bom. Nos canteiros tinha rosas, lírios, era tudo florido, era lindo mesmo. Tinha muito moço e muita moça. Meu pai tocava pistão na Banda Santa Cecília que tocava no coreto que tinha lá. Naquela época tinha muita procissão também e a banda ia junto na procissão, era muito bonito antigamente.

P: E nos cinemas do bairro?
RMA: Eu fui depois de casada, mas também só até meu filho nascer, depois não deu mais para ir. Eu ia muito no 'Vitorinha'. Quem ia no Cine Vitória a entrada era uma rifa de uma geladeira, isso era para a turma começar a frequentar o cinema que era novo. Não sei quem ganhou a geladeira, eu não ganhei!

P: E o Botafogo, chegou a ir no estádio?
RMA: Eu não ia porque eu não entendia direito e também porque achava que isso era coisa de homem. Mas minha prima era vizinha do Botafogo e a gente ia muito na casa dela. Tinha domingo que a gente ia na casa dela e tinha um monte de gente que entrava no estádio para assistir ao jogo, tinha até padre que ia. Depois que virou poliesportivo eu não ia não, a Marli que ia mais.
RMP: Isso é mais da minha época, eu fui muito no clube, principalmente com as minhas amigas. Minha mãe era sócia do Poliesportivo do Botafogo, mas nunca foi ao clube, no entanto que eu peguei a carteirinha dela tirei a foto e coloquei a foto de uma amiga, e ela entrou muitos anos com a carteirinha da minha mãe. Eu ficava o dia inteiro no clube, aí depois ela ia me buscar brava. Aos sábados tinha discoteca, eu ia escondido do meu pai, porque ele não deixava. Mas quando ele deixava, as nove da noite eu tinha que estar em casa, a gente ficava até dois para as nove, aí eu e minha amiga, a gente corria como loucas para chegar em casa às nove horas. Ah, também lembro de quando o Botafogo ganhou em 77, a Praça Coração de Maria estava toda lotada, a festa foi toda na praça, saudades.

P: De tudo que vocês viveram aqui na Vila, do que sentem mais saudade?
RMA: Tenho saudades de muita coisa, daquela boiada que passava foi o que mais me marcou, tinha muito boi bravo. E daqui só saio igual meu marido, daqui para o cemitério.
RMP: Tenho saudade de brincar, eu brincava muito na rua, não tinha perigo. À noite, na época do calor, a gente fugia, aí meus pais iam procurar a gente. Mas, nunca ninguém fez mal para ninguém, isso eu tenho saudade. Faz tempo que não existe isso, a inocência, o poder brincar na rua, acabou, isso não existe mais. É uma lembrança vaga que eu sinto saudade.

JEFFERSON MINELLI
ENTREVISTA: 9 DE OUTUBRO DE 2018

P: Quando você estudou no Hermínia?
R: Foi na década de 70. Eu estudei só o primeiro ano lá, mas foi uma época muito gostosa. Era diferente do que é hoje. Minha mãe era professora lá na escola, foi até a diretora que pediu para minha mãe me colocar lá, porque aí a gente ficava perto um do outro.

P: Então sua mãe foi sua professora?
R: Não, minha mãe não quis, para não ficar com esse negócio de favorecimento, sabe? Aí a minha primeira professora foi a "dona" Leni, que me alfabetizou e eu sou muito grato a ela, uma excelente professora, na verdade todas as professoras daquela época eram né? Eram reconhecidas, coisa que hoje não são mais. Até hoje eu tenho contato com a "dona" Leni, ela deve ter mais de noventa anos.

P: E nesse um ano que você viveu no Hermínia, o que você se recorda?
R: Era um tempo diferente, era tudo muito puro, não tinha essa maldade que existe hoje. Me marcou muito a festa do sorvete que tinha dentro da escola, a gente comprava a canequinha e podia pegar todos os sorvetes à vontade. Tinha o uniforme também, era basicamente sapatinho preto, shortinho cinza e camisa branca, as meninas eram saia e camisa branca também com o brasão do Hermínia.
Tinha a cartilha, "Caminho Suave", me lembro de todas as figuras do alfabeto dessa cartilha. Era um tempo bom, tenho saudades!

GRAÇA NOVAIS
FAUSTA DE PAULA E SILVA MINELLI
ENTREVISTA: 9 DE OUTUBRO DE 2018

P: Graça quando você entrou no Hermínia?
RG: Bom, eu nasci na Vila Tibério, morei na rua Piratininga e Doutor Loyola, entrei no Hermínia em 1968

P: E a senhora Fausta, quando entrou no Hermínia?
RF: Eu entrei em 1965, logo na primeira turma da escola. Nosso grupo de professoras era grande, éramos eu, Ada, Leni, Laís, Ruth Terra, Ruth Bianco, Maria Elisa, Ivete, Beatriz, a 'dona' Meire Costa que era diretora. Ele (Grupo Escolar) foi fundado em agosto de 1965, aí nós viemos todas juntas. Funcionou ali onde era a Mogiana e depois fomos para o novo prédio, onde ficamos até 75. Foi aí, então, que nos separamos. A escola naquele tempo era como se fosse uma família, tanto que depois que nós aposentamos, continuamos a nos encontrar todo ano no aniversário de cada uma e todas iam.

P: E como você era como aluna Graça?
RG: Minha infância foi bem complicada, mas mesmo assim eu me esforçava muito, me identifiquei e me apeguei muito com as minhas professoras que me davam muito equilíbrio, carinho e atenção, e realmente elas tinham paciência, elas viam que eu queria aprender, que eu era muito curiosa, elas me incentivaram bastante através da leitura e dos livros que eu ganhava de presente. Olha esse aqui, ganhei da professora Fausta no final do primeiro ano, ela fez até uma dedicatória. Esse livro é um clássico, 'Alice no País das Maravilhas', eu ganhei no ano de 1969, para mim significa muito esse livro, ele me transportou para um mundo de contos de fada, em um mundo, assim, de possibilidades, despertando em mim o gosto pela leitura, pela fantasia, pelo teatro, então guardo com muito carinho. O aprendizado, para mim, foi muito bom, as professoras tinham muita paciência, dedicação, carinho, então para mim era muito bom. Eu gostava muito de fazer as composições, onde geralmente se trazia uma gravura e a gente tinha que escrever o que aquilo representava para gente, fazíamos as nossas historinhas estimulando a criatividade e o desenvolvimento de cada um.
RF: A Graça era uma menina exemplar e de muita sensibilidade, ela percebia as coisas e a gente tinha uma interação muito boa, como temos até hoje. Ela era uma excelente aluna. A diretora, geralmente, pedia no fim de cada mês um caderno ou outra coisa de algum aluno, porque a diretoria que organizava as provas, para ver o que foi dado, ensinado, e o caderno ou pasta que ia sempre era o da Graça, porque era o mais caprichado e mais perfeitinho.
RG: Nossa, eu não sabia disso.

P: Você acha que essa sua paixão pela escrita e pela leitura se deve à professora Fausta?
RG: Claro e posso confessar uma coisa? Eu sempre admirei muito a professora Fausta e eu tinha uma inveja sabe do quê? Eu queria ter uma letra tão bonita quanto a dela, eu achava a letra dela linda, uma letra maravilhosa. Então quando eu comecei a escrever eu pensava assim: 'Eu quero a minha letra um pouquinho parecida com a dela', mas uma letra como a dela eu não tive não.
RF: Era uma letra pedagógica, bem arredondada porque era o primeiro ano e você tem que ensinar o formato das letras
RG: A letra C como que era, como a senhora dizia? Onda vai, onda vem.
RF: Era o exercício né?

P: E dos seus amigos Graça, do que você se recorda?
RG: Meus amigos, tinha duas meninas, Maria José e Maria Aparecida, eram gêmeas. Elas tinham uma dificuldade muito grande de aprendizagem e as crianças, às vezes, até perdiam um pouco da paciência, mas aí a 'dona' Fausta conseguia equilibrar tudo e trazer aquelas meninas que tinham problemas para se igualar à gente e para nós vermos que elas também tinham condição de estarem ali aprendendo conosco e que elas não eram diferentes. Me lembro também dos dois

Fernandos, um é microempresário e o outro me parece que se formou em Ciências Biológicas, a Iara, a Ester que mudou de Ribeirão, a Maria Ângela que já faleceu, o Douglas Intrabartolo um dos maiores fotógrafos de Ribeirão Preto, o Sérgio, a Sônia, a Joselen, a Rosemeire e a Vera. A 'dona' Fausta deu aula para gente no primeiro e segundo ano e o primeiro ano era bem grande, com 20 ou 25 alunos, aí no segundo se dividiu em duas turmas menores.

P: Você chegou a usar uniforme?
RG: Eu usei dois tipos de uniforme, quando eu entrei na escola já estava mudando era camisa branca de bolso bordado com a identificação da escola e saia azul, logo em seguida já mudou para um uniforme xadrezinho da cor tipo chumbo ou cinza escuro e uma sainha com uma prega só na frente.

P: Quais lembranças mais você tem do Hermínia?
RG: A gente brincava muito antes de entrar na aula, tinha umas janelas antigas e a gente brincava de pular na janela sem poder colocar o pé no chão, aí ficava uns dois, três, todos 'empoleirados' naquela janela. Lá na escola a gente também tinha uma boa alimentação, a nossa merenda era muito boa, era feita por uma cozinha mesmo, a 'dona' Edi e uma outra moça, um leite muito bom e a gente não tinha somente isso, era o leite e a refeição que era sopa de fubá, arroz doce, sagu, leite com chocolate, suco, era muita fartura e as crianças respeitavam a fila, era uma organização na hora da merenda. Lá também tinha as festas cívicas, chamávamos os pais para assistir, cantávamos o Hino Nacional, aí escolhiam os alunos para recitar as poesias e as professoras e diretora também falavam sobre a data comemorativa.
RF: E tinha bastante recitação das crianças porque era um modo deles poderem expandir.
RG: Eu era sempre convidada para estar recitando versos nas festas e eu me alegrava muito disso, eu sempre fui muito desinibida para falar, gostava de falar sobre poesias, ler e escrever, então eu gostava muito, mesmo, quando tinha essas apresentações. Quando eu sabia que estava se aproximando de datas comemorativas eu já sabia eu ia estar lá na frente de todo mundo recitando a minha poesia, eu me sentia muito importante e isso foi muito bom.

P: E para a senhora, como é ainda ter esse contato com seus ex-alunos?
RF: É gratificante sabe, é muito gratificante você ver que ainda é lembrada e que alguma coisa de bom ficou, porque é um sacrifício quando a gente começa a trabalhar, deixa família e filho pequeno. Eu trabalhei 34 anos no magistério, então quando você vê que alguma coisa ficou é uma satisfação, a gente tem que agradecer e louvar a Deus que conseguiu alguma coisa de bom.

P: Graça, de tudo que você viveu na escola, do que sente mais saudade?
RG: Como eu sou a mais nova dos irmãos, e na escola eu reconheci naqueles meus amigos como se fossem meus irmãos, que era da mesma idade e era o mesmo tipo

de brincadeira. Saudade daquele contato, aquele calor, aquela amizade gostosa. Aqueles irmãos que para mim era um complemento da minha família. Mas agora antes de acabar a entrevista eu tenho umas palavrinhas para a professora, posso?

P: Claro, fale com ela.
RG: Em primeiro lugar, gratidão. Muita gratidão. Enquanto houver um professor, que amar a sua profissão, essa semente de amor, de sabedoria e de paz será sempre plantada para novos horizontes, novos seres, novos amanhãs, novos encontros, novas buscas de uma vida melhor, de amor, de paz, de felicidade, para celebrar a vida como ela deve ser celebrada.

P: Professora Fausta.
RF: Eu agradeço a Graça, mas eu na minha profissão eu procurei dar para meus alunos o que eu dava para os meus filhos, eu achava que não era só ensinar, tinha que dar também atenção, amor, carinho e procurei sempre plantar esses sentimentos, mas a gente teve muita falha, muito erro, que é normal do ser humano, mas fica feliz quando vê que alguma coisa ficou. Eu tenho recebido muito carinho dos meus ex-alunos, principalmente da Graça, que me procuram, então é uma satisfação muito grande que eu tenho que agradecer a Deus que alguma coisa ficou desse meu trabalho.

LUIZ ANTONIO DE MIRANDA
ENTREVISTA: 10 DE OUTUBRO DE 2018

P: Quando o senhor entrou na Antárctica?
R: Na verdade eu comecei trabalhando na Companhia Paulista. Entrei no dia 20 de fevereiro de 1973 e sai dia dois de setembro de 1996, fiquei lá por 23 anos e sete meses. Depois de uns meses a Paulista se juntou com a Antárctica e eu continuei lá. Por 15 anos fiquei no prédio da Paulista e lá eu era operário, colocava as garrafas para lavar, depois fui para auxiliar de cozinha, depois fui para cozinheiro e depois eu fui para o prédio da Antárctica e lá eu fui um dos mestres cervejeiros. A gente era responsável por tudo que acontecia ali, começando da moagem do malte até o término das cervejas, a gente ficava andando, eu orientava os funcionários, se dava algum problema tinha que solucionar, quando era coisa grave tinha que ligar para o fabricante e ele orientava com o que tinha que fazer.

P: O senhor sabe alguma coisa sobre os trilhos da Mogiana que passavam dentro da Antárctica?
R: Sim, não era da minha época, mas a gente ouvia a história do pessoal mais velho. Eles falavam que o malte, naquela época vinha de trem, carregava em Santos e descarregava ali dentro da fábrica.

P: Tem algum fato interessante sobre a Cervejaria?
R: Tem vários, um deles é que diziam que tinha um encanamento direto da fábrica para o Pinguim, mas isso não era realidade não. Mas, tinha sim, um encanamento da fábrica da Rua Mariana Junqueira para fábrica de cima, porque a gente fabricava a cerveja lá em baixo e mandava ela pronta para cima através de uma bomba. Mas esse encanamento direto para o Pinguim não era realidade não. Já de funcionário, tem uma de um companheiro, já falecido, o Pedro, a gente trabalhava em quatro turnos de seis horas e esse colega saiu meio-dia da fábrica e acho que ele tomou umas 'mééé por aí' e seis horas da tarde ele estava lá na fábrica para entrar no serviço de novo. Aí me chamaram, eu fui lá... eram seis horas da tarde, aí ele falou: 'Perdi a hora, tinha que entrar seis horas e agora? '. Aí falei para ele: 'Agora são seis horas da tarde, você ainda vai dormir à noite inteira para você vir amanhã cedo'. 'Mas não!', ele falou né? Aí eu falei para ele: 'Você saiu meio-dia'. Peguei o cartão dele, mostrei para ele, aí ficou aquela zoação entre colegas.

P: Falando dos amigos, como era a relação de vocês na fábrica?
R: Era muito boa, aos sábados era o dia da limpeza né? A gente tinha que limpar os equipamentos da fábrica, e a turma era muito unida. Me lembro da união do pessoal da minha sessão, ali trabalhava 37 homens, então tinha muita união. No final de semana acabava a limpeza, sentava em uma sala que a gente tinha lá com uma mesa e tomava um monte de cerveja, assava uma carne, porque a gente tinha uma chapa à vapor, e a gente jogava essa carne na chapa, mais cerveja, a gente saia de lá até redondo.

P: Quando o senhor passa lá na frente da Antárctica e vê tudo destruído, o que o senhor sente?
R: Hoje eu passo e olho do lado de fora, você não vê mais aquele prédio, dói o coração vê tudo caindo. Dá muita saudade, porque quem conheceu aquilo ali, trabalhou nessa época, aquilo era uma felicidade total, você via todos os funcionários contentes, pagamento em dia, saí em 96 e saí feliz. Lá era um lugar muito bom para se trabalhar, a gente tinha de tudo, plano de saúde, uniforme, tudo. A Antártica foi uma mãe para nós, viu?

ARTHUR EGYDIO TAMBURUS
JOÃO BATISTA BORESSO
ENTREVISTA: 16 DE OUTUBRO DE 2018

P: Arthur, há quanto tempo mora na Vila?
RA: Eu nasci na Vila, na rua Conselheiro Saraiva, na rua do Cine Marrocos, depois moramos um bom tempo na Luiz da Cunha, onde meu pai, Egydio, tinha uma barbearia.

P: Há quanto tempo seu pai faleceu?
RA: Há 20 anos, morreu em 1998

P: E você João, também nasceu na Vila?
RJ: Também, e vivi aqui por 31 anos, só saí quando casei. E também morei o tempo todo na Luiz da Cunha

P: E como era essa paixão que o senhor Egydio tinha pelo futebol e pelo Botafogo?
RA: Meu pai era uma pessoa muito eclética, não tinha muita cultura acadêmica, vamos dizer assim, mas tinha muito conhecimento da vida, muita sabedoria. Ele era cidadão, então ele participava da vida comunitária (76) e Botafogo aparecendo, o esporte predileto do brasileiro é futebol, a gente nasce jogando bola na rua e naquele tempo não era diferente a gente jogava na rua mesmo, não tinha nem calçamento. E o Botafogo para o meu pai era, simbolicamente falando, seria a grande paixão da vida dele depois da minha mãe. Ele torcia para o Botafogo tremendamente, como todos os tiberenses, e eu acho que o Botafogo sempre teve um significado muito grande para ele, seria assim, um hobby, que naquela época não existia outra coisa, futebol era a diversão de todo mundo e meu pai adorava futebol.
RJ: Eu lembro, quando eu era pequeno, que ele me colocava na bagageira da bicicleta e a gente ia assistir os jogos no varzeano, que era o amador da cidade, por aí de domingo, ele gostava.
RA: Ele chegava a sair de bicicleta, com esse bagageiro, comigo, com a Alba, João e íamos até o bairro Santa Cruz José Jacques, eu tinha parentes lá e ele ia atravessava a cidade para assistir jogo, então de domingo, esse era um dos passeios de bicicleta dele. Teve até uma vez que a Alba machucou a perna na bicicleta por estar andando nesse bagageiro.

P: E vocês acreditam que essa paixão de vocês pelo Botafogo se deve, um pouco, por com do senhor Egydio?
RA: Claro, com certeza. Todo domingo eu ia assistir aos jogos com o meu pai.
RJ: Logicamente eu passei a gostar do Botafogo motivado pelo meu tio e pelo meu pai, eu não lembro porque eu era nenenzinho, mas eles me levavam aos jogos nos ombros, aí eu comecei a ir e foi indo, indo, até virar, realmente, uma paixão. Ah, naquela época, nos dias que tinha jogo aqui na Vila, todo mundo que vinha no campo do Botafogo passava na Luiz da Cunha, porque não tinha outra rua, então passava aquela multidão com bandeira, com tudo, ali na frente da casa do pai dele.
RA: Sabe uma coisa que eu me lembro muito bem? Foi o jogo de acesso do Botafogo em 56. O jogo ia foi em São Paulo no parque Antártica contra o Paulista de Jundiaí. O jogo seria no domingo e daqui de Ribeirão Preto saiu o trem da vitória, lotado. Eu e meu pai estávamos nesse trem, chegamos em Campinas, fizemos baldeação para outro trem para chegarmos em São Paulo. Aí fomos, assistimos o jogo, o Botafogo ganhou de um a zero, com o gol de Dicão, central do time. Na volta, nós fomos do Parque Antártica até a Estação da Luz a pé, pelas ruas de São Paulo

gritando ‘Botafogo, Botafogo’ e eu junto com meu pai, e lá tomamos o trem da vitória para voltar, então quando nós fomos passar por Jundiaí, nós fomos alertados: ‘Quando passar por Jundiaí todo mundo abaixa, porque o povo está com pedras nas mãos para atirar no trem’. Aí chegamos em Ribeirão Preto e participamos da chegada do time que veio de avião de São Paulo para Ribeirão.
RJ: Você sabia que o apelido do Botafogo era Chulé? O do Comercial era Pinico, sabia?
RA: Isso é verdade, A Rua Luiz da Cunha era a rua principal da Vila e quando tinha comefogo aqui no campo do Botafogo, principalmente quando era aqui, o que acontecia? Se o Botafogo ganhasse os comercialinos amarravam sapatos e meias nos para-choques de seus carros e saiam arrastando pelas ruas e se o Comercial ganhasse o jogo, os torcedores botafoguenses que arrastavam penicos em seus carros. E a Luiz da Cunha ficava em pé de guerra. Era divertido isso.
RJ: E a Luiz da Cunha era mão dupla, não tinha outra rua, então era uma festa quando tinha jogo lotava de carro e quando acabava o jogo que tinha comefogo era isso aí, quem ganhava tirava o maior sarro.

P: E seu pai como botafoguense e barbeiro, comercialino era cliente dele?
RA: Era, era sim. Ele não era aquele botafoguense fanático que brigava, ele nunca brigou, nunca ofendeu ninguém. Coisa que ele nunca admitiu dentro do salão dele, foi alguém maltratar alguém por ser torcedor Comercial, ou vice-versa. Era sempre dentro da paz, da harmonia, ele era botafoguense, mas respeitava o torcedor do Comercial.

P: E no Luiz Pereira, vocês se recordam de algum jogo marcante?
RJ: Ah, aqui no Luiz Pereira, a coisa mais difícil era do time visitante ganhar. A gente ouvia falar que o Pelé tinha uma raiva do Botafogo, porque aqui no estádio o Bota ganhava do Santos direto, aqui os times grandes, não era ‘brinquedo não’, sofriam e muito, porque ali era realmente um alçapão, dependendo dava para pegar o bandeirinha pela camisa, porque o alambrado era muito perto. Eles falam que uma vez o Santos perdeu aqui e o Pelé foi muito vaiado, dizem ele tinha ódio do Botafogo, tanto que… num onze a zero, lá uma vez, ele fez um monte de gols no Botafogo. Mas dizem que ele tinha ódio por isso, porque ele era muito vaiado aqui. A turma tirava um sarro dele justamente por isso, porque aqui os times grandes não ganhavam, era muito difícil mesmo. E aqui nós vimos jogadores tipo, Gilmar, Pelé, Pépe, os grandes jogadores da seleção brasileira jogaram aqui. E aqui na Vila, encontrar jogador era a coisa mais fácil que tinha. Os jogadores não eram ricos, moravam aqui na Vila e vários deles começavam no próprio Botafogo, não tinha esse negócio de grandes contratações como tem hoje, no máximo era da região. Então aqui você conhecia todo mundo, a gente estava aqui, aí de repente passava um jogador, ‘oi, tudo bom? ’, tinha esse negócio. Eles não tinham carro, andavam a pé, então a gente conhecia muito por isso, que era a coisa mais fácil era cruzar com alguns deles na rua. Tinha uns que iam cortar cabelo na barbearia do meu tio, então a gente conhecia muita gente.

P: Quando o Botafogo foi para o bairro da Ribeirânia, o seu pai abandonou o time?
RA: De jeito nenhum, ele só não ia no estádio, nunca deixou de seguir o Botafogo. Apesar dele ser botafoguense, de ir todo domingo no jogo, não perdia um jogo, só parou de ir quando o botafogo mudou, mas ele continuou botafoguense e acompanhava os jogos pelo radinho, direto.

P: João me conta uma pouco desse broche que você trouxe.
RJ: Foi uma campanha que foi feita para quem conseguisse mais sócios para o Botafogo e o brinde foi esse distintivo de ouro. Ele tem 60 anos, mais ou menos, e ele não perdeu o brilho, ele não perdeu nada, e eu guardo com muito carinho. Isso aqui é uma raridade, é uma herança, eu herdei do pai do Arthur que faleceu a 20 anos, que eu acredito que poucas pessoas têm isso aqui em Ribeirão Preto do Botafogo, se é que tem. Eu acho que vocês estão vendo uma coisa que poucos já viram ou poucos lembram. Eu guardo com um carinho muito grande, não sei quantas pessoas tem, mas eu nunca vi, eu guardo a sete chaves. E para mim, esse broche significa tudo. A gente brinca que a gente tem um amor pelo Botafogo, isso aqui para mim, é amor pelo Botafogo. Isso aqui, pode passar mais cem anos ele vai continuar existindo, não sei com quem, mas ele vai continuar existindo, esse aqui não destrói não.

PEDRO JOSÉ ANTONIAZZI
ENTREVISTA: 18 DE OUTUBRO DE 2018

P: Quando o senhor chegou na Vila Tibério?
R: Eu nasci em cinco de dezembro de 1932, em Batatais, e cheguei na Vila Tibério com dois anos de idade, foi lá que eu estudei, aprendi uma profissão e tive meu comércio. Fiquei na Vila por 60 anos, hoje eu cuido da minha Pousada.

P: O senhor chegou a estudar no Sinhá?
R: Não, foi no Terceiro Grupo Escolar. E de lá me lembro da ‘dona’ Tereza, foi minha professora do primeiro e do segundo ano e da ‘dona’ Dolores, uma bela professora, uma excelente profissional. Um dos fatos que mais me chamou a atenção foi o seguinte: Existia nos finais de ano as exposições de trabalho que os alunos faziam durante o ano, aí um dia a ‘dona’ Dolores, hoje falecida, chegou para mim e falou assim: ‘Você vai bordar toalhas’, eu respondi: ‘Mas como? Eu nunca peguei nada para fazer trabalhos em tecidos? ’, ela falou: ‘Você vai bordar’. Bordei a primeira toalha, era um tecido que se usava muito naquela época chamava-se talagarça, depois bordei umas dezenas de toalhas, porque as outras professoras quiseram que eu bordasse as outras também, talvez já existia aí a minha tendência para ser alfaiate.

P: E nos cinemas, o senhor frequentava?
R: Na Rua Luiz da Cunha esquina com a Rua Conselheiro Saraiva, tinha um cinema, não me lembro o nome agora, mais para frente tinha outro. Me lembro de ver muitos

filmes do Zorro, muitos seriados. Aos domingos, nas matinês tinha seriados, não me lembro os nomes, mas foram diversos filmes que assisti.

P: E a igreja?
R: A igreja frequentei muito, fiz minha primeira comunhão lá, me casei lá e frequentei muito, muito mesmo a igreja.

P: Ia muito na praça?
R: Sim, a pracinha era um sonho, nós nos divertíamos muito, namorávamos muito, era muito gostosa a pracinha. Todo mundo gostava de ir lá, todo mundo queria estar lá e lá a gente 'via' muitas meninas, muitas e muitas.

P: E o Botafogo, é botafoguense?
R: Claro, já fui vice-presidente do clube e durantes alguns anos dirigi o Poli também, trabalhei uns bons anos lá, eu e um grupo de pessoas que me ajudaram muito, um deles era o meu sobrinho Olimpio Filipin, o senhor João Ferreira também me ajudou muito no Poli e lá trabalhamos muito e muito. Eu fui no último jogo que botafogo jogou esses dias para trás, até recebi uma homenagem. Gosto muito do botafogo.

P: Agora sobre sua loja, Confecções Pedro, como ela começou?
R: Comecei em 1954. Ainda bem jovem, com 14 anos, eu comecei a aprender uma profissão, a de alfaiate, foi o início da minha carreira comercial e de trabalho. Inicialmente eu comecei com uma loja na Rua Conselheira Saraiva, era loja e alfaiataria, posteriormente eu mudei para a Rua Rodrigues Alves esquina com a Rua Martinico Prado, onde eu montei a Confecções Pedro. Tinha, ainda, pessoas que gostavam de fazer a roupa sob medida, então eu mantive dentro da loja, por um bom tempo, a alfaiataria. Ela vendia de tudo para a família, roupa feminina, masculina, infanto-juvenil, cama, mesa e banho. Fiquei com ela aberta, exatamente, por 50 anos, fechei em 2004.

P: E como era o comércio na Vila quando o senhor começou?
R: Quando eu montei a minha loja, recentemente, tinha saído as porteiras que dividiam a Vila Tibério com a 'cidade', ainda o povo da Vila não acreditava, totalmente, no próprio bairro. Ele estava em desenvolvendo, e o comércio nessa época, em que eu montei a loja, o maior número de lojas comerciais era na Rua Luiz da Cunha, depois passou-se para a Rua Martinico Prado. Com o passar dos anos o comércio cresceu muito, novos comerciantes surgiram, novas firmas. A Vila Tibério, depois da abertura com o centro da cidade, que saiu a estrada de ferro Mogiana, se desenvolveu muito mais rápido que outros bairros da cidade.

P: Hoje o senhor acha que a Vila é um bom lugar para se ter um comércio?
R: Eu acho que Ribeirão inteiro, hoje, é uma das melhores cidades para se ter um comércio, especificamente, a Vila Tibério fica muito perto do centro comercial, ela

desenvolveu bastante com o crescimento e com a liberação do trânsito da Vila para a ‘cidade’, o bairro cresceu muito.

P: De tudo que o senhor viveu na Vila, do que mais sente saudade?
R: Saudades eu tenho, imensamente, dos clientes da loja e da alfaiataria, que se tornaram meus amigos. E tenho muitas saudades dos trabalhos que eu fazia, em termos de roupas que o pessoal se vestia muito da minha loja. Por outras circunstâncias, eu acabei mudando de profissão, eu já estava um pouquinho velho, então vim para minha estância e estou aqui até hoje em outro ramo. Mas da Vila Tibério e do meu trabalho eu tenho imensa saudades, das pessoas que eu convivi eu tenho bastante saudades!

ALCEBÍADES ROCINHOLI
ENTREVISTA: 19 DE OUTUBRO DE 2018

P: Quando o senhor começou a trabalhar na Cerâmica?
R: Eu sou de Cajobi e vim para Ribeirão em 1957, com 16 anos. Eu entrei na cerâmica no dia oito de outubro de 1957, saí em 67 no mês de setembro. Lá eu trabalhava nas máquinas, eu era encarregado de regular e tomar conta delas. Tinha muitos motores, a gente ligava os motores, eu trocava as formas que faziam os tijolos e ladrilhos, pois cada um tinha uma forma e a gente tinha que trocar. Era uma só máquina que produzia todos esses materiais e cada um desses produtos tinha uma regulagem e eu, então, fazia essas regulagens. Na máquina em que eu trabalhava era produzido primeiro os bastões para prensar as telhas, e esses bastões iam para a prensa, onde os meninos batiam na forma, a prensa abertava e saia a telha francesa já pronta para levar para a secagem, depois para o forno, para queimar, essas coisas. Aí quando terminava essa tiragem de bastões, passava-se a fabricar tijolos de diversos tipos, a gente fabricava ali, começando com tijolos de oito furos, depois seis furos, quatro furos, tinha tijolos de 50 furos, tinha o arranhado e o liso que era o tijolo a vista. Tinha um cortador automático que se cortava, por exemplo, tijolos ou ladrilhos, sempre do tamanho que a pessoa que comprava exigia, por exemplo, de 30, 40, 50 centímetros e então a gente cortava.

P: O que é era os bastões?
R: É o barro que a máquina “mói”, retirando todo ar do barro e compactando-o. Ah, vou te contar uma coisa curiosa.

P: Pode contar.
R: Tem um prédio, ali na Francisco Junqueira, uns dois quarteirões depois da Independência, sentido centro bairro, que é feito todo de tijolo à vista. Sempre eu passo lá e vejo, se você reparar no prédio, os tijolos são todos a vista, nós é quem fabricamos na época aqueles tijolos, ali me parece que foi de 800 a 850 milheiros de tijolos fabricados, então não usa pintura naqueles tijolos e isso marcou para mim. Na

época a gente trabalhava até a noite fazendo hora extra para fabricar todos aqueles tijolos.

P: Como era trabalhar na Cerâmica?
R: Eu amava a Cerâmica, como eu amo até hoje. Era muito engraçado trabalhar lá, eu gostava. Todos os meninos que entravam para trabalhar, de cara já ganhava um apelido, eu mesmo recebi o apelido de cunhado e até hoje para quem trabalhou na cerâmica e me conhece eu sou cunhado.

P: E os colegas de trabalho?
R: Me lembro do gerente que se chamava Levi de Nascimento, hoje falecido, ele era muito inteligente. Ele foi para mim, uma pessoa que me ensinou a viver nessa parte. Na Cerâmica eu entrei sem conhecer nada dessa área, foi ele quem me ensinou a trabalhar nas máquinas, a regular. Tudo que era preciso fazer nas máquinas era comigo ou com ele, não tinha mais ninguém que mexia. Ele trabalhou 50 anos ou mais na fábrica. Lá os meninos, entravam novinhos, me parece que na época os meninos tinham um convênio com uma instituição técnica e era eles que colocavam os meninos para trabalharem lá, aí eles trabalhavam dos 14 aos 17 anos e meio, a Cerâmica não segurava os meninos porque tinham que fazer o tiro de guerra na época, então, eles dispensavam esses garotos e pegavam outra 'safra', eu era um desses que ia ser dispensado, mas acabei ficando até os 27 anos. Ah, nessa época eu até ensinei um cego a trabalhar, o nome dele era Celso, eu me lembro muito bem. Ele não era totalmente cego, mas a visão dele não dava para ler e nada, ele enxergava apenas vultos. Ele ficou bom para trabalhar. Ele pegava os bastões ou os tijolos que saiam daquela máquina que modelava os tijolos e colocava no carrinho ao lado. Ele se adaptou muito bem. Tinha também o pessoal da administração, tinha um senhor, o Jeremias Spanó, ele era o diretor, quando ele tocava a Cerâmica na administração, ele e o senhor Alexandre Macatrozzo, que era o gerente geral, a Cerâmica ia muito bem. Saiu o senhor Jeremias e veio a lei do Fundo de Garantia, então começaram a forçar a… e eu fui um daqueles que não aceitei e eu fui dispensado. Aí entrou os filhos do dono mesmo, para tomar conta da Cerâmica, aí eu acho que ali desapareceu a Cerâmica.

P: Hoje o espaço se tornou um mercado, o que o senhor sente quando passa por lá?
R: Quando eu entrei na Cerâmica, não tinha muro, tinha umas árvores que se chamavam 'arranha-gato' que cercava ali, depois de uns anos que foi feito o muro. Eu não tenho certeza se ainda tem os ladrilhos que nós fabricamos para fazer as calçadas depois que eles fizeram os muros, mas isso não reparei se ainda está lá, porque o mercado mexeu ali nas estruturas do muro, então não me lembro bem, mas eu tenho certeza que nas casas da entrada tem. Naquelas casas moravam 'seu' Ítalo Benfati, que era o gerente do almoxarifado, e morava mais umas outras pessoas que tinham casa ali dentro, morava ali o Milton, que era o chefe da oficina, o 'seu' Alexandre Macatrozzo, que era o gerente geral da Cerâmica São Luiz.

Quando eu chego perto das chaminés da entrada, tem um forno, mas aquele forno não é o verdadeiro. Quando eles começaram a desmanchar a Cerâmica, me parece que foi quando barraram a demolição, tiveram que fazer um outro forno, aquele que está lá é uma réplica do original, o outro era maior e embaixo no assoalho tinha uma vazão nos tijolos, que era para dar vazão no vapor que iam para as chaminés, nos de hoje não tem isso. As seringueiras, eu sei quem plantou, se chamava Antônio Tolini, ele era empregado da Cerâmica e ele trabalhava na casa do "seu" Miguel Barillari, então foi ele quem plantou, ele vinha e fazia a limpeza das gramas e tal e ele plantou aquela seringueira, ela deve ter pelo menos uns 58 anos por aí. E a árvore sete copas do lado esquerdo, de quem entra no hipermercado, é mais velha que a seringueira, porque quando eu cheguei na Cerâmica aquela árvore já era formada naquele tamanho. Já a seringueira eu vi plantar, plantou-se umas arvorezinhas e hoje eu passo lá e falo: 'Nossa eu tô velho mesmo hein'.

JUAREZ DE ALMEIDA
ENTREVISTA: 25 DE OUTUBRO DE 2018

P: Quando o senhor entrou na Cervejaria?
R: Eu entrei no dia primeiro de dezembro de 1970 e fiquei até agosto de 1997, trabalhei por 27 anos na Antárctica. Fui contratado para carregar e descarregar carretas, aí depois fui para encarregado. Para mim era bom, éramos todos colegas, gostavam muito de mim, nunca dei trabalho para a empresa, nem perdi a hora. Trabalhei 27 anos lá, no dia em que eu ia perder a hora eles vieram em casa me buscar.

P: O senhor se lembra de algo marcante que aconteceu na Cervejaria?
R: Aconteceu que eu cortei o rosto, estourou uma garrafa, cortou e deu não sei quantos pontos aqui no rosto. Mas estourou por quê? O engradado não tinha a separação, então tinha que colocar a Niger na caixa e ia ficando apertado, aí você ia apertar para caber e ela estourava porque vinha quente né. Aí estourou e bateu um caco de vidro no meu rosto e cortou. Um tempo depois cortei a mão, fiquei seis meses afastado. O saco de açúcar estava na esteira rasgando e eu fui pegar o saco de açúcar para tirar, aí minha mão foi para o rolete, puxou a mão e quase… se eu não desligo logo… apertei certinho o botão, voltei à esteira, tirei a mão, estava toda cortada, precisei fazer enxerto, ficou até a cicatriz. Mas agora está tudo bem.

P: O senhor Alceu e o senhor Luiz comentaram sobre a cerveja e o chope, como era isso para o senhor?
R: Todo dia na saída passava na guarita e tomava chope. A gente tinha 20 minutos para tomar chope, aí foi indo, a turma começou a demorar e passaram para 15 minutos, depois dez, depois você não podia ficar mais que cinco minutos. Se começava a passar do horário, os guardas começavam a acender as luzes, para dar

o sinal para eles irem embora, porque senão dava advertência. Ah, lá tinha a ARCA também.

P: O que era a ARCA?
R: A ARCA era o clube da Antárctica, ficava lá perto da onde é a avenida Antônio e Helena Zerrener, e a gente gostava de jogar bola então a gente tinha o time, tinha a quadra, tinha o campo de futebol, formava o time, jogava sessão contra sessão e meu time que ganhava sempre lá, a gente formava o melhor time e ganhava tudo lá. O nosso era o time da pesada, da turma que descarregava as carretas, aí a gente jogava contra o engarrafamento de cerveja, contra os guardas, contra o escritório, contra todas as sessões. Esses troféus que estão aí são dos campeonatos que a gente ganhava, um pouco o pessoal levou embora, mas esses ainda ficaram aqui.

P: O que o senhor sente quando passa perto da Antárctica e vê ela toda abandonada?
R: Quando eu passei por lá, doía até o coração de ver derrubando os muros. Na época era muito bom, a gente tinha de tudo, a Antárctica era uma mãe para a gente. Eu fiquei triste, todo mundo ficou triste.

FERNANDO BRAGA - JORNALISTA E EDITOR DO JORNAL DA VILA
ENTREVISTA: 31 DE OUTUBRO DE 2018

P: Braga você pode falar um pouco sobre sua trajetória profissional?
R: Minha trajetória sempre foi com impresso, comecei no ‘Diário’, fui para o ‘O Diário da Manhã’, ‘Diário de Notícias’, participei da fundação do primeiro ano da revista ‘Revide’, do ‘Jornal Contudo’ que foi um jornal alternativo dos anos 80, trabalhei também no jornal ‘A Cidade’ e trabalhei no ‘Jornal Verdade’.

P: Como e quando começou o jornal da Vila?
R: O jornal começou assim, eu trabalhava no Verdade, o Toni começou a apresentar os sintomas do câncer que tinha, então começou, “ele vai morrer”, a gente sabia porque ele não se tratou, não fez quimioterapia, não fez cirurgia, não tinha jeito. E eu tinha um projeto de fazer um jornal da Vila Tibério, só que que sempre tive medo da parte comercial, como eu vou viabilizar? Tem que vender o anúncio, não é minha praia, não é o meu negócio, meu negócio era fazer o jornal. Aí a água bateu, falei “vamos fazer” e comecei. Minha irmã me ajudou a comercializar na época e aí o jornal foi indo, começamos com oito páginas, em preto e branco, sempre mensal e estamos aí, são 13 anos completos sem falhar nenhum mês, são 156 números.

P: Qual a tiragem do Jornal?
R: A tiragem é de 10 mil

P: E como que é a circulação?
R: Ele é distribuído casa a casa, todas as ruas tanto no sentido vertical quanto no horizontal e além da Vila Tibério a gente avança para a Vila Amélia, Jardim Santa Luzia, Jardim Antárctica e parte do Sumarezinho e parte do Monte Alegre, não dá para fazer todo Sumarezinho e Monte Alegre, com 10 mil não faz.

P: E você deixa em pontos estratégicos também?
R: Deixa nas bancas da Vila Tibério e no comércio em alguns pontos comerciais.

P: Você descrever quais os assuntos que o jornal aborda?
R: O jornal, basicamente, é histórico, ele pega o histórico do bairro, sempre resgatando a história e problemas atuais. Então ele pega o que acontece, o que está acontecendo, problemas e atividade também que acontecem durante o mês e também a parte histórica de resgate.

P: O pessoal gosta dessa parte histórica do jornal?
R: Gosta muito, inclusive, teve uma vez, um depoimento do aniversário de dez anos de jornal eu peguei vários depoimentos de vários leitores e teve um que foi interessante, porque resgatou a autoestima do morador, que eu achei legal. Porque é isso que a gente quer, valorizar o bairro, valorizar a história.

P: Você teria mais alguma matéria exclusiva para me destacar?
R: Matérias exclusivas nós temos várias, mas acho que a de maior repercussão foi a matéria que o Lima Duarte nasceu na Vila Tibério, a gente levantou, tanto certidão de nascimento dele, certidão de casamento dos pais. E uma curiosidade, na certidão de nascimento dele, que está no primeiro cartório descreve que ele nasceu no dia 29 de março de 1930 na Rua Padre Feijó número 24. Os pais dele, foram os fundadores do Centro Espírita Batuíra, na ata de fundação do Centro Espírita está escrito na primeira página que um grupo de espíritas se reunia regularmente a Rua Padre Feijó número 24. Logo, a casa dele. E essa ata é datada do dia 12 de julho de 1930. O pai dele foi eleito o primeiro presidente do Centro. A certidão de casamento dos pais dele é de 1927, se casaram aqui em Ribeirão Preto. O pai dele morreu e foi sepultado aqui em Ribeirão em 54, o irmão dele morreu em 37 e também foi sepultado aqui na cidade. Então são várias evidências, o jornal 'A Cidade' chegou a fazer matéria. Mas o Lima Duarte não reconhece, ele fala que nasceu em Desemboque, um Distrito de Sacramento, Minas gerais. Eu levantei que o pai e o avô dele são de lá, e o avô dele era um contador de história, e eu tenho o depoimento de várias pessoas que conheceram o avô dele, que disseram que ele que era um contador de histórias. Então, eu acredito, que o Lima chegou em São Paulo contando as histórias do avô, como se fosse dele, aí a história pegou e depois ficou sem graça de falar que era mentira.

P: E quais os desafios que você encontra mensalmente para produzir o jornal?
R: Tem os colaboradores, as colunas. Mas eu faço ele todinho. Todo mês é um esforço. Eu faço a foto, primeiro eu faço a pauta, depois eu organizo um espelho para me orientar, vou atrás de anúncio, tem que montar e às vezes o cliente quer ver para aprovar. É um esforço, é corrido, mas faz parte da minha vida. Eu gosto, o impresso para mim, desde menino eu gostava de ler jornal, ia na banca de revista, livrarias, sempre vivendo o livro. O Gutenberg, para mim, é o máximo.

P: E qual a importância do jornal para os moradores da Vila?
R: Eu acredito que vai em cima daquele depoimento que eu te falei, de resgatar a autoestima. Tem um serviço que eu faço, aniversariante é legal, mas um serviço que a gente não cobra que é a parte do necrológio, dos falecimentos. Então é importante a gente noticiar que aquela pessoa faleceu que mora na rua tal. Então para o leitor é legal, porque muita gente só fica sabendo que aquela pessoa faleceu por causa do jornal. São serviços assim e esse resgate da história e valorização das coisas do bairro.

P: E qual a importância do jornal para a sua vida?
R: Ele é fundamental. Ele representa, hoje, minha sobrevivência, mas, principalmente, minha satisfação pessoal, é onde eu me realizo, no jornal. É onde eu consigo passar informação, minha opinião, apesar da gente não entrar em questões de conflitos. O jornal é uma voz, é a voz do bairro, é um canal de reivindicação também, mas eu acho que a gente consegue passar a informação de uma forma legal sim!

ROSANGELA BUENO
ENTREVISTA: 2 DE DEZEMBRO DE 2018

P: Me deixe seu depoimento sobre o Sinhá Junqueira.
R: Me lembro com muita alegria do tempo que estudei no Sinhá Junqueira, os professores eram excelentes, a escola muito acolhedora e os amigos que fiz, alguns estão até hoje na minha vida. Para mim o mais interessante foi que eu estudei lá nos anos 70, quando minha filha foi estudar, nos anos 90, todo dia eu encontrava meus amigos que também iam levar seus filhos e isso era muito gostoso. Agora sobre a Vila Tibério, a Vila é meu porto seguro, pois é aqui que está minha família e isso me faz sentir acolhida e grata.

Autorizações de uso de informação:

UNAERP Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá
CURSO DE JORNALISMO

AUTORIZAÇÃO

Eu Antonio Fernando Gonçalves Braga,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 28 de Agosto de 2018 .

Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Adomer Vilarinho,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 28 de agosto de 2018 .

Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Zercir Vilarinho,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 28 de Agosto de 2018 .

Zercir F Vilarinho
Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Daniel Aparicio Rosteiro,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 28 de agosto de 2018 .

Daniel Aparicio Rosteiro
Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu REYNALDO BERNUZZI,

abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 28 de Agosto de 2018 .

Reynaldo Bernuzzi

Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu _____,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 01 de setembro de 2018 .

_____
Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Mário Assumpção,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 3 de setembro de 2018 .

Mário Assumpção
Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Natalia Castilho Barbieri,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 7 de setembro de 2018 .

Natália Castilho Barbieri
Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Dorotéia do Carmo,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 10 de setembro de 2018 .

Dorotéia do Carmo Castigio
Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Rita Aparecida da Silva Fernandes,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 14 de setembro de 2018 .

RASFernandes.
Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu JOSE ANTONIO CORREA LAGES,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 14 de setembro de 2018 .

José Antonio Correa Lages
Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Igor Fernando Ramos,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 15 de setembro de 2018 .

Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Antonio Alberto Souza Franco,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 20 de setembro de 2018 .

Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Valilha Bueno da Silva,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 23 de Setembro de 2018 .

Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Sheila Bueno Facciolo,

abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 23 de Setembro de 2018 .

Sheila Bueno Facciolo

Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Geni Aparecida Padilha,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 24 de setembro de 2018 .

Padilha
Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu José Rubens Padilha,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 24 de setembro de 2018 .

Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu _____,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 26 de setembro de 2018 .

_____
Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Alceu Bigato,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 27 de setembro de 2018 .

Alceu Bigato
Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Lúcia Helena Gallegari dos Santos,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 04 de Outubro de 2018 .

Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Mayli Aparecida Alvares Perozolli,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 5 de outubro de 2018 .

Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Mafalda Maria Zimmermann Alvares,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 5 de outubro de 2018 .

Mafalda Maria Zimmermann Alvares
Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Jefferson de Brito e Silva Minelli,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 09 de Outubro de 2018 .

Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Maria da Graça Novais dos Santos, abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 09 de outubro de 2018 .

Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Fausto de Paulo e Silva Minelli,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 9 de outubro de 2018 .

Fausto de Paulo e Silva Minelli
Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Luiz Antonio de Miranda,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 10 de outubro de 2018 .

Luiz Antonio de Miranda
Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu João Batista Boresso,

abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 16 de outubro de 2018 .

Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Arthur Egydio Tamburus,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 16 de outubro de 2018 .

Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Pedro Antoniazzi,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 18 de Outubro de 2018 .

Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Alcebiades Rainhali,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 19 de outubro de 2018 .

Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Juarez de Almeida,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 25 de outubro de 2018 .

Juarez de Almeida
Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Silvio de Almeida Filho,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 28 de Novembro de 2018 .

Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Rosangela Buena,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 03 de dezembro de 2018 .

Buena

Assinatura do entrevistado

Autorizações de uso de arquivo pessoal:

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Adonis Vilarinho,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar meus arquivos pessoais, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 28 de agosto de 2018 .

Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Antonio Fernando Gonçalves Braga,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar meus arquivos pessoais, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 28 de AGOSTO de 2018.

Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu _____,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar meus arquivos pessoais, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 01 de setembro de 2018 .

_____
Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Mário Assumpção,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar meus arquivos pessoais, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 3 de setembro de 2018 .

Mário Assumpção

Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Natália Castilho Barbieri,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar meus arquivos pessoais, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 7 de setembro de 2018 .

Natália Castilho Barbieri
Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Rita Aparecida da Silva Fernandes, abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar meus arquivos pessoais, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 14 de setembro de 2018.

RAS Fernandes.
Assinatura do entrevistado

UNAERP Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá
CURSO DE JORNALISMO

AUTORIZAÇÃO

Eu Alceu Bigato,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar meus arquivos pessoais, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 27 de setembro de 2018 .

Alceu Bigato
Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Marli Aparecida Alvares Perozelli,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar meus arquivos pessoais, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 5 de outubro de 2018 .

Marli A.A. Perozelli
Assinatura do entrevistado

UNAERP Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá
CURSO DE JORNALISMO

AUTORIZAÇÃO

Eu Maria da Graça Novais Santos,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar meus arquivos pessoais, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 09 de outubro de 2018 .

Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Luiz Antonio de Miranda,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar meus arquivos pessoais, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 10 de outubro de 2018 .

Luiz Antonio de Miranda
Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Arthur Egydio Tamburus,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar meus arquivos pessoais, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 16 de outubro de 2018 .

Assinatura do entrevistado

UNAERP Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

CURSO DE JORNALISMO

AUTORIZAÇÃO

Eu João Batista Boresso,

abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar meus arquivos pessoais, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMORIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 16 de outubro de 2018 .

Assinatura do entrevistado

Autorizações de uso de arquivo escolar:

UNAERP Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

CURSO DE JORNALISMO

AUTORIZAÇÃO

Eu Talita Augusta Covó, abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações e arquivos da escola EE Dona Senhá Junqueira, por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMÓRIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 20 de Setembro de 2018 .

Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Regina Dibo,
abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações e arquivos da escola EE Hermínia Guagliano, por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMÓRIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto, 24 de setembro de 2018 .

Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

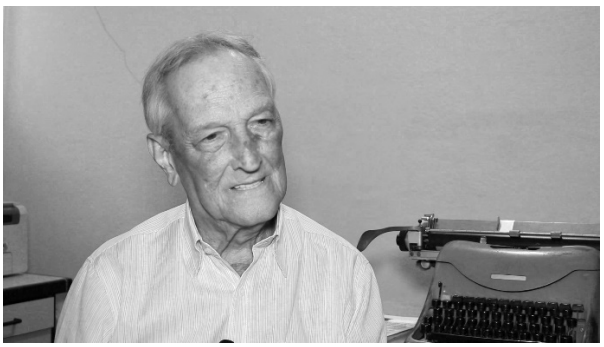
AUTORIZAÇÃO

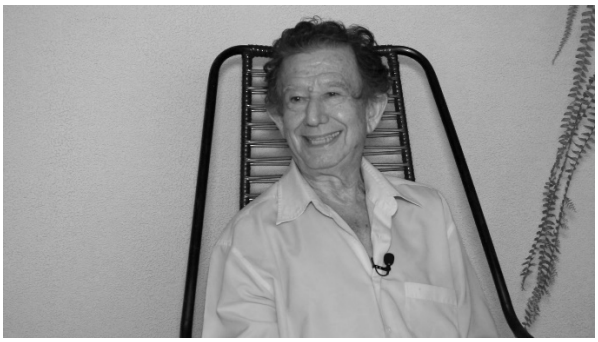
Eu MARIA JUSSARA DE OLIVEIRA, abaixo assinado(a), autorizo FRANCINE RODRIGUES estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações e arquivos da escola EE PROF. WALTER FERREIRA, por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: ***VILA TIBÉRIO – DA HERANÇA DE UMA TERRA À MEMÓRIAS DE UMA PAIXÃO*** e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Geraldo José Santiago.

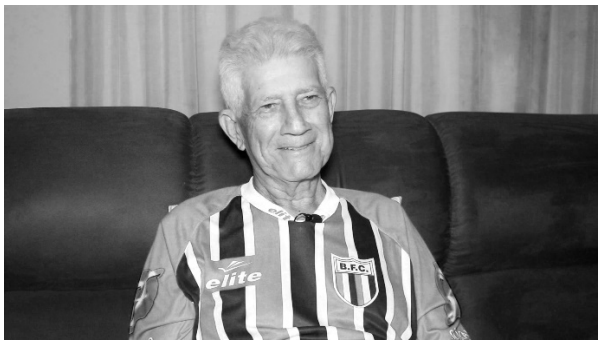
Ribeirão Preto, 31 de outubro de 2018 .

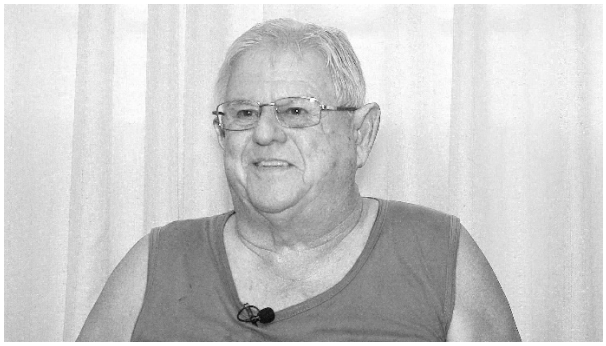
Assinatura do entrevistado

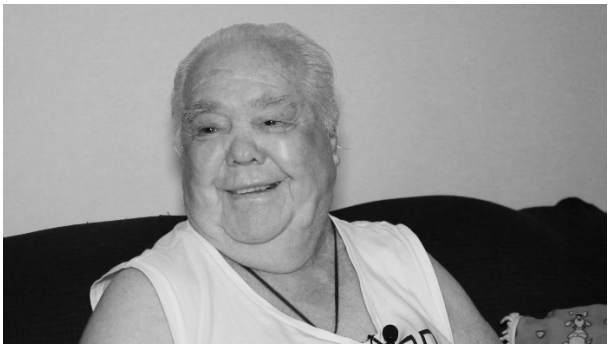
Fotos do acervo e produzidas pela autora:





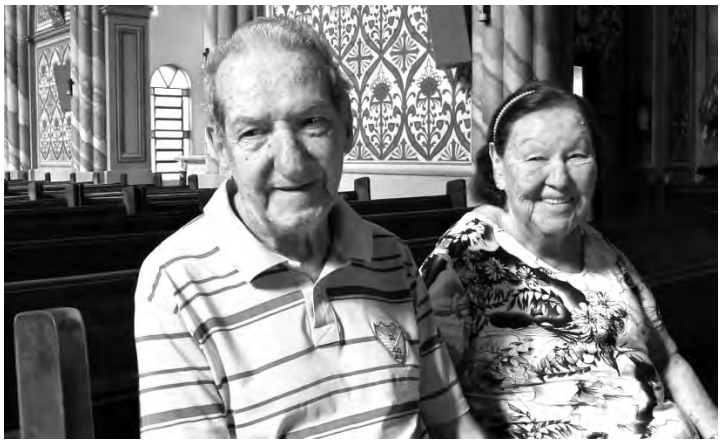

elite
B.F.C.

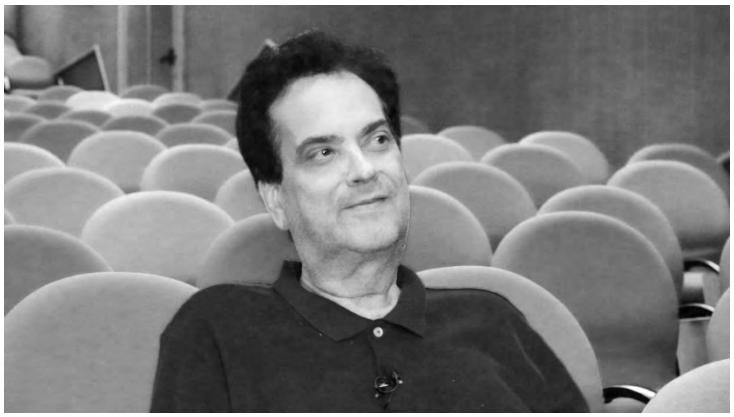


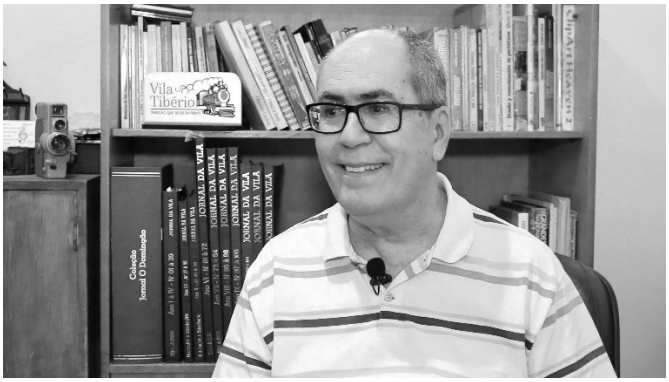
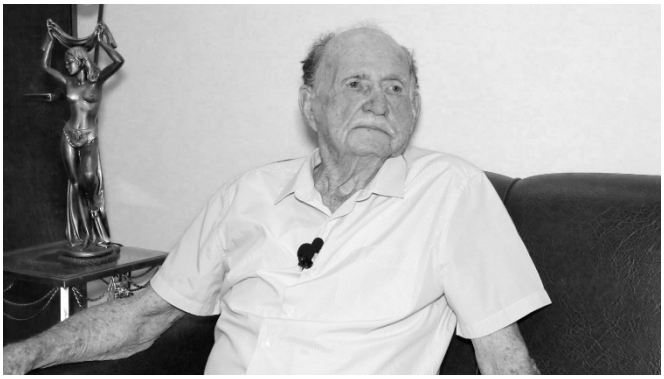


OAKLEY

ESCOLA ESTADUAL
DONA
SINHÁ JUNQUEIRA






Vila Tibério
Coleção
Jornal O Domingo
JORNAL DA VILA
JORNAL DA VILA
JORNAL DA VILA
JORNAL DA VILA
JORNAL DA VILA
JORNAL DA VILA
JORNAL DA VILA